

# ***IMAGINAR AS EXPERIÊNCIAS DOS OUTROS***

O CENTRO SOCIAL DA QUINTA DA SAÚDE

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA**

APRESENTADA POR MARIA PATHÉ  
E ORIENTADA PELO PROFESSOR DOUTOR NUNO BRANDÃO COSTA

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO 2019





*à cidade que me viu surgir e partir*



## *agradecimentos*

ao arquitecto Nuno Brandão Costa, pela disponibilidade e crítica assertiva,  
à minha família, o meu porto,  
à Tista, ao Peto e ao João, a minha casa no Porto,  
obrigada.

## *abstract*

*Imagining the experiences of others* is about Quinta da Saúde, a building complex (and a complex space) which integrates Portalegre's people collective memory and is, nowadays, abandoned. It's from its inherent complexity that all the issues come from throughout the process as well as the resulting premises, which are the dictators of the intervention.

The tonic of this dissertation is on the architect's responsibility. We propose an exercise which aims the city's sustainability as well as human dignity. This humanist leaning implies a commitment to knowing Quinta da Saúde as an organism, its relation with the city and the people who are going to guarantee that sustainability.

It's starting from the *return* and finishing in *conciliation* that this dissertation unwinds, being these the two consecutive relations with the Quinta throughout this journey.

## ***resumo***

*Imaginar as experiências dos outros* debruça-se sobre a Quinta da Saúde, complexo espacial (e espaço complexo) que integra a memória colectiva dos portalegrenses e que, actualmente, está entregue ao abandono. É desta complexidade que surgem as questões abordadas ao longo de todo o processo e as consequentes premissas que, por sua vez, são ditadoras das intervenções no lugar.

A tónica desta dissertação é colocada na questão da responsabilidade do arquitecto. Propõe-se um exercício que tem em vista tanto a sustentabilidade da cidade onde se desenha como a dignidade humana de para quem se desenha. Esta inclinação humanista implica um compromisso a conhecer a Quinta como organismo, a Quinta na sua relação com a cidade e as pessoas que irão garantir esta sustentabilidade.

É partindo do *retorno* e terminando na *conciliação* que esta dissertação se desenrola, sendo estas as duas relações consecutivas com a Quinta da Saúde no decorrer desta jornada.

Nota à edição:

*A presente dissertação não segue o novo Acordo Ortográfico, por decisão da autora.*

*As citações transcritas em português referentes a edições de língua não portuguesa foram sujeitas a uma tradução livre pela autora para proporcionar uma leitura contínua da prova.*

*Algumas das imagens apresentadas foram recortadas e/ou sofreram alterações cromáticas relativamente às originais.*

## **sumário:**

agradecimentos	
resumo   abstract	
nota prévia . . . . .	11
<i>Sinfonia Alentejana</i> . . . . .	15
<b>I. retorno</b>	
1. especificidades,	
<i>insular(c)idade</i> . . . . .	9
<i>a pérola da cidade</i> . . . . .	27
2. indagações,	
<i>a memória como âncora</i> . . . . .	35
<i>desenlace ilusório</i> . . . . .	41
<i>decifrar identidades</i> . . . . .	51
3. desenlace,	
<i>exponenciar</i> . . . . .	61
<i>programar</i> . . . . .	75
<i>Casa da Covilhã, Guimarães</i> . . . . .	85
<b>II. conciliação</b>	
1. diálogos,	
<i>desenhar uma conversa</i> . . . . .	89
<i>diferentes conversadores, diferentes conversas</i> . . . . .	95
2. desígnios,	
<i>da responsabilidade</i> . . . . .	119
<i>imaginar as experiências dos outros</i> . . . . .	125
último apontamento . . . . .	143
bibliografia . . . . .	145
iconografia . . . . .	149





## nota prévia

*Imaginar as experiências dos outros* parte de um lugar – a Quinta da Saúde – que integra a memória colectiva dos portalegrenses e que pretendemos revigorar através da reinserção nas lógicas urbanas. Pretendemos que seja resposta às lacunas por suprimir na sustentabilidade da cidade. A dissertação culmina num projecto para este lugar que é a síntese de um importante exercício de insistência na preponderância da responsabilidade social do arquitecto, e que implica conciliar diversas inquietações.

Apesar de já fazer parte da imagética da cidade, a relação que a autora desenvolveu com a Quinta durante o seu crescimento em Portalegre era muito epidérmica. Ora, na metafísica de Gonçalo M. Tavares, “*o que entendemos está dentro e o que não entendemos está fora. Compreender é puxar para dentro, não compreender é empurrar para fora ou manter lá fora.*”. Acrescenta ainda que “*Compreender é localizar. O pensamento define espaços e é definido por espaços; o pensamento lógico separa e aproxima, inclui e afasta. Funciona como uma estrutura que gere territórios (...)*”<sup>1</sup>. Só depois de definido o espaço deste lugar dentro do universo do pensamento, bem como o de todas as outras coisas que já o habitam, é que se passa à fase seguinte: organizar. “*Organizar é arrumar o que existe, é limpar os obstáculos à utilização do que já existe: é tornar eficaz a utilização do passado; de certa maneira é direccionar o que já se pensou.*”<sup>2</sup>. No fundo, é encadear, é construir discursos com base nos traços comuns e nas divergências dos diferentes espaços do pensamento que se criaram não só ao longo da investigação, como também ao longo do curso de Arquitectura.

Foi com base nesta lógica que se pensou na estrutura da presente dissertação. Desenrola-se em dois espaços: *retorno* e *conciliação*.

O *retorno* é exactamente o *puxar para dentro*. É regressar a um lugar que sempre esteve presente, mas cuja relação se quer mais íntima. É compreender a Quinta da Saúde em três momentos. *Especificidades* é uma aproximação contextual à Quinta e ao seu papel enquanto agente de promoção da cidade (a pérola da cidade). *Indagações* assume uma postura crítica à turistificação tendenciosa e é o espaço das reflexões metafísicas que definem a estratégia de acção (a obra aberta). *Desenlace* é um exercício de lógica que culmina num programa que se considera operativo e responsável para a Quinta: o Centro Social para idosos com demência e jovens adultos com necessidades especiais.

A *conciliação* é o espaço que se cria para *gerir esses territórios*. Em *diálogos*, compatibilizam-se as linguagens e volumetrias, e em *desígnios* gerem-se as novas necessidades de desenho que o programa exige. Os desenhos projectuais surgem, logicamente, ao longo deste segundo momento, à medida que são abordadas as temáticas que estão na sua génese.

1. Os Espacialistas. *Correr no perímetro de um círculo*, 2010

2. Os Espacialistas. *Andar de forma exagerada dentro da área de um círculo*, 2010

1. TAVARES, Gonçalo M. *Atlas do Corpo e da Imaginação*. Alfragide: Editorial Caminho, 2013, p. 31

2. *Ibid.*, p. 28



São cada vez mais evidentes as vantagens de cruzar a arquitectura com outras disciplinas que lhe possam ser complementares. A relação com a arqueologia, por exemplo, é já um assunto clássico intensamente abordado, que se tem demonstrado extremamente operativo quando à arquitectura lhe cabe lidar com um contexto arquitectónico que não é seu contemporâneo e que, por isso, precisa de ser informado. Há, no entanto, uma enorme variedade de contextos arquitectónicos e, portanto, uma enorme variedade de questões a priorizar. No caso desta dissertação, a natureza do projecto implica uma profunda sensibilidade e um cuidado de desenho acrescido, com uma inclinação muito humanística. O desenho dos espaços tem um papel terapêutico preponderante se for correctamente informado, pelo que explorar as tangências do desenho arquitectónico com o efeito psicológico poderá potenciar ambas estas disciplinas celebradas na Quinta da Saúde.

Assim, sentindo a responsabilidade de conhecer para quem desenhamos, foi indispensável o apoio de *informadores*. O primeiro foi o Dr. Raul Cordeiro que, envolvido em temáticas como a Enfermagem Gerontológica e a Psicologia, aliadas à sua naturalidade portalegrense, constituiu uma importante entidade de consultoria e validação. No universo mais específico da demência, a interpretação atenta do Pavilhão Irlandês para a Bienalle di Venezia 2016 dos arquitectos Niall McLaughlin e Yeoryia Manolopoulou, bem como de todo o trabalho de investigação inerente, foi essencial no processo. Numa vertente mais pessoal (ou sensível), a participação no Café Memória, uma iniciativa da Associação Alzheimer Portugal, permitiu um momento importante pelo contacto com idosos com demência. Fora estes três grandes pilares, a leitura de diversos psicólogos que já se interessam por estas tangências disciplinares permitiram a construção de um discurso coerente e fundamentado que expressa as minhas inquietações e suspeitas.

Aspira-se a que esta dissertação constitua uma espécie de manifesto pela responsabilidade. Espera-se que mostre como as respostas mais imediatas não devem ser prontamente tomadas como as mais operativas. Que a identidade (não encenada) dos lugares importa. Que as necessidades mudam e os programas mudam com elas. Que os programas podem suprimir lacunas sociais. Que as obras são abertas. Que a destruição mínima não impede que um edifício reviva. Que a arquitectura pode ser terapêutica. Que é importante imaginar as experiências dos outros se vamos desenhar para eles.



## SINFONIA ALENTEJANA

*A terra e o céu, até perder o tino, confundem-se num abraço.*

*Lá, onde a névoa violácea os irmana, dir-se-ia que o Mundo acaba.*

*Luz quente, a modos que toldada por vaga de poalha de oiro...*

*Na planície, falha de sombras convidativas, as coisas esfumam-se, em atitudes estáticas que a brisa não perturba, como vistas através de cristais embaciados. Julho moço!*

*O sol brilha, o sol queima, o sol trespassa. E a seara, ao sol, é um mar calmo, verde, da côr da esperança no trigo que dará pão.*

*Já as doze badaladas do meio-dia, vindas de longe, mais longe se perderam.*

*Sufoca-se... O canto continuado das cigarras convida à sonolência. E deixam-se adormecer os próprios elementos; dorme a própria paisagem.*

*Para além, no montado, dos contorcidos troncos erguem-se, súplices, os braços descarnados dos sobreiros, sangrentos, de côr terrosa, mendigando uma sêde de água.*

*Perto, uma vara de porcos, afocinha, grunhindo, na busca da bolota. E à sombra, sentado no chão, o pastor - de pelico surrado e velhos ceifões de pele de bórrego - saca do tarro de cortiça, lavrado a preceito, colheradas de açorda de poejos, que saboreia de espaço, de mistura com o trigueiro pão de centeio, nacos de toucinho frito e as azeitonas da corna.*

*Garridos, guizalhantes, na faina do leva e traz - cruzam na estrada os carros de varais, puxados por parelhas de mulas possantes com suas cabeçadas vistosas até mais não!*

*A calma é tanta que o monte da herdade parece deserto, com suas paredes muito caiadas, de um branco tão branco que fere a retina.*

*A terra inteira é um braseiro! Fecham-se as portas, fecham-se janelas, rega-se o chão de tejo vermelho e faz-se por dormir a sesta a que o silêncio convida, no quieto recolhimento próprio dos monges afeitos à solidão.*

*Planície alentejana! Ermo infinito onde o silêncio mora, por vezes só quebrado às trindades com as modas plangentes das companhas, de regresso ao monte, depois das mondas, das ceifas, da apanha da azeitona: - que saúdades eu tenho tuas!*

*E os tipos populares alentejanos! - O abegão, o maioral, o capataz, cada qual com seu modo, com seu jeito, com seu quê de autoridade, tão típicos no vestir, tão expressivos no falar!*

*No Alentejo tudo é grande. Só o homem é pequeno, mormente de deixa de ser ganhão e, por capricho da sorte, de degrau em degrau, chega a proprietário...*

*Então, sim! Então, à semelhança do lavrador abastado, também já pode dormir a sesta - o mais alto de todos os seus sonhos! - nas duras horas da tarde em que, com o sol a pino, impera a mais estranha quietação nas coisas e nas almas.<sup>1</sup>*

4. FERNANDES, Oliveira. *Sem título*.

5. JAUSS, A. Marie. *Sem título*.

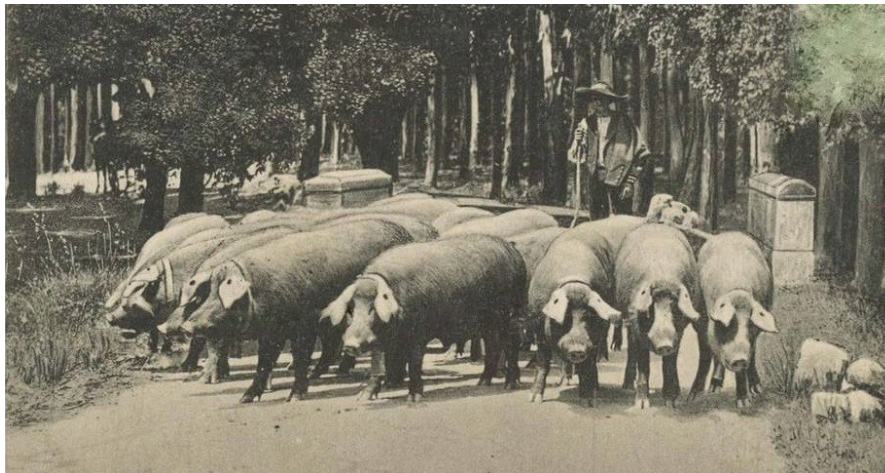
6. SANCHES, Francisco. *Sem título*.

1. TAVARES, Silva. "Sinfonia Alentejana" in *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, números 15 e 16. Lisboa: Edição do Secretariado da Propaganda Nacional, 1943, pp.26-28





## *I. retorno*





## 1. especificidades, *insular(c)idade*

*“Para todos os povos demorando entre Abrantes e Lisboa o Alto Alentejo está detraz, e para nascente daquela grande charneca, a maior de Portugal, conhecida em geologia por «Depressão do Sorraia» e que é, por excelência, a região das charnecas, e a única, como escrevia Barros Gomes em 1870, em que o número de cabras excede o número de habitantes.”<sup>22</sup>*

*“Se fores um devido nortenho, a tua reacção ao sul tomará uma de duas formas. Ou te tornas mais frígido (...) ou então a magia do sul irrompe repentinamente no teu coração, como o choque de um amor à primeira vista. Acontece quando vês uma ponte romana pela primeira vez, sentes o aroma de uma figueira ao sol e de urina seca no canto de uma parede.”<sup>23</sup>*

8. *Alemtejo: Uma manada de suínos*, postal de 1906

9. *Portugal: Um rebanho de ovelhas no Alemtejo*, postal de 1905

2. SAA, Mario, “O Isolamento do Alto-Alentejo” in *Album Alentejano*. Lisboa: Impressões Beleza, 1931, p. 560

3. BEAMISH, Huldine V., *The Hills of Alentejo*. Londres: Geoffrey Bles Ltd, 1958, p. 14



Desde cedo que a literatura constituiu um importante agente de *marketing* territorial por ser a principal plataforma descritiva da experiência de um viajante num país. Os cadernos de viagem funcionavam enquanto catalisador de curiosidade dos ávidos leitores e as regiões longínquas eram transportadas para o universo do exotismo, da ficção, do místico.

É numerosa a literatura de viagens de estrangeiros que vieram a Portugal ao longo dos séculos. No entanto, os relatos sobre Portalegre são escassos, uma vez que a viagem não se justificava pelo facto de a cidade não oferecer o que mais atraía os viajantes: termas, praias, estâncias, etc., e de os seus acessos serem escassos e tortuosos.

Fruto de feliz acidente, deparamo-nos com o livro *The Hills of Alentejo* da autoria de Huldine Beamish. Relata, mais que uma experiência turística passageira, as vivências da autora em comunhão com os portalegrenses durante vários anos na Quinta da Relva, na Serra de Portalegre. Trata-se de um relato muito interessante, escrito e fotográfico, no qual a autora fala da sua experiência de uma maneira muito afectuosa e tocante, quase como se falasse da sua própria casa e da sua própria família.<sup>a</sup>

a.

*A pessoa mais importante na Relva é o Possidónio (...). O Puss gosta de estar na Relva, a dormir nos quartos vazios onde se guardam batatas, colmeias e outras coisas. (...) Ele é útil quando questões de tradição ou costumes são levantadas, e inestimável de tantas outras maneiras, tendo numerosos contactos na cidade e no distrito; ele cria coelhos, toca piano e negocea gado com igual rapidez e facilidade. O Puss arranja bilhetes para touradas, assentos em comboios, e os cento e um detalhes que facilitam a minha vida. Ele não discute com ninguém e tem um grande sentido de humor. Nós chamamos-lhe Majestade, em parte para que ele não perceba quando falamos dele (apesar de eu ter a certeza de que ele sabe!), e em parte porque lhe assenta mesmo.*<sup>4</sup>

*“Atinge-te com o delicado verde das oliveiras, e o castanho alaranjado nos troncos dos carvalhos despidos de cortiça. (...) Aqui nos montes do Alentejo ainda prospera o estilo de vida são, entre um povo cujas necessidades são simples, cujos prazeres também são simples.”*<sup>5</sup>

Da mesma forma que o cruzar com este livro foi um feliz acidente, cremos que também a experiência de Beamish assim o foi. As escassas vias de comunicação constituíam um verdadeiro problema uma vez que a cidade existia numa condição de *quase-ilha* no país, sendo urgente erigir pontes com novas estratégias de atracção.

A estratégia de atracção de novas gentes à cidade passava pela organização de feiras e festejos sazonais que, apesar da sua eficiência, tinham um efeito efémero que não era suficiente para ultrapassar esta condição insular. Apon-tamos a canalização dos esforços para os âmbitos agrícola e industrial como explicação para esta passividade. Como resposta à mesma, a Sociedade de Propaganda de Portugal teve um papel preponderante no início do século XX na divulgação das virtuosidades da cidade.

A Sociedade de Propaganda de Portugal foi criada a 28 de fevereiro de 1906 e tinha como objectivo que Portugal fosse visitado e apreciado por nacionais e por estrangeiros, tendo tido uma grande e surpreendente receptividade pela população nacional. Com este fim, procurou instalar por todo o país um sistema de estruturas logísticas que permitissem práticas turísticas, bem como uma série de publicações onde se exibiam as actividades da associação. Os artigos eram

10. PASTOR, Artur. Série *Portugal Rural*, décadas de 40/50

11. PASTOR, Artur. Série *Portugal Rural*, décadas de 40/50

4. BEAMISH, Huldine V., [op. cit.], pp. 31-32

5. Ibid. pp. 14-15



publicados em português e em inglês.

Para o efeito, procedeu a uma série de medidas: inventários de monumentos, riquezas artísticas e lugares pitorescos; publicação de material promocional como guias e cartas de Portugal; organização de excursões; incentivo de melhoramento da hotelaria; propostas ao poder político para melhoria de estradas, portos e caminhos-de-ferro; proposta de abolição dos passaportes; concursos para hotéis, nos quais eram premiados os que mais tivessem progredido em termos sanitários; apelo à criação de delegações locais da associação.

O Alto Alentejo era um alvo deste esforço, visto que era uma zona marginalizada pelo seu difícil acesso e pela falta de investimento ou interesse, o que despoletou um ciclo vicioso. Em 1914, a Câmara de Portalegre acolheu uma conferência sobre o papel da S.P.P., inaugurando três delegações no distrito.

Nesse mesmo ano, iniciou a publicação de um novo órgão, a Propaganda de Portugal, sob a forma de jornal, dedicando duas páginas a Portalegre no nº3. Para além da divulgação dos monumentos do distrito, assinalava aquilo que a cidade tinha de melhor:

*“(...) mas onde Portalegre pode reivindicar as honras, tirar os proveitos de uma região de turismo de primeira ordem, é nos seus arredores, na sua belíssima serra. Sem nos demorarmos a descrever as muitas e grandes belezas da região, afirmamos que os arredores montanhosos de Portalegre constituem uma região de turismo, como estação de verão, das melhores de Portugal, desde que se faça por ela o pouco relativamente que ele necessita: boas vias de comunicação. Esta região, pondo-se em comunicação com o resto do país, reputamo-la superior ao Buçaco e ao Bom Jesus do Monte.”*<sup>6</sup>

Em 1915, na sede da S.P.P., realizou-se uma conferência intitulada *O Alto-Alentejo, Região e Turismo*, onde Luís Gomes, secretário da comissão directiva da delegação de Portalegre, defendia a necessidade de aproveitamento das potencialidades turísticas da região.

Outra forte componente de actividade da S.P.P. era a edição de materiais promocionais, sendo que Portalegre é ignorada em muitos deles. É de assinalar, no entanto, a sua menção no Manual do Viajante em Portugal, no qual o aspecto da cidade é criticado (“(...) pouco atraente pelos arruamentos estreitos, íngremes e mal calçados”) e as atenções e qualidades se focam na serra (“(...) com interessantes casinhas de campo a quem chamam «Sintra do Alentejo»”). Em 1918, a S.P.P. lança um guia sobre o Norte Alentejano: *No Alto Alentejo/Portalegre, Elvas, Castelo de Vide/Indicações gerais para uso dos viajantes*. Neste guia, é descrito o contraste de Portalegre com o restante Alentejo, salientando-se desta vez as características que a tornam numa cidade tão única. Abordam-se as suas valências (bancos, fábricas, correios, associações, divertimentos, ensino, artesanias, doçarias conventuais) e nele figura ainda um importante elogio à cidade:

6. Propaganda de Portugal, *Terras de Portugal. Portalegre*, nº3, 10 de Junho de 1914, p.5

7. COSTA, Leonildo de Mendonça, Manual do Viajante em Portugal com itinerários de Excursões em todo o País e para Madrid, Paris, Vigo, Santiago, Salamanca, Badajoz e Sevilha, Lisboa, Tipografia da Gazeta dos Caminhos de Ferro, 1924, 5.ª edição, p. 215. apud VENTURA, António, Cem Anos de Turismo em Portalegre. Publicações da Fundação Robinson, Nº14, 2009, p.46

12. PEREZ, Francisco Paino. *Corredoura de Baixo, Seminário, Calvário e Fonte do cano*. Portalegre, 1888

13. Vista sobre Portalegre na década de 40



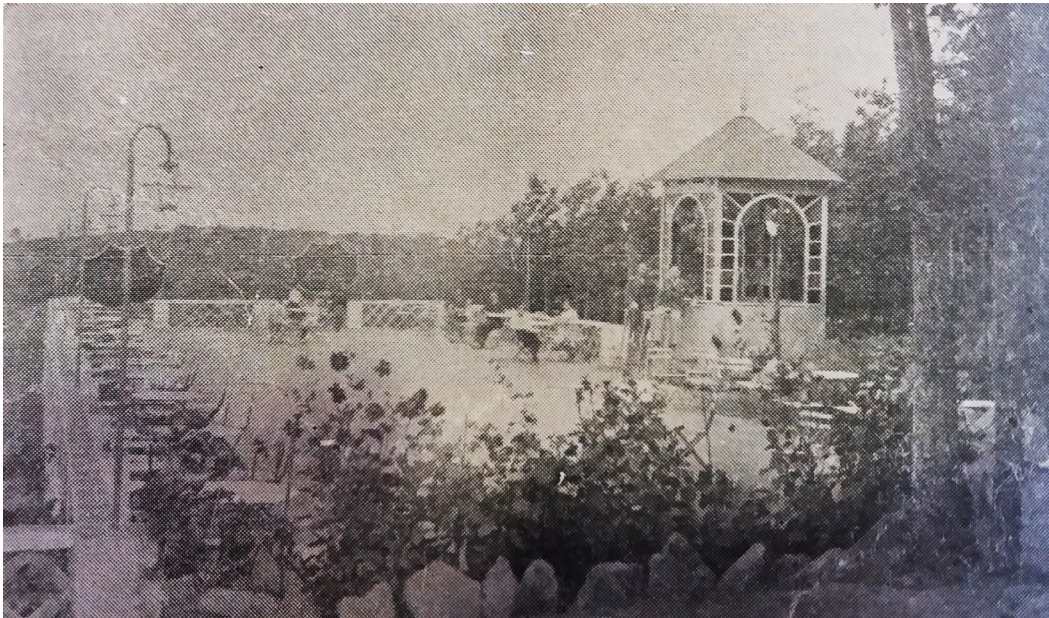


*“(...) é sempre agradável a surpresa que experimenta o turista que pela primeira vez visita a linda cidade do Alto Alentejo, pois vai quase sempre convencido de que ali encontrará mais um clássico trecho dessa província, que tão errada e injustificada reputação goza pelo que respeita a belezas naturais, quando é certo que as tem como todas as províncias, embora a paisagem seja mais diversa. O contraste entre Portalegre e o médio e baixo Alentejo é completo, e logo ali tem o forasteiro a primeira impressão das surpresas que o esperam”.<sup>8</sup>*

Embora muitas vezes esquecida pela Sociedade de Propaganda de Portugal, Portalegre adquiriu uma projecção nacional e internacional importante que, enquanto cidade interior e pouco acessível, não teria atingido por si só.

14. PEREZ, Francisco Paino. *Portalegre, vista do Largo de Sant'Ana*. Portalegre, 1888

8. Sociedade de Propaganda de Portugal, *No Alto Alentejo/Portalegre, Elvas, Castelo de Vide/Indicações gerais para uso dos viajantes*, 1918





1. especificidades,  
*a pérola da cidade*

*“(...) a essa sua filha adoptiva, que ele adora tanto como aos filhos próprios, civilizou-a, deu-lhe tudo para a tornar atraente, para a tornar bela entre as mais belas, para fazer dela uma pérola que todos desejassem.”*<sup>9</sup>



b.

“Sim, funcionava assim. Eu era quase considerada... dizia-se que eu tinha namorado aqueles rapazes todos. Eu trazia-os à cidade e vou contar uma coisa que acho muita graça. Nós íamos ali pela rua abaixo e um diz assim: «Buenos días!» para umas, e elas não responderam, e a espanhola voltava-se para trás e dizia: «Que diós te dé la habla y que a mi me dé mi burro!» E depois aquilo era tudo motivo para uma gargalhada pela rua abaixo e as pessoas nem sabiam do que é que nos estávamos a rir! Uma vez estava lá o Abel Portilheiro na esplanada e apareceu lá o Gui e o Manel com um saco de perdizes e foram-me lá acordar porque queriam aquilo feito! E eu disse-lhes: pronto, mas vocês depenam-nas e vão buscar melancias! Lá vieram eles pela azinhaga abaixo até ao Rossio buscar melancias. Porque vendiam melancias debaixo da árvore do Rossio. Ou seja, eu não sei a que horas me deitei a cozinhar aquilo tudo e à espera deles! Mas pronto! Era tudo tão natural entre nós que não fazia mal.”<sup>12</sup>

João Augusto de Carvalho Serra era proprietário de uma sapataria e possuía algumas propriedades urbanas e rústicas, dedicando-se também à actividade agrícola. Um dos seus filhos sofria de bronquite asmática, pelo que em 1912 utilizou um dos seus terrenos para construir uma casa de repouso para o seu filho onde pudesse usufruir dos bons ares da serra. Após a construção da casa, deu-se conta de que os seus amigos a procuravam todos os verões, apercebendo-se do potencial turístico do local que, para além das qualidades terapêuticas, tinha uma beleza natural inegável e muito apreciada, largamente divulgada pela imprensa local.

As virtuosidades da Serra começaram a ser conhecidas – muito graças à propaganda turística nacional, tendo-se iniciado uma procura sazonal da mesma. João Serra, numa atitude empreendedora, desenvolveu um projecto de extensão da Quinta, num total de 32 moradias, cada uma com 3 quartos, sala e cozinha. Era um projecto já com alguns avanços importantes, “(...) são lindos chalets, todos estucados; não se usa ali iluminação de azeite; consome-se electricidade”<sup>10</sup>, o que era uma estratégia de atracção para as classes altas. Existiam, no entanto, algumas impossibilidades infraestruturais, nomeadamente o bombeamento de água até ao cimo da Serra, pelo que os hóspedes não dispunham de casa de banho. Ainda assim, a Quinta teve um enorme sucesso nos anos 20, principalmente nos meses de verão, tanto graças aos veraneantes como aos pacientes que sofriam de doenças respiratórias (não contagiosas). Pensa-se que terá sido em 1927 que Virgínio Rego denominou a estância de *Quinta da Saúde*<sup>11</sup> – por motivos óbvios.<sup>b</sup>

Um outro inconveniente era o da acessibilidade: a única forma de chegar à Quinta era através de uma azinhaga (Azinhaga de Santo António). Suprindo esta deficiência, João Serra ordenou a construção da Estrada da Serra, recorrendo ao auxílio de muitos operários da Fábrica Robinson, que havia fechado recentemente.

A Quinta da Saúde foi visitada por uma grande quantidade de pessoas de renome e foi palco de eventos importantes, nomeadamente a inauguração do telefone em 1932. Os espanhóis e famílias abastadas da região eram também importantes e assíduos frequentadores da Quinta. Tendo em conta o estatuto social dos veraneantes, era necessário que a estância fosse do seu agrado. Neste sentido, possuía pessoal próprio, um automóvel com motorista que levava os hóspedes à cidade, posto médico, telefone e serviço regular de correio. Como organismo auto-suficiente onde os hóspedes passavam longas temporadas, foi necessário desenvolver actividades complementares como um casino, uma esplanada, uma capela, um campo de tiro aos pombos, “aos sábados à noite realizavam-se «ceias à americana» e bailes com a orquestra local «Ferrugem». Nesses programas de animação também incluíam burricadas até à Serra de São Mamede”<sup>13</sup>. Uma outra dinâmica interessante na Quinta

10. MURALHA, Pedro. “A Civilização na Serra” in *Vida Alentejana*, nº27, 19 de Março de 1935, p.1

11. O semanário *A Rabeca* escrevia: “acaba de ser cognominada Quinta da Saúde pelo nosso amigo Sr. Virgínio Rego”, nº569, 29-5-1927, p.3

12. Excerto da entrevista à Sra. Inês Serra (filha do Sr. João Serra) que ocorreu a 1 de Outubro de 2017

13. VENTURA, António. Op.cit., p.76

16. *Quinta da Saúde*. Autor desconhecido.

17. *Quinta da Saúde*. Autor desconhecido.



era a de que, muitas vezes, os hóspedes animavam o local por sua própria iniciativa, resultando numa convivência social pouco comum e ainda hoje falada e muito querida.

*“É bem certo o velho rifão: Querer é poder!”<sup>14</sup>. João Serra, “homem sem preparação intelectual, possuindo apenas alguns meios de fortuna, ele multiplicando-os com uma grande quantidade de capital de energia, e só com a sua energia contando vencer, ele, repetimos, lutando durante alguns anos por uma obra que idealizou, conseguiu ver enfim transformado em realidade esse seu sonho, que para a maioria dos homens não passaria de mera fantasia. Este bocado da Serra de Portalegre a que me estou referindo, e que há pouco mais de 12 anos era virgem e consequentemente selvagem, é hoje um autêntico Éden.”<sup>15</sup> A Quinta da Saúde materializa o desejo e a ternura de João Serra, é um projecto familiar: “a essa sua filha adoptiva, que ele adora tanto como aos filhos próprios, civilizou-a, deu-lhe tudo para a tornar atraente, para a tornar bela entre as mais belas, para fazer dela uma pérola que todos desejassem.”<sup>16</sup>*

E é esta pérola, sem dúvida, o motor do turismo na cidade de Portalegre. Em 1941, escrevia-se no Correio de Portalegre que *“(...) a Serra, constitui já hoje para Portalegre, uma importante fonte de receita. Digam-no os motoristas de praça, os hortelões, talhantes e merceeiros; digam-no a agricultura, a indústria e o comércio, em geral. A meu ver é mesmo ela e só ela que pode compensar a cidade de algumas fontes de vida cujo caudal se extinguiu ou grandemente enfraqueceu, como já hoje a compensa do êxodo, todos os anos, para praias e termas, de tantas famílias aqui residentes. Em verdade, é de muito maior importância económica do que poderá supor-se, a estadia todos os anos, no verão, das centenas de pessoas, oriundas dos quatro cantos do país, que a Serra atrai nessa época. (...) Não resta, pois, dúvida de que a serra é, verdadeiramente, o centro do turismo em Portalegre.”<sup>17</sup>*

Os próprios portalegrenses tinham a perfeita noção de que a Quinta da Saúde era um pequeno tesouro que engrenava fluxos de pessoas que visitavam a cidade, o que, consequentemente, alimentava e dinamizava a economia de Portalegre. *“A Serra é tanto o centro do turismo em Portalegre, como a Quinta da Saúde é o centro da Serra e, portanto, o fulcro do turismo local.”<sup>18</sup>*

Razões legais e financeiras parecem ter estado na origem do processo de degradação da Quinta da Saúde. As exigências legais foram sendo renovadas, inclusivamente pela Junta de Higiene (instalações sanitárias, água canalizada). João Serra não tinha a capacidade financeira de cumprir com todos os requisitos exigidos, celebrando a 1 de Abril de 1960 um contrato de arrendamento com a Câmara Municipal. Foi instalado um parque de campismo da Orbitur e diversas obras que alteraram significativamente a estrutura da Quinta, perdendo o seu aspecto cuidado e luxuriante. Foram demolidas diversas casas e foram ampliados os arruamentos, perdendo-se a escala humana do complexo. A “filha” de João Serra estava agora entregue às autoridades camarárias.

14. MURALHA, Pedro. Op.cit., loc.cit.

15. Ibid., loc.cit.

16. Ibid., p.2

17. PENHA, José. “A Serra de Portalegre e a Obra do Homem” in *Correio de Portalegre*, nº6, 19 de Novembro de 1941, p.1

18. PENHA, José. “A Serra de Portalegre e a Obra do Homem” in *Correio de Portalegre*, nº7, 26 de Novembro de 1941, p.1

18. Frames de *Festa dos aventais em Portalegre*. RTP Arquivos



A 19 de Dezembro de 1963, João Serra faleceu.

*Como V. Ex.<sup>a</sup> poderá calcular, é com o maior interesse que eu e os meus filhos lemos os artigos interessantes e sugestivos que o Senhor José da Penha, a quem por este meio dirijo o meu sincero obrigado, publicou sob o título: A Serra de Portalegre e a Obra do Homem. (...) E terminados esses artigos, permita V. Ex.<sup>a</sup> que eu lhe apresente e ao autor, os nossos melhores agradecimentos pelas referências feitas à Quinta da Saúde. Nem sempre o esforço tenaz que representa, pode crê-lo, a obra feita por nós, dentro e mesmo fora da Quinta da Saúde, e a sua importância para a vida da cidade tem sido reconhecido. E por isso mesmo, mais nos sensibilizou a apreciação amável sem dúvida, mas justa, agora feita. Não serei eu quem negue a existência de defeitos e de faltas, e estes hei-de saná-los na medida do possível. Mas mesmo assim, a Quinta da Saúde representa o esforço de vinte anos de trabalho insano, com dificuldades de toda a ordem na realização de uma ideia. É por isso talvez que as faltas e os defeitos mereçam ser desculpados e deva reconhecer-se que a Quinta da Saúde constitui uma iniciativa um tanto audaciosa, revela alguma força de vontade e afirma qualidades de trabalho.<sup>19</sup>*







2. indagações,  
*a memória como âncora*

*“Tínhamos uma horta, tínhamos. E tínhamos galinhas, coelhos, essas coisas assim. Por exemplo, nessa altura em que se enganaram porque as espanholas pediram a merluza, que era a pescada. Ai sr. Serra, o Zé Maria trouxe marmelada e agora não temos jantar! O meu pai logo: matem aí uma galinha ou um coelho ou uma coisa qualquer. Estava sempre presente.”<sup>1</sup>*



c.

*Numa casa portuguesa fica bem  
Pão e vinho sobre a mesa  
E se à porta humildemente bate alguém,  
Senta-se à mesa com a gente  
Fica bem essa fraqueza, fica bem,  
Que o povo nunca a desmente  
A alegria da pobreza  
Está nesta grande riqueza  
De dar, e ficar contente*

*Quatro paredes caiadas,  
Um cheirinho à alecrim,  
Um cacho de uvas doiradas,  
Duas rosas num jardim,  
Um São José de azulejo  
Mais o sol da primavera,  
Uma promessa de beijos  
Dois braços à minha espera  
É uma casa portuguesa, com certeza!  
É, com certeza, uma casa portuguesa!*

*No conforto pobrezinho do meu lar,  
Há fartura de carinho  
A cortina da janela e o luar,  
Mais o sol que bate nela  
Basta pouco, pouquinho pra alegrar  
Uma existência singela  
É só amor, pão e vinho  
E um caldo verde, verdinho  
A fumar na tijela*

*Quatro paredes caiadas,  
Um cheirinho à alecrim,  
Um cacho de uvas doiradas,  
Duas rosas num jardim,  
Um São José de azulejo  
Mais o sol da primavera,  
Uma promessa de beijos  
Dois braços à minha espera  
É uma casa portuguesa, com certeza!  
É, com certeza, uma casa portuguesa!  
É uma casa portuguesa, com certeza!  
É, com certeza, uma casa portuguesa!<sup>4</sup>*

A memória é uma faculdade da mente que despoleta uma resposta emocional. Temos memória de pessoas, lugares, episódios... Um lugar pode estar associado à memória, o que significa que um lugar pode desencadear certos sentimentos - ou a memória desse lugar. As paisagens não gozam de uma condição de imutabilidade. É essa mudança constante e inevitável que activa os nossos mecanismos de memória. Constitui-se como um “*processo cognitivo extraordinariamente flexível, versátil, maleável e frágil, e portanto, muito vulnerável à mudança, ao erro e também à falsificação. A memória não é um guardião neutro do passado.*”<sup>2</sup>, isto porque tem origem num ser dinâmico que inevitável e necessariamente age sobre a mesma. Cada recordação é fruto de uma realidade íntima e de uma outra partilhada, que é modificada, moldada e é ainda alvo de destilação “*nos intermináveis meandros do alambique da nossa própria identidade*”<sup>3</sup>.

A identidade reside na memória, pelo que, sendo a memória mutável, também a identidade o é. De geração para geração, algo se acrescenta ou retira ou transforma na identidade colectiva, de acordo com a amálgama das memórias dos *construtores de identidades* – que são todos aqueles a quem esta identidade se aplica. O memorial da identidade de Portugal não é excepção. E o *Antigamente é que era bom!* vem de mãos dadas com essa condição. Principalmente ao se tratar do povo português, que se diz ser, por natureza, um povo saudoso, eternamente apegado ao *Antigamente*, refém da “*obsidiante memória*”, como diz José Régio na *Toada de Portalegre*.

Diga-se que existe uma *Geração 1* (o *Antigamente*) e uma *Geração 2* (o *Agora*), associadas, respectivamente, a uma *Paisagem 1* e a uma *Paisagem 2*. A 1 associa a 2 à estranheza, ao feio, à incompreensão, à perda de autenticidade. Por outro lado, a *Geração 2* associa a anterior ao povo submisso, pobre, miserável, resignado e temente a Deus. (A religião como ópio do povo!). As gerações-legado de António Ferro, produto último de uma reciclagem da imagem de felicidade dos rurais e da vida do campo<sup>4</sup>. O Romantismo de Novecentos assenta neste universo vendido como confortável pelo Secretariado de Propaganda Nacional salazarista. Neste temor ao progresso e aos valores universais/uniformizadores. Assim, “*a ruralidade era como uma bola de ferro presa às asas do pensamento; às asas e aos pés*”<sup>5</sup>.

Trata-se de um discurso falacioso, desinformado e ingénuo. Este bucolismo que tanto se procura defender é irrealista e produto literário fictício. Com o processo de modernização, surgiu uma compreensível tendência para sobrevalorizar o urbano em detrimento do rural. A desruralização surge como processo inevitável e incontrollável, tornando o mundo rural num território descaracterizado e fragmentado, e as cidades num grande *bicho-papão* que se expande pelo território, devorando qualquer resquício derramado de pureza rural. A *Paisagem 2* toma conta da 1 e dessa substituição surgem consequências como “*o despovoamento, o envelhecimento, o abandono da produção agrícola e dos campos,*

2. GOLVANO, Fernando. “Memórias Metamórficas” in *Paisagens Periféricas*. Porto: Fundação de Serralves, 1998, p.20 apud RUIZ-VARGAS, José Maria, “La complejidad de la memoria” in AA.VV., *Claves de la memoria*. Valladolid: Ed. Trotta, 1997, p.11

3. Ibid., loc.cit.

4. FONSECA, Artur. *Uma Casa Portuguesa*, 1953

5. DOMINGUES, Álvaro. *Vida no Campo*. Porto: Dafne Editora, 2011, p. 22

21. Painéis de azulejos portalegrenses que tratam motivos agrícolas





*o desaparecimento de certos estilos de vida, saberes e práticas culturais – o interior*<sup>6</sup>. A imagem bucólica da ruralidade é um produto da imaginação de quem apenas acede ao rural para férias, para fugir da azáfama diária. Os verdadeiros alvos deste processo de desruralização sabem que a esfera rural não é nenhum paraíso bucólico, mas sim uma espécie de eterno purgatório de pensões, reformas, poupanças, remessas familiares, sacrifícios. O território rural tornou-se numa realidade híbrida e amorfa, cuja própria funcionalidade se altera, pois deixa de ser um produtor de alimentos para a cidade e passa a ser um espaço de recepção de população urbana que procura melhor qualidade de vida.

*“Desruralização é um conceito que se usa nas Ciências Sociais para denominar o processo de mutação sócio económica e territorial resultante da perda de importância da actividade agrícola e das culturas e modos de vida rurais tradicionais das sociedades camponesas”*<sup>7</sup>. É consequência de processos de industrialização/urbanização, sendo que Álvaro Domingues refere dois distintos: em *mancha de óleo* e *in situ*<sup>8</sup>. Na primeira, o território rural é engolido, ao passo que na segunda é dentro da própria ruralidade que surge esta industrialização/urbanização. Os limites entre o rural e o urbano diluem-se: *“falência da dicotomia convencional rural/urbano”*<sup>9</sup>. Isto porque ao se cruzarem duas realidades, dois modos de fazer, surge um produto que os combina e otimiza. Há, em Portugal, muitos territórios com paisagens transgénicas, na medida em que coexistem lado a lado campos, fábricas, bairros operários, igrejas, cidades, casas, hortas, capoeiras, estradas, caminhos-de-ferro. Deste cruzamento, resulta uma tradição artesanal, tanto para auto-consumo familiar, como para outros mercados não-locais (através de mediadores), que se traduz na transformação de matérias-primas locais, com base em conhecimentos tecnológicos e saberes comerciais.

O mundo rural está, portanto, longe do paraíso bucólico que faz parte de um imaginário inocente e desinformado de quem vive nos centros urbanos. É ainda mais longínquo das memórias da *verdade rural* pois nenhuma circunstância é impenetrável e *“o tempo acelerou e as mudanças são de uma força poderosa: velocidade e facilidade de deslocação, circulação de bens e informação.”*<sup>10</sup>.

Este sentimento de impotência perante a passagem do tempo e as mudanças que isso acarreta resultam na mitificação do mundo rural, numa espécie de febre delirante e num consequente trauma de perda. É um luto crónico<sup>11</sup> motivado pela constante presença de destroços do mundo rural, que funcionam como objectos que primem o gatilho da nossa memória e que empatam o processo de continuidade. O mundo rural funciona quase como que um fantasma que não permite avançar para uma nova existência, uma nova forma de agir sobre a realidade. (Levante-se âncora!)

6. Ibid., p. 23

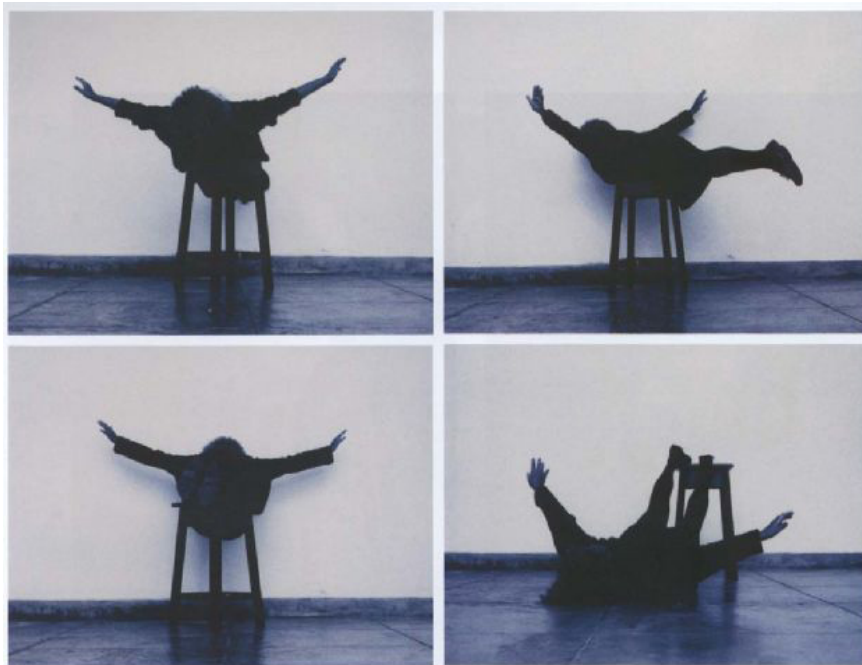
7. Ibid., p. 69

8. Ibid., p. 38

9. Ibid., p. 44

10. Ibid., p. 55

11. Ibid., p. 62



## 2. indagações, *desenlace ilusório*

*“A reabilitação não deve ser a máscara (literal) da tragédia (urbana) das cidades actuais, nem o «lifting» cosmético da máquina do turismo. Mas também não será o lugar de um espectáculo estético e nostálgico da memória ou de um passado ao qual já não podemos aceder. Será, antes, talvez, um lugar de encontro infiel com aquilo que foi esquecido. Mas que, apesar de esquecido e por recordar, permanece formulado no fundo da nossa memória. Não se trata de chegar a ver o passado, mas que o passado possa chegar até nós, não apenas na forma do monumento ou da contemplação estética, mas num modo de encontro, «in-contro» (do latim frente-a-frente) entre o que fomos e perdemos e o que ainda podemos ser e ganhar. Um modo de encontro que poderíamos chamar essencialmente um «habitus» ou um uso ou, então, um certo modo de habitar esse esquecimento que somos nós.”<sup>12</sup>*





A busca da autenticidade tem uma tendência Ruskiana<sup>13</sup>. Assume-se desconfortável e resistente à mudança, presa a historicismos, acabando por se dissolver no seu próprio paradoxo, explicado pelo arquitecto Alexandre Alves Costa: “o totalitarismo patrimonial não esconde uma utopia ou uma demagogia de continuidade – da vida, da cidade, da memória – que é, paradoxalmente, acompanhada pela liquidação quase sistemática da potência evocativa dos restos do passado”<sup>14</sup>. Torna a *continuidade* numa utopia, no sentido em que este interpretar literal funciona como um constrangimento na construção do futuro por defender a intocabilidade das arquitecturas do passado. A Industrialização, nestes moldes, é encarada como uma ameaça e não como uma plataforma de progresso.

*“Não nos deixemos enganar em relação a este assunto importante: é impossível, tão impossível como ressuscitar os mortos, recuperar algo que já foi grandioso ou bonito em arquitectura.”*<sup>15</sup>.

d.

*“A sua glória está em sua idade, e naquela profunda sensação de ressonância, de vigilância severa, de misteriosa compaixão, até mesmo de aprovação ou condenação, que sentimos em paredes que há tempos são banhadas pelas ondas passageiras da humanidade. [Sua glória] Está no seu testemunho duradouro diante dos homens, no seu sereno contraste com o carácter transitório de todas as coisas, na força que - através da passagem das estações e dos tempos, e do declínio e nascimento das dinastias, e da mudança da face da terra, e dos contornos do mar - mantém sua forma esculpida por um tempo insuperável, conecta períodos esquecidos e sucessivos uns aos outros, e constitui em parte a identidade, por concentrar a afinidade, das nações.”*<sup>16</sup>

É em premissas como esta que assenta a postura ideológica do Estado Novo, materializando-se em mimetismos de modelos ruralizantes e no dogma de uma arquitectura popular como mote para a recuperação de uma paisagem rural que se julgava perdida. Esta paisagem encenada é encarada como uma esperança de recuperação da essência tradicional, como uma heróica “*barreira contra a universalização e a alienante invasão cultural estrangeira.*”<sup>16</sup> É este romantismo ilusório que é importante combater: “*Recuperar um edifício não é repará-lo, ou mantê-lo ou reconstruí-lo, é restabelecê-lo num estado último que nunca existiu antes.*”<sup>17</sup>. O desejo patriótico e a defesa de uma unidade de estilo implicam uma paragem inevitável no tempo, que tem a garantia de felicidade e de pureza como *marketing*. O impedir do natural fluir da história e o lutar contra a corrente do progresso torna esta ingenuidade numa perigosa represa. “*(...) a História vale na medida em que pode resolver os problemas do presente e na medida em que se torna um auxiliar e não uma obsessão*”<sup>18</sup>, pelo que não é esta postura romântica que ajudará no processo de reencontro da identidade nacional.

Entende-se que a identidade deriva da autenticidade. É dizer, aquilo que torna certa população naquilo que é (que a identifica – sem generalizar), é o seu carácter, o seu espírito, é “*o pensar, sentir e viver do mundo*”<sup>19</sup>, é – em Portugal - a “*verdade portuguesa*”<sup>20</sup>. Ora, ao optar por seguir uma premissa *a priori* - como o é esta arquitectura dita de tradicional, mas que, na verdade, assenta em motivos

13. RUSKIN, John. *A Lâmpada da Memória*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008, p.68

14. COSTA, Alexandre Alves. “O Património: Entre a Aposta Arriscada e a Confidência Nascida da Intimidade” in *Jornal dos Arquitectos*, Lisboa, Nº 213 (Nov./Dez. 2003), p.7

15. John Ruskin. 1849 apud. OMA. “Two conflicting ideologies continue to subject preservation to a systematic schizophrenia between RUIN and RESTORATION.” in *CRONOCAOS*, Venice Biennale 2010

16. TOMÉ, Miguel. *Património e restauro em Portugal*. Porto: FAUP Publicações, 2002, p.153

17. Eugène Viollet-le-Duc, 1855 apud. OMA. “Two conflicting ideologies continue to subject preservation to a systematic schizophrenia between RUIN and RESTORATION.” in *CRONOCAOS*, Venice Biennale 2010

18. TÁVORA, Fernando. “O problema da casa portuguesa” in *Cadernos de Arquitectura* Nº1. Lisboa: Editorial Organizações Lda., 1947, p.7

19. Ibid., p. 6

20. Ibid., p. 8

24. CARDOSO, António Homem. *Restaurante e estruturas de apoio turístico no Palácio da Pena*. Sintra, 2000



decorativos e em premissas formais - a tão aspirada identidade acaba por se diluir por ser uma fabricação e não um resultado natural que decorre da autenticidade. “*Arquitectura é a arte de fazer coincidir as formas de uma civilização com o seu conteúdo*”<sup>21</sup>, devendo existir *em função de* e não como *imposição de*.

A questão da busca da identidade portuguesa cruza-se inevitavelmente com o recorrente tema do *turismo rural*. Cruza-se exactamente por não se tratar de uma busca, mas sim de uma construção idealizada/ensaiada de uma identidade, com base em ideais nacionalistas, que acaba por imergir o país numa total amorfia. Em 1942, o próprio António Ferro afirma que se deve “*aproveitar o tempo de guerra para encenar turisticamente o País de norte a sul*.”<sup>22</sup>

O turismo pode desempenhar, na verdade, um papel importante e bastante positivo se for factor de desenvolvimento do país, aliando-o a um aprofundamento da identidade nacional. É, sem dúvida – e sempre foi – factor de desenvolvimento, no sentido em que o país se infraestruturou a uma velocidade alucinante de modo a poder responder à afluência turística. Foi absolutamente preponderante para o investimento na capilaridade da rede de circulação, tendo sido construídas novas redes viárias por todo o país. Para além destas, também os principais pólos turísticos foram desenvolvidos, promovendo o nascimento, por necessidade, de políticas de planeamento urbanístico. Contudo, muitas vezes, esta construção era tudo menos planeada ou, mais grave ainda, os próprios planos urbanísticos eram demasiado ambiciosos e pouco ponderados, tendo resultado, por exemplo, em soluções de aldeamentos e de urbanizações excessivas na costa do Algarve, que acabaram por descaracterizar completamente uma região que primava pelo pitoresco.

Atentando, novamente, no discurso de António Ferro, este simulacro é fácil de inferir: “*o turismo perde, assim, o seu carácter de pequena e frívola indústria para desempenhar o altíssimo papel de encenador e decorador da nação. (...) O país metropolitano não é grande e não será difícil, com método e paciência, ir retocando, pouco a pouco, a sua fachada, dando-lhe a tonalidade, a graça e a frescura de uma aquarela viva*.”<sup>23</sup> Defende-se, aqui, o simulacro, a encenação e a resistência ao autêntico como forma de jogar pelo seguro com receitas que já se sabem vencedoras. Põe-se de lado a autenticidade de um lugar para dar lugar a uma previsibilidade cómoda e rentável. “*Para responder aos gostos e ao imaginário dos turistas, os solares e as suas quintas e jardins são kitados com várias próteses e dispositivos como campos de ténis, piscinas, tendas para casamentos e festas e tudo o mais que o mercado puxar: ócio & negócio*.”<sup>24</sup> O turismo rural é uma vertente do turismo que explora esta receita aparentemente segura que compromete a identidade dos lugares. O arquitecto Keil do Amaral relembra o modelo de onde poderá ter sido retirada esta vertente do turismo: “*o lorde inglês, no seu jardim, podando as roseiras e trocando impressões desprezíveis sobre floricultura com os hóspedes*.”<sup>25</sup> Ora, assumindo que poderá ter sido esta a fonte de inspiração,

25. PARR, Martin. Da série *Small World*. Kaiser Wilhelm Gedachtniskirche, Berlim, Alemanha, 1996

26. PARR, Martin. Da série *Small World*. The Leaning Tower of Pisa, Pisa, Itália. 1990.

27. PARR, Martin. Da série *Small World*. Acropolis, Atenas, Grécia, 1991.

28. PARR, Martin. Da série *Small World*. Kleine Scheidegg, Suíça, 1990

21. Ibid. apud W. Lescaze

22. MATOS, Madalena Cunha. “Turismo e Território: Notas sobre uma Relação” in *Jornal dos Arquitectos – As Praias de Portugal* 2, nº197. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, Setembro/Outubro de 2000, p.29 apud António Ferro

23. FERRO, António. *Turismo: Fonte de riqueza e poesia*. Lisboa: Edições S.N.I., 1948, pp. 34-35

24. DOMINGUES, Álvaro, Op. cit., p. 176

25. DO AMARAL, Francisco P. Keil. “Turismo-Habitação, Turismo Rural, Turismo «Outro»” in *Jornal dos Arquitectos – As Praias de Portugal* 1, nº196. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, Maio/Junho 2000, p.27





o que tem esta prática de autêntico? Como pode esta celebrar a identidade do lugar se evoca costumes que nem portugueses são? Ainda para mais, sendo um modelo, tem necessariamente como bagagem uma conotação repetitiva que insiste na inevitável previsibilidade: *“Lá estão os candeeiros feitos com a roda da carroça; as alfaías agrícolas envernizadas e suspensas no tecto; o galo de Barcelos; a última ceia em tapete de Arraiolos feito na China; os naperons de plástico; o linóleo a imitar parquet; os azulejos estilo século (sic.), etc., etc.”*<sup>26</sup>

Quando se fala de uma cidade fragmentada pela industrialização com uma crise de identidade, como é o caso da cidade de Portalegre, não soa como um atraente e interessante destino turístico. Na verdade, para qualquer um, soará mais como um paciente que precisa de cuidados médicos imediatos para que a maleita não se espraie descontroladamente. O turismo rural não é uma cura. Talvez seja maquilhagem para envermelhecer as pálidas maçãs do rosto de uma cidade debilitada e anémica, mas não resolve o verdadeiro problema de uma cidade que não reconhece o seu próprio nome. Citando Keil do Amaral, *“esta ideia de aproveitar um nicho do mercado turístico (...) foi boa, teve algum sucesso e parece poder crescer ainda em quantidade. Sem que isso seja, claro, a salvação da província e do mundo rural.”*<sup>27</sup>

Mas mais que criticar a ingenuidade de uma solução provavelmente infrutífera, criticam-se as intenções puramente capitalistas que acabam por resultar na descaracterização e na perda do sentido de lugar. O turismo rural acaba por se traduzir numa produção em massa de espaços repetitivos e semelhantes pelo país.

Não podemos, no entanto, ser intransigentes e não reconhecer a relevância do turismo enquanto actividade económica. Analisando um caso específico de turismo rural - Taramundi (Astúrias)<sup>28</sup> - é interessante ver como efectivamente esta vertente turística foi de absoluta preponderância no desenvolvimento da aldeia. Inserida numa área rural deprimida, com infraestruturas e serviços básicos muito precários, a comunicação com o restante território das Astúrias era bastante dificultada, caindo numa espiral de desamparo e isolamento. A par desta situação, as actividades económicas principais sofreram um enorme retrocesso, pelo que o êxodo rural que se verificava era mais do que justificável e completamente descontrolado. Taramundi estava a desaparecer lentamente e era necessária uma intervenção rápida e eficaz que se traduziu no *Plan para la Conservación y el Desarrollo de los Recursos Turísticos del Concejo de Taramundi*. Este plano apoiava-se na premissa do turismo rural enquanto eixo principal de dinamização económica, e a verdade é que Taramundi foi um caso de sucesso. Recorrendo às qualidades da paisagem natural e aos costumes da aldeia como factor de atracção, apostou-se num forte investimento na melhoria das infraestruturas bem como na construção de um núcleo turístico com alojamento e restauração. Esta iniciativa traduziu-se em motivação para os investidores privados, iniciando-se uma dinâmica turística

26. Ibid., p. 27

27. Ibid., p. 26

28. Análise com base no artigo: PEREZ, Eduardo; GANSO, Manuela; “La influencia del turismo em el desarrollo rural: proyecto piloto de Taramund” in *Sociedade e Território*, nº28. Porto: Edições Afrontamento, 1998, pp.69-78

29. SAILER, Gregor. *“Potemkin villages” expose a world of architectural fakery*. 2016.



muito forte na aldeia, que foi responsável pela reactivação económica da mesma e consequente rompimento do êxodo que até então se registava. É importante notar que o turismo não se tornou na actividade principal da aldeia, mas sim numa forma de tornar possíveis as restantes actividades tradicionais.

Efectivamente, o território rural perfila-se muito interessante por todas as questões que levanta. Tal já foi, inclusivamente, constatado pelo arquitecto Rem Koolhaas em comentários à exposição dos OMA no Barbican Centre em Londres. Este declarou que iria “*voltar costas às cidades*” e que se iria focar nas questões da ruralidade: “*Milhões migraram do campo para a cidade. Deixaram para trás um território estranho para experimentação genética, imigração intermitente e grandes transações de propriedade. É verdadeiramente fascinante quando olhamos para ele com atenção.*”<sup>29</sup>





## 2. indagações, *decifrar identidades*

*“Num mundo cada vez mais globalizado, temos de construir a nossa identidade sem preconceitos, ou clichés. Esta identidade que nos dá conforto e segurança, que nos faz “sentir em casa”, é resultado de um processo de experiência e classificação, em que nos revemos em determinadas vivências e acontecimentos anteriores e que nos permite construir a história da nossa existência, enquadrá-la no presente e projectá-la para o futuro, mantendo uma certa tradição. Uma tradição aqui encarada não como oposição à modernidade, mas com a necessidade de uma referência, de um território.”*<sup>30</sup>

31. LEISGEN, Barbara; LEISGEN, Michael. *Mimesis*, 1972-1973

30. ALARCÃO, Pedro. *Construir a ruína: a propósito da cidade romanizada de Conimbriga*. Porto: FAUP, 2009, p.12



Entendemos que o objectivo último de qualquer entidade arquitectónica é, mais que ter valor e significado em si mesma, inserir-se num contexto que a embeba e, simultaneamente, acrescentar algo mais de si a um contexto que dela pode beber, numa simbiose que reforça e constrói a identidade de um território. Dito isto, a noção de *lugar* sobrepõe-se à de *espaço*, sendo que a identidade (e autenticidade) de um lugar está associada à atmosfera do mesmo, ao seu carácter, e não ao vazio encerrado por quatro paredes, independentemente do seu nível de qualificação.

A *Arquitectura* é uma área pluridisciplinar, que não nasce ou cresce en-simesmada. Uma entidade arquitectónica nunca existirá sem ser contagiada por outras áreas de conhecimento. A história<sup>31</sup> desempenha aqui um papel crucial e de grande preponderância, no sentido em que, mais do que a carga arqueológica do lugar – a História: também a ter, obviamente, em conta – interessa frisar a memória associada ao mesmo, a já referida autenticidade atmosférica. É exactamente este o ponto de partida para a intervenção.

Ora, uma entidade arquitectónica que flua e que, quase naturalmente, integre o lugar, é mais facilmente compreendida/acolhida pela população. Uma entidade sensível ao peso da história (ao memorial colectivo), que não o contorne (no fundo, que não seja alheia à identidade do lugar e, consequentemente, da população), acaba por ser entranhada sem ser estranhada. Quando tal temido desfecho ocorre, pode chegar a ser trágico, uma vez que *“uma sociedade pode carecer de uma arquitectura que expresse os seus anseios profundos (e mesmo contraditórios) e incorrer no perigo de que os seus próprios mecanismos económicos e produtivos estrangulem essa expressão culturalmente necessária”*<sup>32</sup>.

É ainda essencial – numa fase *a priori* de investigação, ligada à sociologia e até à psicologia – um estudo sobre como a entidade arquitectónica pode afectar o comportamento das populações em questão, uma vez que os diálogos entre ambos são inevitáveis. Cabe então ao arquitecto ser sensível a estas questões e a não se refugiar na museificação, pois nesse caso o mais provável é que essas entidades, ainda que não intencionalmente, se tornem objectos abstractos, completamente desligados de qualquer contexto, desprovidos de qualquer carga simbólica. Caem no domínio do genérico pois deixam de estar ligados a situações e significados concretos.

*“Não transformando, cristaliza-se o passado e ao arquitecto destina-se o papel de construção do mausoléu e o estabelecimento dos circuitos de visita que expliquem uma entidade sem vida, cujo convívio com a nossa contemporaneidade nos parece útil para lhe explicar os fundamentos. É a Torre do Tombo dos vestígios materiais, (...) uma espécie de arquitectura do silêncio.”*<sup>33</sup>.

31. Note-se que história foi escrito com letra minúscula propositadamente, como estratégia de alargamento da conotação da palavra

32. PORTAS, Nuno. *A Arquitectura para Hoje*. Lisboa: Livros Horizonte Lda., 2008, p.71

33. COSTA, Alexandre Alves, Op.cit., p.11

32. MARGARIDO, Diogo. *Cozinha em Vales*. Marvão, 1959





A dificuldade de trabalhar com estratos temporais muito distintos está em ter que lidar tanto com os fantasmas do passado como com os receios do futuro. O problema da construção no presente está exactamente em fazer uma ponte entre estes dois espaços temporais (aparentemente) tão dicotómicos. Está na responsabilidade de dar uma continuidade ao passado tendo sempre o traçar das bases para o futuro em vista. Tanto que “*a História vale quando resolve os problemas do presente e não quando se torna uma obsessão*.”<sup>34</sup>. “*A obsessão por fazer reviver tudo equivale a uma não-memória. Daí que essa vontade de erigir tudo em museu, e em património, alimenta esperanças fósseis*.”<sup>35</sup>. Esta forma de pensar não é congruente com a realidade: vive-se numa sociedade em constante mutação, cujas premissas são fugazes e movediças, sendo necessária uma constante adaptação e até uma certa capacidade de previsão – embora muitas vezes não corresponda ao que acaba por se materializar.

Traçámos até aqui o caminho para dissecar a ideia de *obra aberta* abordada por Nuno Portas, que transporta para um outro universo: a obra vista como disponível para receber transformações ao longo do tempo. Quando nos referimos a transformações, não é sobre mudar a decoração da sala de jantar. Falamos de transformações mais profundas que exigem flexibilidade e disponibilidade, uma vez que o passar do tempo implica mudança e, consequentemente, necessidade de adaptação a essa mesma mudança. A arquitectura deve, então, ter em conta a “*sobrevivência funcional relacionada com a passagem das estritas necessidades que inicialmente a formaram*.”<sup>36</sup>. Quer isto dizer que, apesar de uma obra nascer da identidade de um lugar - num certo espaço temporal – e, portanto, de certas necessidades que a catalisaram, não se pode manter presa a tais premissas iniciais. É, efectivamente, uma questão de difícil (ou impossível) previsão, não podendo ser detectada no trabalho de concepção do projecto, uma vez que é uma metamorfose imparável motivada pelos acontecimentos e pelas gentes (também estes imparáveis). Ainda assim, Nuno Portas vai mais longe e considera que “*estar viciada (até no sentido em que o termo se aplica ao ar) a obra que se aproxima do limite constituído pelo emprego exclusivo de definida linguagem anterior, isto é, na qual esta não é estruturada pela resolução consciente das implicações reconhecidas no problema actual*.”<sup>37</sup>.

Ora, ou se desenhavam todos os espaços com uma descaracterização tal que lhes garantisse a polivalência total (se é que tal é possível), ou então aposta-se na possibilidade de “*introduzir uma relatividade no princípio do funcionalismo*”<sup>38</sup> e admite-se a possibilidade da mutação do programa num mesmo edifício. Esta não pode, no entanto, ser arbitrária: será uma acção que conserve ou até robusteça a autenticidade do lugar, numa atitude respeitosa para com o legado da memória, facilitando a apreensão do seu âmago. Não sendo um mimetismo do anteriormente materializado, será uma nova forma de contar a história do lugar, porque “*nunca ninguém contará a mesma história da mesma maneira*.”<sup>39</sup>.

34. TÁVORA, Fernando. *O Problema da Casa Portuguesa*. Lisboa: Editorial Organizações, Lda., 1947, p.7

35. Baudrillard, Conferência proferida em San Sebastián, organizada por KM Kulturunea, 26/02/1996 apud. GOLVANO, Fernando. Op.cit., p.22

36. PORTAS, Nuno. Op.cit. p.81

37. Ibid., p. 87

38. Ibid., p. 79

39. BORGES, Jorge Luís apud. VICENTE, Manuel. “Um Sítio para a Memória” in *Jornal dos Arquitectos – As Praias de Portugal* 2, nº197. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, Setembro/Outubro 2000, p.2





e.

“É que para se ter a Serra e fazer ali qualquer coisa, exige sacrifícios. Às vezes chegava uma família à hora de almoço e nós tínhamos que lhes dar a comida que era o nosso almoço. Havia estas coisas assim, e naquela altura ninguém estava para se sacrificar dessa maneira. Mas nós como fomos criados nisso, não achávamos estranho, era normalíssimo, pronto.”

“Ah, e depois foram também as Cardoso de Lemos, família riquíssima, não é? «Oh sr. Zé, faça lá um campo de ténis que nós gostamos de ténis e assim». E no outro ano, quando foram, já havia o campo de ténis. Fazia assim essas coisas, percebes?”<sup>41</sup>

Continuando a explorar esta linha de pensamento focada na autenticidade, e cruzando-a com o ambiente rural e com a vontade de o cruzar com a urbanidade, é absolutamente fulcral não pensar no rural e no urbano como duas entidades dicotómicas (pois aí já se parte da sua diferença e não da sua similitude). Devem ser encarados como dois discursos interligados, ambos problemáticos, mas que podem cooperar numa simbiose que, permitindo a visualização e o entendimento do território como um todo, pode desvendar soluções até então invisíveis. Deste modo, a periferia rural acaba por se tornar “*parte integrante de um sistema urbano central, estabelecendo uma interdependência funcional mais do que uma hierarquia territorial*.”<sup>40</sup>

Regressando ao domínio físico, debruçamo-nos sobre a motivação desta reflexão: a Quinta da Saúde. Questionam-se os princípios que guiarão o desenvolvimento de uma proposta equilibrada e sensata, considerando-se que a Quinta encerra em si um potencial que se pode tornar operativo numa cidade que encerra problemáticas que os próprios habitantes já encaram como patológicas. Tal operatividade terá que decorrer de uma indispensável recuperação de um vínculo com a cidade (físico e metafísico) sem, no entanto, desrespeitar a autenticidade já tão querida e tão presente na memória dos portalegrenses, ainda que sob a forma de um espectro longínquo.

Numa tentativa, talvez ingénua, de interpretar a identidade da Quinta da Saúde, questiona-se a origem da atmosfera tão específica do lugar. Começa-se pela análise da sua história, constatando-se que começou por ser um sanatório, um lugar relacionado com o bem-estar, com a saúde, com a cura, com o ultrapassar de obstáculos físicos e mentais. A motivação de João Serra foi o seu próprio filho que sofria de uma patologia respiratória, sendo que, num gesto de amabilidade para com os interesses que surgiram na altura, acabou por ir expandindo cada vez mais a obra inicial, de forma a abrir as portas do sanatório a todas as pessoas que dele quisessem usufruir. Desde cedo, esta disponibilidade e abertura do lugar se manifestaram. E desde logo, uma das premissas mais vincadas foi a natureza como intrínseca à obra. Mais que isso, foi uma obra que nasceu da natureza envolvente. Foi graças a esta motivação que aquela porção de terra foi retirada do anonimato e entregue à sua identidade.

Ainda na lógica desta ideia de repouso, a Quinta começou a ser procurada por veraneantes graças à fama da sua beleza natural. Passavam lá todo o verão e a cada vez maior afluência tornou necessária a flexibilidade do lugar. O programa alterou, uma vez que deixou de ser um lugar dedicado a doentes respiratórios para ser um lugar onde se respira a natureza, um lugar sem par para então. Foram necessárias adaptações e grandes expansões a nível projectual, sem, no entanto se ter comprometido a identidade do lugar. Pelo contrário, a esta acrescentou-se algo curioso: o sentido de comunidade.<sup>e</sup>

34. O *Restaurante*. Quinta da Saúde, Portalegre, 2019.

35. *A esplanada exterior com vista para o restaurante*. Quinta da Saúde, Portalegre, 2019.

36. *As habitações temporárias*. Quinta da Saúde, Portalegre, 2019.

40. FURTADO, Gonçalo; MACEDO, Rosa. “Rural e Urbano: Da Urbanização do Rural à Urbanização do Urbano” in *ARQA*, nº101. Lisboa: Sociedade Editora Lda., Março/Abril 2012, p. 109

41. Excerto da entrevista à D. Inês Serra (filha do Sr. João Serra) que ocorreu a 1 de Outubro de 2017



f.

“E depois havia esse homem que tinha uma carroça e mandou a filha tirar a 4ª classe para poder escrever o que as pessoas queriam encomendar, que ele não sabia ler nem escrever e às vezes havia grandes erros.”

“Mas agora as coisas estão de outra maneira... por exemplo: «Ah, sr. Serra, a gente quer ir à cidade.» Traziam-nos de charretes. Aquela gente era tudo lavradores e assim, por isso tinham charretes. E as pessoas vinham fazer compras.”<sup>42</sup>

g.

“E nessas ceias é que eram convidados os rapazes e as raparigas aqui dos arredores, e ia uma banda jazz chamada Ferrugem, uma orquestra que havia aí da cidade.”

“Ah e então, como havia, por exemplo, a Odete Jardim, que tocava harpa, o António Gromicho, que tocava acordeão e outros que tocavam guitarra. Entre as raparigas e os rapazes que havia, fazíamos teatros que organizávamos. E então quase sempre quem assistia aos nossos ensaios era o Dr. Gromicho, que era o reitor do Liceu de Évora. E depois apresentávamos o teatro quando aquilo já estava assim um bocado engrelado. Apresentávamos à noite.”<sup>43</sup>

Também desde cedo se notou a intenção do meio rural se ligar ao meio urbano numa espécie de sistema. Atitudes empíricas como a construção da Estrada da Serra para fazer uma via de comunicação entre a Quinta e a cidade - recorrendo a um desenho ditado pelo relevo da Serra de Portalegre e aos trabalhadores recém-desempregados da Fábrica Robinson - demonstram a facilidade com que de uma necessidade se parte intuitivamente para uma solução. O meio rural estava também dependente da cidade para coisas tão básicas como a mercearia ou a farmácia, e era, portanto, necessário garantir um meio de locomoção que conectasse estas duas realidades, na medida em que, pela falta de infraestruturas, uma era dependente da outra.<sup>f</sup>

Já no que toca à oferta cultural, é interessante ver como na altura havia uma certa simbiose entre o rural e o urbano, uma certa complementaridade. Tanto vinham artistas da cidade animar os serões dos veraneantes, como vinham pessoas da cidade assistir aos espectáculos organizados pelas pessoas que estavam na Quinta (ainda que em pequena escala).<sup>g</sup>

A memória que tenho da Quinta da Saúde é distinta da da D. Inês Serra. Foi o lugar onde os meus pais se casaram (ainda que não tenha sido uma memória vivida), foi o lugar onde muitas vezes íamos almoçar nos dias de inverno e ficávamos de conversa à lareira com o sr. Zé Henriques (proprietário do restaurante e da estalagem de então). Mais tarde, quando o restaurante fechou, recordo as tardes na piscina pública com os amigos, onde encontrávamos toda a gente das outras escolas. A própria Quinta, desde o início, já sofreu duas alterações programáticas: de sanatório a quinta de verão, de quinta de verão a restaurante e estalagem. Esta flexibilidade que o lugar intrinsecamente tem afigura-se importante de explorar na óptica do conceito de obra aberta, e é tendo esta abertura em conta que a Arquitectura, enquanto área multidisciplinar, pode ser a chave para tornar a recuperação deste lugar operativa para a própria cidade.

37. *Um dos balneários do campismo*. Quinta da Saúde, Portalegre, 2019.

38. *Os outros balneários do campismo*. Quinta da Saúde, Portalegre, 2019.

39. *Uma casa de verão*. Quinta da Saúde, Portalegre, 2019

42. Ibid.

43. Ibid.





### 3. desenlace, *exponenciar*

*“(...) como defender uma estética da adesão ao que é movediço, fugaz e rapidamente posto em causa por factores extrínsecos, emergentes e criadores de novas necessidades funcionais?”<sup>1</sup>*

40. ALVES, Luís Ferreira. *Reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro numa pousada*, 1997

1. PORTAS, Nuno. *A Arquitectura para hoje*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008, p. 77



Tira-se então proveito desta multidisciplinaridade na busca de uma resposta ao potencial operativo de que se acredita que a Quinta da Saúde bebe. Este está dependente do seu vínculo com a cidade, pelo que - ainda que possa ser algo utópico ou ingénuo - parece ideal tornar a Quinta e a cidade num sistema simbiótico, ao serviço uma da outra.

Neste sentido, entende-se como urgente desfazer uma tendência que é abordada por Nuno Portas: *“a falta de permeabilidade que têm revelado gerações herdeiras de Perret e Le Corbusier aos trabalhos dos mais sensíveis núcleos de investigadores das ciências humanas que labora na Europa.”*<sup>2</sup> É importante compreender que ser-se sensível às dinâmicas das gentes é absolutamente essencial: *“as necessidades humanas em arquitectura não podem ser «levantadas» unilateralmente, sectorialmente, como entidades separadas dos quadros espaciais em que os sujeitos em estudo se movem.”*<sup>3</sup>. Buscam-se, então, as lacunas da cidade como estratégia de solidificação da simbiose que se ambiciona ao ser sensível às suas sinergias, tornando-se muito óbvio que as maiores debilidades da cidade são sociais.

De acordo com um estudo realizado pelo INE em 2011<sup>4</sup>, o Alentejo é a região do país com maior percentagem de pessoas com idade igual ou superior a 65 anos entre a população residente, numa percentagem de 24.2% quando em comparação com os Açores, onde se regista a menor percentagem: 13%. Para além disso, o Alto Alentejo (ou seja, o distrito de Portalegre) lidera as percentagens: Gavião - 40,8%, Nisa - 37,9% e Crato - 35,1%. Noutro censo, desta vez realizado pela GNR, os resultados relativos ao distrito de Portalegre são também alarmantes, uma vez que Portalegre é o distrito com menor número de habitantes do país e um dos distritos com maiores números de solidão e de isolamento (o que lhe confere uma grande vantagem percentual). Tendo estes números como ponto de partida, analisa-se um artigo<sup>5</sup> que desenvolve uma pesquisa estatística em Portalegre baseada na percepção da própria pessoa em relação ao seu estado de saúde, sendo avaliadas questões delicadas como se o idoso se sente saudável, se sente alterações no seu estado de saúde, se é autónomo na realização das actividades diárias, se se sente só e se tem sintomas de depressão. Os resultados são inquietantes sendo que, ao se considerar a faixa etária superior a 94 anos, metade dos idosos sentem-se sós e todos sentem sintomas de depressão. Os autores do artigo explicam como este período do ciclo de vida implica uma grande quantidade de mudanças e até algumas perdas, tanto a nível intelectual como físico, que se tornam tormentas com as quais é difícil lidar. A depressão surge como consequência a esta *“dificuldade adaptativa”*<sup>6</sup>. É frequente, acrescentam ainda, que o idoso forme uma imagem negativa de si mesmo e do mundo que o rodeia, tornando tudo num obstáculo ou numa impossibilidade, e transformando o futuro num bicho-papão que o irá consumir, quando na verdade é essa ânsia que o consome no presente. Posto isto, os autores urgem a implementação de novas atitudes perante o idoso. A primeira pren-

2. PORTAS, Nuno. *A Arquitectura para hoje: finalidades, métodos, didácticas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1964, p.31

3. Ibid., loc. cit.

4. *Onde e como se vive em Portugal*, Instituto Nacional de Estatística, 2011

5. ARRIAGA, Miguel; CALHA, António; CORDEIRO, Raul. “Prevalência da solidão e depressão na população idosa residente na zona histórica da cidade de Portalegre” in *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, ESPECIAL 1, Abril de 2014, pp. 9-14

6. Ibid., p. 13

41. CARTIER-BRESSON, Henri. *Leaving Sunday mass*. Nisa, Alentejo, Portugal.





de-se imediatamente com o abandono do hábito de constantemente se engavetarem as pessoas, uma vez que nem todas têm as mesmas necessidades nem os mesmos interesses nem os mesmos medos nem as mesmas ambições. São indivíduos não categorizáveis (não-engavetáveis) e esta mudança de paradigma é importante no sentido em que altera as próprias práticas clínicas ao atentar na especificidade de cada um. A segunda mudança de atitude está em tornar o idoso num agente decisivo e activo na prática clínica. Esta mudança é importante no sentido em que a pessoa deixa de se sentir como uma entidade passiva que precisa de um agente externo por ser incapaz e débil, passando a sentir-se responsável pelos seus próprios progressos.

Uma outra organização, a WHO (World Health Organization), desta vez numa perspectiva internacional, defende o conceito de *Healthy Ageing*, que se prende com “o processo de desenvolver ou manter a habilidade funcional que permite o bem-estar a uma idade mais avançada”.<sup>7</sup> Esta habilidade funcional está relacionada com a *capacidade intrínseca*<sup>8</sup>, ou seja, com as capacidades físicas e mentais que cada um tem de modo a ser capaz de ir ao encontro das suas necessidades básicas: “aprender, crescer e tomar decisões; ter mobilidade; construir e manter relações; contribuir para a sociedade”<sup>9</sup>. O ambiente em que a pessoa vive tem uma preponderância enorme no seu bem-estar. Este ambiente inclui a sua casa, a sua comunidade/sociedade, as relações que estabelece com os outros, as atitudes, os valores e os serviços de suporte. “Poder viver em ambientes que apoiam e mantêm a capacidade intrínseca e a habilidade funcional é a chave para o Envelhecimento Saudável.”<sup>10</sup>

Porque não se pode saber de tudo e se vive em permanente desactualização, vão-se reunindo ao longo do processo de escrita desta dissertação vários conselheiros como forma de validar a multidisciplinaridade que se entende como ponto fulcral neste exercício. O Dr. Rex Haigh, um psiquiatra fascinado pela terapia comunitária, foi um dos conselheiros mais importantes. No seu artigo *The Quintessence of a Therapeutic Environment*, Haigh demonstra-se muito elucidativo relativamente a este universo, transportando-o para o domínio da sensibilidade das relações humanas. Mais do que qualquer ensinamento literário ou académico, considera que é na forma como cada um se expande de dentro (o eu) para fora (o outro) que está a verdadeira autenticidade e a verdadeira criatividade terapêuticas que não se conseguem explicar ou ensinar em nenhum livro ou em nenhuma aula.<sup>11</sup> Como se cada um emanasse um pequeno universo cujas galáxias vão coincidindo, colidindo ou complementando as de outro(s). Claro que se expõem mais e mais galáxias à medida que se ganha confiança e segurança com as outras pessoas, sendo lógico que a vida em comunidade, ao fomentar estas relações, facilite o processo terapêutico.

42. PARR, Martin. Da série *Common Sense*. Paris, França, 1997

43. PARR, Martin. Da série *Common Sense*. Dorset, Inglaterra, 1996

44. PARR, Martin. Sem título. Somerset, Inglaterra, 2000

45. PARR, Martin. *Commuter*. Tóquio, Japão, 1998.

46. PARR, Martin. Da série *Common Sense*. Irlanda, 1997

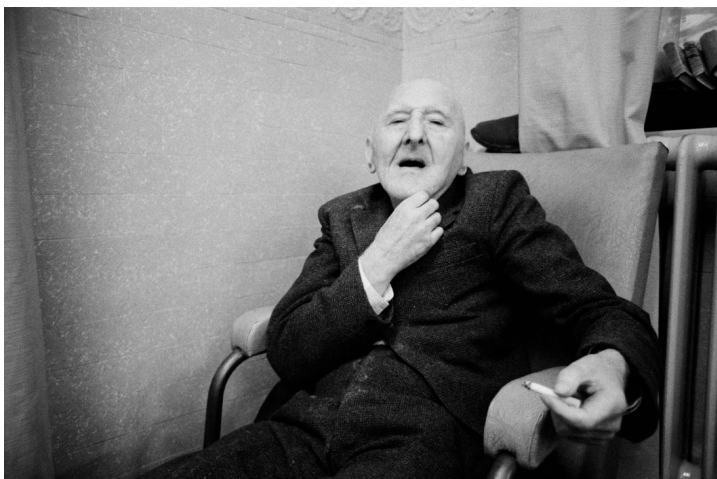
7. World Health Organization, *What is healthy ageing?*. Acedido a 9 de Novembro de 2018. Disponível em: <http://www.who.int/ageing/healthy-ageing/en/>

8. Ibid.

9. Ibid.

10. Ibid.

11. HAIGH, Rex. “The Quintessence of a therapeutic environment” in *Therapeutic Communities: The International Journal of Therapeutic Communities*, vol.34, nº1. Nottingham, 2013, pp.6-15





*“Tudo o que acontece em comunidade – desde quem faz o café, aos jogos de tabuleiro, aos pedidos de férias – pode ser utilizado com um efeito terapêutico. Uma discórdia na cozinha pode ser mais importante que uma sessão terapêutica em grupo; faz tanto parte do trabalho de um doutor jogar Rounders com a comunidade como avaliar formalmente o estado mental de um paciente.”<sup>12</sup>*

Para melhor ilustrar esta sua ideologia, apoia-se em cinco princípios: vínculo, confinamento, comunicação, envolvimento/inclusão e acção.

~*Vínculo: uma cultura de pertença* - todos os membros da comunidade se sentem vinculados uns aos outros e são valorizados tanto o vínculo em si como cada membro enquanto sujeito individual.

~*Confinamento: uma cultura de segurança* - numa comunidade com esta estrutura, as pessoas sentem-se seguras e não se sentem isoladas ou rejeitadas em nenhuma ocasião graças ao ambiente de compreensão.

~*Comunicação: uma cultura de abertura* - os membros da comunidade sentem receptividade e compreensão, pelo que não têm medo de se expor, de dizer o que normalmente não diriam.

~*Envolvência e inclusão: uma cultura de participação e cidadania* - tudo o que acontece na comunidade pode ter um efeito terapêutico. Numa sessão terapêutica, não é possível assimilar o contexto de cada indivíduo, mas na vida em comunidade tal já é possível. Gera-se um todo que é mais do que a soma das suas partes.

~*Acção: uma cultura de empoderamento* - A rede de relações numa comunidade é mais forte que qualquer hierarquia social, desafiando a autoridade. É evidente para todos que há uma diferença entre o terapeuta e o paciente, mas é rejeitada desde logo a assunção automática de autoridade. Reconhece-se que cada pessoa do grupo tem uma contribuição valiosa para a terapia, pelo que a autoridade não é fixa, mas sim negociável.

Tendo a urgência de adoptar novas práticas, as vantagens da terapia em comunidade e o *Healthy-Ageing* como premissas, constatou-se a existência de diversos programas intergeracionais que se revelam bastante positivos e que parecem ser, à primeira vista, uma novidade que pode potenciar o resultado pretendido. Fundamenta-se esta vontade de juntar duas gerações com estudos realizados, nomeadamente o levado a cabo pela Dra. Barbra Teater: *Intergenerational Programs to Promote Active Ageing: The Experiences and Perspectives of Older Adults*<sup>13</sup>. Neste estudo, idosos que participaram em programas intergeracionais respondiam a certas perguntas colocadas pela Dra. Barbra, sendo os resultados recolhidos uma manifestação do grau de satisfação dos participantes. As conclusões foram muito positivas no sentido em que a maioria concordou que a experiência foi uma ajuda no combate ao

12. Ibid., p. 11

13. TEATER, Barbra. *Intergenerational Programs to Promote Active Aging: The Experiences and Perspectives of Older Adults*. Acedido a 9 de Novembro de 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01924788.2016.1127041>

47. PARR, Martin. *Patients of Ward*. Prestwich, Inglaterra, 1972.



h.

*“Então eu comecei a pensar em todas as maneiras e a estar atenta a todas as maneiras como a nossa cultura reforça esta ideia de que o aumento da idade equivale a uma diminuição do valor, e são muitas. Para começar, há o ênfase na aparência exterior e os anúncios intermináveis de empresas cosméticas e farmacêuticas que nos estão a vender produtos desenhados para nos ajudar a disfarçar a nossa idade. Há a representação mediática dos idosos que, muitas vezes quando acontece, os representa raramente como pessoas normais. São sempre criaturas patetas, como a Mrs. Doubtfire, por exemplo. E depois há o facto de que os lares de idosos existem, e que são lugares deprimentes onde ninguém quer acabar.”<sup>15</sup>*

stress, tendo sido bastante eficaz no relaxamento dos participantes, ajudando, inclusivamente, ao combate de certas doenças. A actividade física promovida por estas relações intergeracionais é também muito importante na prevenção de certas doenças – quer mentais, quer físicas – sendo que está provado que os idosos com maior actividade física reduzem o número de prescrições. Muitos afirmaram também que a experiência foi emocionalmente muito positiva e que foram assaltados por uma sensação de bem-estar e de elevada auto-estima, na medida em que se sentiram – segundo reportam – importantes, respeitados e úteis. O contacto social é também um importante ponto de foco. Há inclusivamente estudos que comprovam que os idosos sorriem e conversam mais quando em ambientes intergeracionais<sup>14</sup>.

Um outro estudo, desta vez num domínio mais sensível, foi o da cineasta Evan Briggs<sup>h</sup>, que inclusivamente foi oradora no TEDx<sup>h</sup>, onde falou sobre o seu documentário *Present Perfect*. Neste documentário, Briggs filmou, durante um ano, a *Providence Mount St. Vincent*, que é um lar onde está integrada também uma pré-escola. Na sua TEDtalk<sup>16</sup>, demonstra exactamente a atmosfera que se ambiciona para a Quinta da Saúde por ser o mais perfeito receptáculo para tal e por ser socialmente tão preponderante na cidade de Portalegre: *“No ano em que filmei, eu acho que vi um bocadinho de tudo. Foi, sabem, muito humano e muito real, o que significa que as coisas nem sempre eram fáceis. Mas eu vi salas cheias de residentes, a maioria adormecidos nas suas cadeiras de rodas, e vi como eles ganhavam vida assim que um grupo de crianças entrava na sala – bastava-lhes ouvir as suas vozes ao fundo do corredor. Eu vi residentes e crianças a ajudarem-se mutuamente e a fazerem juntos coisas que normalmente iriam implicar a ajuda de um outro adulto, e vi que isso dotava os dois lados de uma grande confiança em si mesmos (...) e, acima de tudo, o que eu vi e que realmente chega ao âmago da importância desta relação, foi pessoas simplesmente a serem presentes umas para as outras.”<sup>17</sup>*

Dada a minha relação com crianças com Deficiência Intelectual – uma vez que a minha mãe é professora de Educação Especial e o meu infantiário partilhava o edifício com a CERIC (Cooperativa de Educação e Reabilitação do Cidadão Inadaptado) – este pareceu ser um grupo interessante nesta experiência intergeracional, uma vez que poderá tirar partido das condições geográficas da Quinta da Saúde, bem como da relação com as pessoas idosas a nível terapêutico.

Após ter reunido todas estas premissas, e apesar de todo o fundamento científico e empírico encontrado, era necessário uma espécie de aval, uma segurança em relação à ideia que se começava a formar. Tudo se afigurava como que na corda bamba, e era preciso garantir um chão seguro. Foi nesta fase de insegurança que o Dr. Raul Cordeiro desempenhou um papel fulcral. Foi a pessoa indicada para o efeito, na medida em que, para além do seu trabalho de investigação e do leccionamento de disciplinas relacionadas com Enfermagem Gerontológica e com Psicologia, é também um habitante de Portalegre, conhecendo bem o contexto social em questão.

14. KOBAYASHI, Minako; MORITA, Kumito. *Interactive programs with preschool children bring smiles and conversation to other adults: time-sampling study*. Acedido 9 de Novembro de 2018. Disponível em: <https://bmcegeriatr.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2318-13-111>

15. BRIGGS, Evan. *Mixing across generations*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Walt8nPINM>

16. Ibid.

17. Ibid.

48. HURN, David. *‘Patua Dance’ Brazilian working with disabled children in the City Hall*. Cardiff, País de Gales. 2004.





Na reunião com o Dr. Raul, explicaram-se as ambições para o projecto, e tornou-se muito claro o caminho que o Centro Social deveria seguir. Em Portalegre, existem já diversas Estruturas Residenciais para a Pessoa Idosa (ERPI's) e, de acordo com o Dr. Raul, a CERCI e a APPACDM (Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental) já desenvolvem uma resposta bastante satisfatória, pelo que, apesar da localização e das possíveis melhorias em relação às instalações actuais, o Centro Social da Quinta da Saúde não seria uma necessidade absoluta.

O Dr. Raul focou-se, então, nos problemas relativos a estes grupos para o qual a cidade ainda não tem uma capacidade de resposta eficaz: **a demência e a falta de respostas no período de transição dos jovens adultos com deficiência mental para a vida autónoma.**

A demência prende-se com a deterioração progressiva das capacidades cognitivas, traduzindo-se em perdas de memória, orientação, raciocínio, compreensão e até de linguagem, tendo consequências importantes a nível social, emocional e motivacional. O aumento da esperança média de vida, aliado à diminuição da taxa de natalidade e ao aumento do diagnóstico, são os principais motivadores do aumento percentual da demência, principalmente nos países mais desenvolvidos, onde o envelhecimento da população é notório. *“Portugal é o quarto país da OCDE com maior número de casos de demência e está entre os países com pior resposta para este grave problema de saúde mental. Faltam médicos especialistas para seguir estes doentes, orientações clínicas e formação para o diagnóstico nos cuidados de saúde primários, falta articulação entre os cuidados de saúde e sociais e faltam respostas da comunidade para que estes doentes sejam independentes o maior tempo possível.”*<sup>18</sup>.

Ora, o que se verifica é que *“as Estruturas Residenciais para a Pessoa Idosa ainda apresentam algumas características asilares (grandes dimensões, muitos residentes, cuidados pouco personalizados e gestão muito rígida) e isto influencia negativamente o bem-estar das pessoas com demência. Este estudo dá pistas sobre a importância de implementar cuidados centrados na pessoa com demência nas Estruturas Residenciais para a Pessoa Idosa, de forma a melhorar o bem-estar das pessoas (...)”*<sup>19</sup>.

Uma das coisas mais importantes centra-se na absoluta necessidade de envolvimento ocupacional da pessoa com demência, uma vez que está na própria natureza do ser humano. Ora, *“as pessoas com demência que residem em ERPI passam cerca de 70% do seu tempo na sala de estar sem qualquer oportunidade de se envolverem em ocupações.”*<sup>20</sup>. É desta realidade que surge a imagem estereotipada dos residentes sentados numa grande sala impessoal, em cadeirões encostados à parede a dormir ou até envolvidos em actividades em nada relacionadas com a sua cultura, faixa etária ou até vontade. *“Por não terem o direito de se desenvolver através da participação em ocupações promotoras de saúde e inclusão social, encontram-se em privação ocupacional e por não terem o direito de experienciar ocupações significativas e enriquecedoras, encontram-se em alienação ocupacional.”*<sup>21</sup>.

18. Alzheimer Portugal. *Portugal é o quarto país com mais demência, mas a resposta é fraca*. Acedido a 21 de Dezembro. Em: <http://alzheimerportugal.org/pt/news>

19. PAQUETE, Patrícia. *O Bem-estar de indivíduos com demência e a relação com o desempenho de ocupações significativas. Um estudo a partir da aplicação do Dementia Care Mapping (DCM) a uma população institucionalizada*. Lisboa: Nova Medical School, Faculdade de Ciências Médicas, 2015. Tese de Doutoramento, p. 7

20. Ibid., p.58 apud. Woods, Womack, & Hooper, 2009

21. Ibid., loc.cit., apud. Townsend & Wilcock, 2004



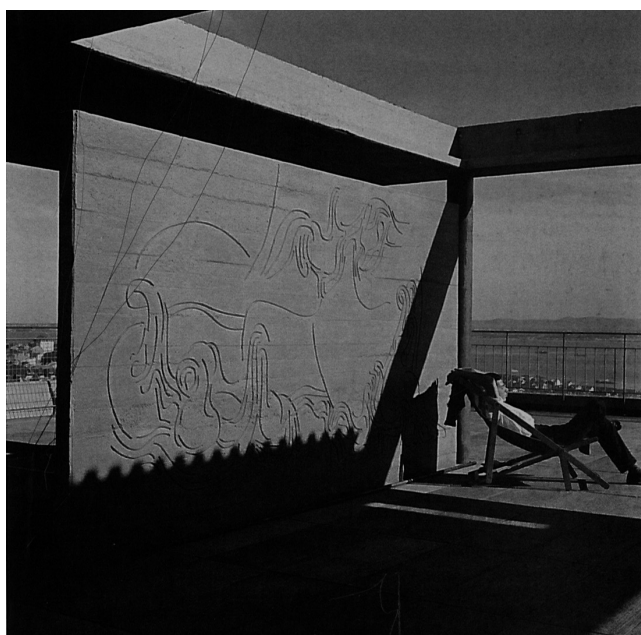
Existe um forte elo de ligação entre ambos os grupos apontados: *a autonomia*. Todas as actividades e o próprio desenho do Centro Social terão como finalidade perpetuar a autonomia das pessoas idosas e promover a autonomia dos jovens. Para tal, é muito importante o foco nas Actividades da Vida Diária (AVD), ou seja, alimentação, higiene pessoal, mobilidade, entre outras, bem como nas Actividades Instrumentais da Vida Diária (AIVD), de maior complexidade, como ir às compras, gerir o dinheiro, usar o telefone, usar os transportes, limpar ou cozinhar. Assim, os idosos e os jovens, de acordo com o seu nível de autonomia, podem ser cuidadores informais uns dos outros, para além dos funcionários, promovendo o espírito de terapia em comunidade.

Por todas estas especificidades e com o auxílio do Dr. Raul Cordeiro, chegou-se à conclusão de que fará mais sentido que o programa se debruce sobre uma Unidade de Cuidados Continuados Integrados (UCCI), uma vez que a RNCCI (Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados) tem como objectivos: *“a prestação de cuidados de saúde e de apoio social de forma continuada e integrada a pessoas que, independentemente da idade, se encontrem em situação de dependência. Os Cuidados Continuados Integrados estão centrados na recuperação global da pessoa, promovendo a sua autonomia e melhorando a sua funcionalidade, no âmbito da situação de dependência em que se encontra.”*<sup>22</sup>. Podendo localizar o projecto neste âmbito da RNCCI, foi ainda possível classificá-lo enquanto Unidade Socio-Ocupacional, uma vez que estas se definem como unidades que se localizam na comunidade e que têm por finalidade *“a promoção da autonomia, a estabilidade emocional e a participação social, com vista à integração social, familiar e profissional.”*<sup>23</sup>

Deste modo, procedendo a uma reconstrução funcional da Quinta da Saúde que tem por base a identidade social da cidade de Portalegre e o sentido de comunidade desde sempre tricotado na Quinta, ter-se-ão semeado duas sementes de grande potencial das quais brota, de forma quase óbvia e natural, o Centro Social.

22. Serviço Nacional de Saúde. *O que é a RNCCI?* Acedido a 21 de Dezembro. Disponível em: [http://www2.acss.min-saude.pt/DepartamentoseUnidades/DepartamentoGest%C3%A3oRede-Servi%C3%A7RecursosemSa%C3%BAde/CuidadosContinuadosIntegrados/RNCCI/tabid/1149/language/pt-PT/Default.aspx]

23. Decreto-Lei nº8/2010 de 28 de Janeiro. In *Diário da República*, 1ª série, Nº19. Ministério da Saúde. Lisboa





### 3. desenlace, *programar*

*“Mas não é só no plano do trabalho profissional em restrito, quer dizer, na interpretação espacial de programas que nos são dados, que nos é posta esta responsabilidade. É ainda no aspecto da influência que temos de ter nos próprios programas, na luta que temos de sustentar para que eles sejam formulados de acordo com as exigências ditadas pelo respeito que se deve à dignidade dos homens.”<sup>1</sup>*

51. PEREIRA, Nuno Teotónio. *Galeria*.

52. PEREIRA, Nuno Teotónio. *Átrio com painel de Almada Negreiros*.

53. PEREIRA, Nuno Teotónio. *Terraço na cobertura com esgrafito de José Escada*.

1. PEREIRA, Nuno Teotónio. *Escritos: 1947-1996*. Porto: FAUP Publicações, 1996, p. 37



O percurso até aqui caminhado permitiu conhecer melhor o lugar, as premissas a seguir e os actores em questão. De todas, a única entidade materializável é o lugar, sendo-lhe inerente a faculdade de ser moldável. É indispensável a transição do domínio ideológico para o domínio material para que o possa então moldar à imagem dos ideais em questão. Ter-se-á, no entanto, que explorar outra galáxia do universo ideológico, que vai ser um dos elementos estruturais imprescindíveis na ponte para o universo do material. É a galáxia do programa.

O processo de mapeamento do programa não foi simples nem linear, uma vez que foi a primeira vez que me deparei com ele. Até aqui, era sempre imposto um programa do qual se partia para um projecto, pelo que o programa em si nunca foi alvo de reflexão. Para enredar ainda mais, não se encontrou nenhum projecto com as premissas em questão (o que não surpreendeu, tendo em conta a pouca exploração das temáticas exploradas), o que obrigou a um trabalho de síntese importante. Esta construção implicou adições e subtrações, vários tipos de alterações despoletadas pelos mais variados gatilhos. A flutuabilidade do programa ao longo do processo do projecto pareceu, ao início, assustadora, tendo-se encontrado alguma paz nos escritos de Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira: *“Neste projecto reflectiu-se um método que vínhamos experimentando desde que começámos a trabalhar juntos (...) e que era a importância que dávamos ao trabalho sobre o programa. Não só o programa inicial, mas o programa como preocupação ao longo de todo o processo de projecto. Quando se diz (eu próprio o escrevi) que o atelier se caracterizava por discutir até à exaustão cada solução, que se fazia «arquitectura falada» por oposição ao privilégio do desenho, mais pessoal e intransmissível, está-se a sublinhar que cada projecto para nós era uma forma de intervir quanto às relações com os sítios, à interpretação do modo de vida, às respostas à construção e aos orçamentos do cliente e, até, às opções de linguagem que a um certo nível eram também, para nós, programáticas.”*<sup>2</sup>. E continuam, desta vez falando de um projecto em específico: *“Na fase em que concorremos à Igreja do Sagrado Coração de Jesus, o programa discutiu-se muito – era como a preparação de um manifesto – quer quanto ao que queríamos que fosse uma igreja central encaixada numa malha feita, quer quanto ao que devia ser o espaço interno da igreja propriamente dita. (...) Eles viam, criticavam ou apoiavam, aprofundava-se o programa em face do que se desenhava (...) o que quer dizer que o programa era central mas não anterior ao desenho: era paralelo, era interactivo.”*<sup>3</sup>. Foi também uma lufada de ar fresco este pôr em causa de programas que já se encaram como dados adquiridos, uma vez que se pretende cruzar programas e criar uma nova dinâmica com um objectivo terapêutico.

Por uma questão pragmática, cada nova premissa que se acrescenta ao programa e cada alteração que dela resultar terá diferentes denominações.

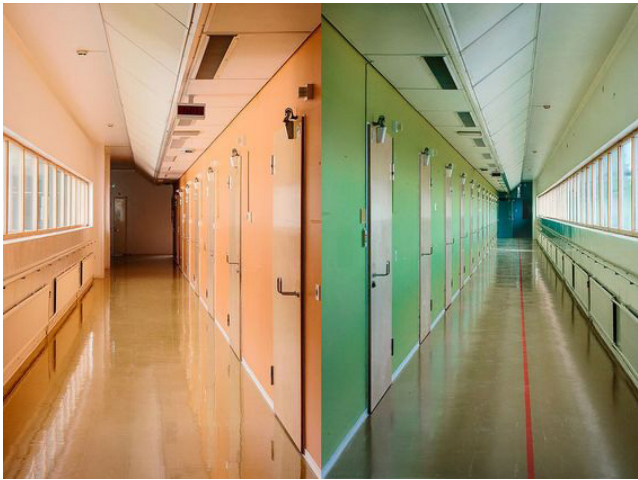
54. TELES, Maria do Carmos Galvão. *Integração no espaço urbano da Rua Camilo Castelo Branco*. Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa.

55. TELES, Maria do Carmos Galvão. *Vista aérea do conjunto*. Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa.

56. TELES, Maria do Carmos Galvão. *Aspecto da celebração*. Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa.

2. PORTAS, Nuno. “Sobre o Método e os Significados no Atelier Nuno Teotónio Pereira” in *Arquitetura(s): Teoria e Desenho, Investigação e Projecto*. Porto: FAUP Publicações, 2005, p. 233

3. Ibid., loc. cit.



Partindo do terreno já desbravado até agora, no qual a **premissa A** se prende com uma condição de comunidade e com a convivência entre duas gerações, tomou-se como ponto de partida uma abordagem mais empírica, com base em experiências passadas em lares de idosos, em informações (nem sempre totalmente fiéis, claro) que se retiram do cinema ou de conversas e confrontaram-se com duas obras que pareceram oportunas como ponto de partida: o Centro de Reabilitação Calouste Gulbenkian, dedicado a crianças com paralisia cerebral e o Sanatório de Paimio para doentes tuberculosos. Embora não estejam directamente relacionados, no sentido em que não atendem, necessariamente, aos mesmo actores, são edifícios cujas questões programáticas são muito interessantes pelo seu sucesso terapêutico.

Desta análise resultou um fruto: **o programa A**. É bastante empírico e atende às questões mais imediatas: cafetaria, cantina, cozinha, casas-de-banho, sala comum, ginásio, balneários, consultório de psicologia, sala de enfermagem, consultório médico, sala de fisioterapia, salas de aula, zona de recreio, salas de professores e sala do pessoal.

O **programa B** parte da **premissa B** a que se chegou na conversa com o Dr. Raul: a autonomia. Para a estimular, o especialista aconselhou a criação de salas de Terapia Ocupacional, que serão um espécie de simulação de casas onde os utentes poderão desenvolver a prática das Actividades da Vida Diária, através da criação de cenários de cozinhas, zonas de comer e casas de banho para esse efeito.

Avancemos, então, para a **premissa C**, que surgiu com a leitura de diversos artigos sobre uma nova modalidade de terapia: *Greencare*. Assenta em duas condições: o espírito de comunidade (já tido em conta) e o contacto com a natureza como benéficos sob o ponto de vista terapêutico. Um dos motes desta modalidade é o efeito negativo que o ambiente clínico tem nas pessoas, sendo factor de *stress* e mau-estar e, conseqüentemente, dificultando o processo terapêutico. *“Apesar de haver provas estritas baseadas em abordagens biomédicas para condições como infecções ou quimioterapia, não é possível aplicá-las significativamente às experiências individuais complexas que se verificam em casos de distúrbio mental.(...) O ambiente dos hospitais, com as suas superfícies rígidas e esterilizadas, luz e decoração ásperas e actividade frenética não é ideal. Muitos programas de tratamento intensivos beneficiariam se ocorressem em ambientes mais favoráveis como quintas e outros locais naturais, e incluindo actividades na quinta como parte do programa.”*<sup>54</sup> Esta implementação de diferentes actividades ao ar livre, sejam elas horticultura, terapia com animais, cozinhar, artesanias, etc., toma uma grande preponderância no sentido em que é uma forma de *“redescobrir actividades agradáveis que as pessoas possam ter feito enquanto crianças, actuando como um fortalecimento positivo.”*<sup>55</sup>. Este tipo de actividades permite, ainda, o fortalecimento da

57. Cafetaria do Sanatório de Paimio, Alvar Aalto.

58. Recepção do Sanatório de Paimio, Alvar Aalto.

59. Corredores de acesso aos quartos dos pacientes no Sanatório de Paimio, Alvar Aalto.

4. BERGET, B.; BRAASTAD, B.; BURLS, A.; ELINGS, M.; HADDEN, Y.; HAIGH, R.; HASSINK, J.; HEGARTY, J.; HINE, R.; NEUBERGER, K.; RAPPE, E.; SEMPIK, J.; GONZALEZ, M.; WILCOX, D. *Green Care: A Conceptual Framework*; Hine, R., Sempik, J., Wilcox, D. (eds.), 2010

5. Ibid.





relação entre as duas gerações em estudo. No Centro de Reabilitação Calouste Gulbenkian, a presença dos jardins é encarada como um aspecto fulcral no processo terapêutico: “*Para além de constituírem um elemento valioso de recreio e exercício, os jardins deverão ser, também no campo da educação, uma permanente fonte de beleza e um elo constante no indispensável contacto com a Natureza e as suas leis.*”<sup>6</sup>. Para além disso, a jornalista científica Emily Anthes explora, no seu artigo *Building Around the Mind*, como as paisagens naturais afectam a capacidade de concentração e o intelecto, revelando-se bastante estimulantes. Explica que esse efeito “*pode ser o resultado de um efeito restaurativo na mente ao olharmos para cenários naturais (...). As paisagens naturais podem ser muito mais rejuvenescedoras que um cenário urbano (...) porque os humanos têm uma tendência inata para responder positivamente em relação à natureza.*”<sup>7</sup>. Sendo assim, a Quinta da Saúde, enquanto paisagem natural desde sempre reconhecida pela sua beleza, é o cenário perfeito para a aplicação destas premissas. É neste sentido que a adição de certas actividades programáticas que fomentem este contacto com a natureza (para além do simples contacto visual que, por si só, é já bastante eficaz) faz todo o sentido, traduzindo-se no **programa C**. Este consiste no programa A + B + estufa + horta terapêutica + arranjo paisagístico dos jardins, que se consideram intervenções importantes, no sentido em que estimulam a actividade física, os relacionamentos sociais e a comunhão com a paisagem natural.

Para adensar este estudo inicial do programa, a leitura do artigo *Therapeutic Communities: isolation or integration?* Foi muito preponderante em relação à índole social do Centro. Este artigo abriu portas para a exploração de algo absolutamente essencial para o seu sucesso e que se prende com a envolvimento da sociedade portalegrense na comunidade terapêutica, estabelecendo a **premissa D**. Este artigo explora um estudo feito em duas comunidades e retirou conclusões que se consideram incontornáveis. Em primeiro lugar, esta integração “*permite desafiar e ultrapassar o estigma e discriminação da comunidade*”<sup>8</sup>, o que constitui um aspecto evidentemente positivo. Consequentemente, “*isto cria um recurso naquela comunidade que lhe proporciona não só uma rede social e de apoio mas também acesso aos recursos e oportunidades dessa comunidade local.*”<sup>9</sup> Assume-se, assim, como absolutamente essencial criar uma estratégia de promoção da ligação entre estas duas entidades que, no fundo, são uma mesma, promovendo a Quinta da Saúde como um espaço aberto, e vincando a sua condição orgânica. Assim, possibilita-se “*uma ligação mais estruturada e formal com a ambição de contribuir para a vida da comunidade, criando uma paisagem terapêutica de recuperação.*”<sup>10</sup>. Ora, cruzando esta premissa com as lacunas culturais da cidade de Portalegre, constantemente apontadas pelos seus habitantes, parece pertinente que estas se reflectam no programa do próprio centro, culminando no **programa D**. Este desmonta-se em: programa C + auditório + biblioteca + casa de chá + espaços para workshops/artesanias. Estas adições permitem que a

6. Associação Portuguesa da Paralisia Cerebral. *Centro de Reabilitação Calouste Gulbenkian*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, p. 16

7. ANTHES, Emily. “Building Around the Mind” in *Scientific American*, Abril/Maio 2009, p. 36

8. BEST, D.; BYRNE, G.; ELLIOT, K.; KELLY, J.; PULLEN, D.; SAVIC, M. “Therapeutic Communities and the local community: isolation or integration?” In *Therapeutic Communities: The International Journal of Therapeutic Communities*, Vol. 35, Issue 4, 2014, pp.156

9. Ibid., loc. cit.

10. Ibid., loc. cit.



Quinta da Saúde seja povoada por pessoas exteriores à comunidade terapêutica, dando um enorme contributo por fazerem com que os usuários permanentes se sintam integrados e por criarem dinâmicas que se demarcam completamente de um ambiente clínico gerador de *stress* ou depressão. No auditório poderão ser apresentadas criações de fora para dentro do Centro, mas também do Centro para fora. Na biblioteca, poderão existir espaços de estudo, que são escassos na cidade, e que promovem a afluência de estudantes por lhes darem um espaço de estudo alternativo e agradável. A casa de chá como alternativa bucólica aos cafés da cidade. Os espaços para *workshops* como estratégia para fomentar a reunião, e podendo ser promovidos tanto por iniciativa do Centro como por entidades que lhe são exteriores mas que demonstrem interesse em participar nas suas dinâmicas.







## CASA DA COVILHÃ, GUIMARÃES

*De há muito nos conhecíamos...*

*Eu sabia da sua alma e do seu corpo. Sabia-a iniciada por João, o mestre-escola e embaixador que morreu de saudade e de tristeza, enriquecida por Francisca que nascera na Baía, nobilitada pelo descendente de Bernardo, o secretário do infante que não chegou a morrer em Alcácer, renascida pelos dobrões que Luís António trouxera de S. João de Rei, despertada pelas iras de outro António, o cônego miguelista que saiu vencido, conservada pelo austero Adelino e tão amada por José.*

*Eu sabia-a forte e segura, nas suas espessas paredes de granito ou nas suas armações de castanho, mas descobrira-lhe já algumas cicatrizes, fruto de sucessivos crescimentos ou de agravos do tempo que, também a ela, não soube perdoar.*

*Eu amava a sua pobre riqueza, a sua carreira, o seu portão com seu mouro, o seu terreiro, o seu jardim que outrora fora de buxo, algumas das suas fontes sem água, a sua velha nogueira, a beleza das camélias de Fevereiro.*

*De há muito que nos conhecíamos...*

*Mas só comecei a conhecê-la melhor quando, juntos, iniciámos o romance da sua – e nossa – transformação. Havia que tocar-lhe e tocar-lhe foi um acto de amor, longo e lento, persistente e cauteloso, com dúvidas e certezas, foi um processo sinuoso e flexível e não um projecto de estirador, foi um método de homem apaixonado e não de frio tecnocrata, foi um desenho de gesto mais do que um desenho de papel.*

*Foram, assim, dez anos de muito longos gestos e de algum pouco papel, dez anos fixando e decidindo com cautela as transformações que ambos – ela e eu – íamos amorosamente aceitando.*

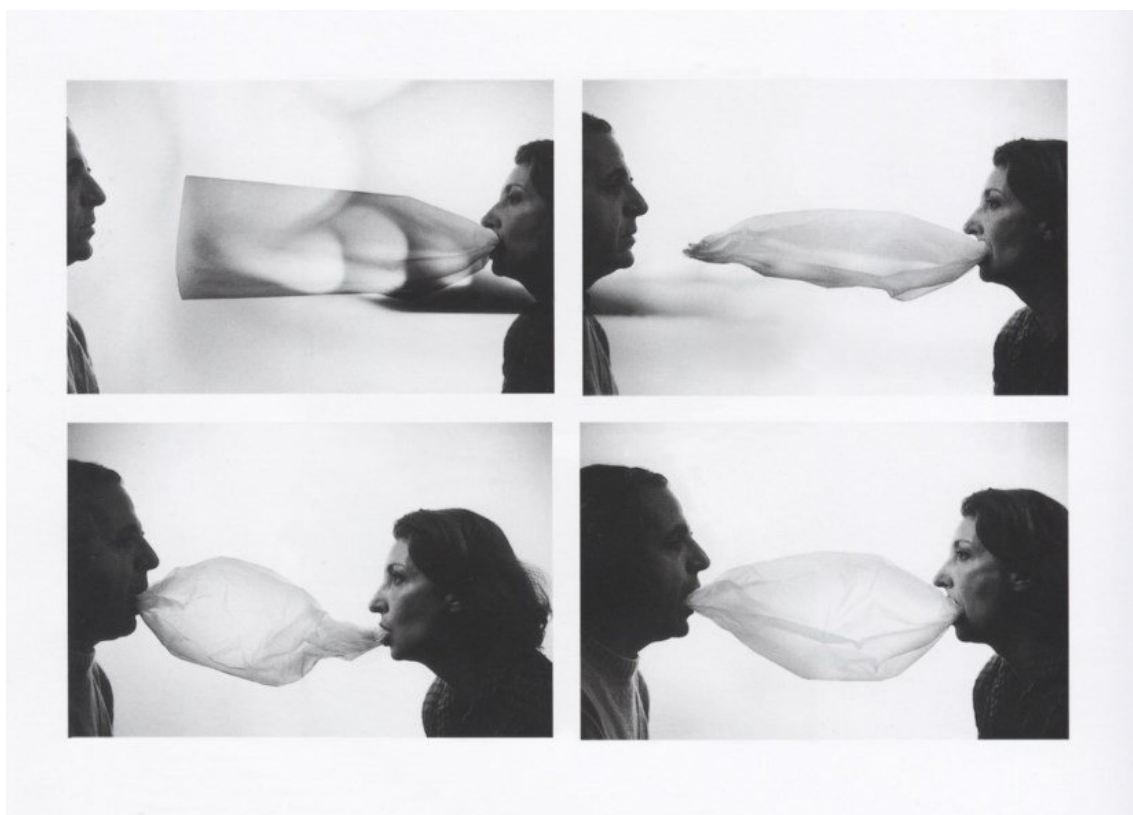
*Assim cruzamos as nossas vidas: hoje ela está prosseguindo no seu espaço e no seu tempo e o seu desenho aí está escrevendo e recordando a história do nosso romance.*

*De há muito que nos conhecíamos.*

*Porém agora conhecemo-nos melhor e ambos estamos diferentes.<sup>1</sup>*



## *II. conciliação*



## 1. diálogos, *desenhar uma conversa*

*“A arquitectura é, por definição, sobre estática. É sobre fazer invenções materiais de um tamanho finito em situações específicas. Na melhor das hipóteses, uma intervenção arquitectónica tem uma relação crítica com a sua situação e com a sua construção e é de certa forma comunicativa com o contexto físico e social existente. Mesmo nos edifícios mais banais, o espaço físico proporciona uma estrutura em relação à qual a nova ocupação é promulgada. Numa casa, é a localização da cultura doméstica. No domínio do espaço público, é o território físico da acção colectiva. Estando necessariamente localizado, o projecto arquitectónico relaciona-se inevitavelmente com os padrões de ocupação existentes, intencionalmente ou não. Da mesma forma que a arte e a literatura, mas de uma forma menos facilmente ignorável, a arquitectura contribui para a nossa memória colectiva. Graças à impossibilidade da condição da tabula rasa, a construção mantém-nos honestos. Lembra-nos das coisas que não queremos necessariamente lembrar.”<sup>1</sup>*





Tendo em conta a existência de edifícios com uma evidente carga emocional para os portalegrenses e com uma identidade espacial fortemente vinculada, pretendemos agir enquanto promotores de íntimas conversas entre a intervenção de outrora e a nossa intervenção, cuja intimidade irá naturalmente culminar numa relação aparentemente óbvia. Consideramos que este esforço é absolutamente imprescindível desde os primórdios do desenho do projecto, na medida em que, nas palavras de Fernando Távora: “*pretende-se aqui um diálogo, não de surdos que se ignoram, mas de ouvintes que desejam entender-se, afirmando mais as semelhanças e a continuidade do que cultivando a diferença e a ruptura*.”<sup>2</sup>. Na Quinta da Saúde, sente-se uma harmonia que não se quer romper. Pelo contrário, o norte desta intervenção será a busca da lógica de coerência do lugar.

À luz da concepção metafísica dos arquitectos Caruso St. John, designar-se-á a escala da área total de intervenção como constelação, da qual fazem parte várias e diferentes estrelas (os edifícios) que estabelecem diferentes relações interestelares, construindo uma lógica muito própria, muito única e necessariamente muito coerente. Assim, a ideia de constelação constitui uma ferramenta alegórica muito útil no processo: “*as constelações surgem como um equilíbrio de forças e não como um conjunto finito de formas. (...) Este projecto [Galeria de Arte Contemporânea de Roma] não está interessado em fazer uma escolha entre conservação ou nova construção. A ideia de que o novo é necessariamente melhor e mais emocionante está ultrapassada. Nada pode ser mais empolgante que a realidade concreta de uma situação específica, e comprometer-nos com esta realidade é compreender as condições económicas, sociais e ideológicas do local*.”<sup>3</sup>. Não faria qualquer sentido reduzir os edifícios existentes na Quinta a uma mera existência passiva secundarizada por novas intervenções. Julgamos mais sensato e até mais desafiante explorar a margem de continuidade destes corpos; tomar uma posição ponderada que balance entre “*o conhecimento científico da sua evolução e dos seus valores, através da Arqueologia e da História e uma concepção criativa no processo da sua transformação*”<sup>4</sup>. Neste âmbito, a ruína da Quinta da Saúde é encarada como matéria manipulável. Sofre uma importante alteração na própria semântica: de produto final a matéria-prima. Esta é uma mudança consciente e ponderada: resulta de um compromisso perante a confrontação. A confrontação de hipóteses, do máximo de níveis de interpretação possível, para que a intervenção seja informada e se afaste ao máximo da ignorância. É fruto de escolhas, da criação de estratégias de entrosamento na constelação.

No seguimento deste discurso, parece dedutível que a estratégia é a de uma intervenção articulada com a constelação existente, num gesto que se julga ser sensato pois permite a assunção de uma condição assumidamente contemporânea, sem no entanto entrar numa espiral de ruptura infundada. O novo integra-se. Alegoricamente, a situação é como um jogo de salto à corda, no qual já estão a saltar vários participantes faz algum tempo e ao qual o arquitecto,

65. Proposta de intervenção de Adam Caruso e Peter St. John para o Centre for Contemporary Arts de Roma. 1999.

66. Intervenção de David Chipperfield no Neues Museum. Berlim, 2009

67. Intervenção de David Chipperfield no Neues Museum. Berlim, 2009

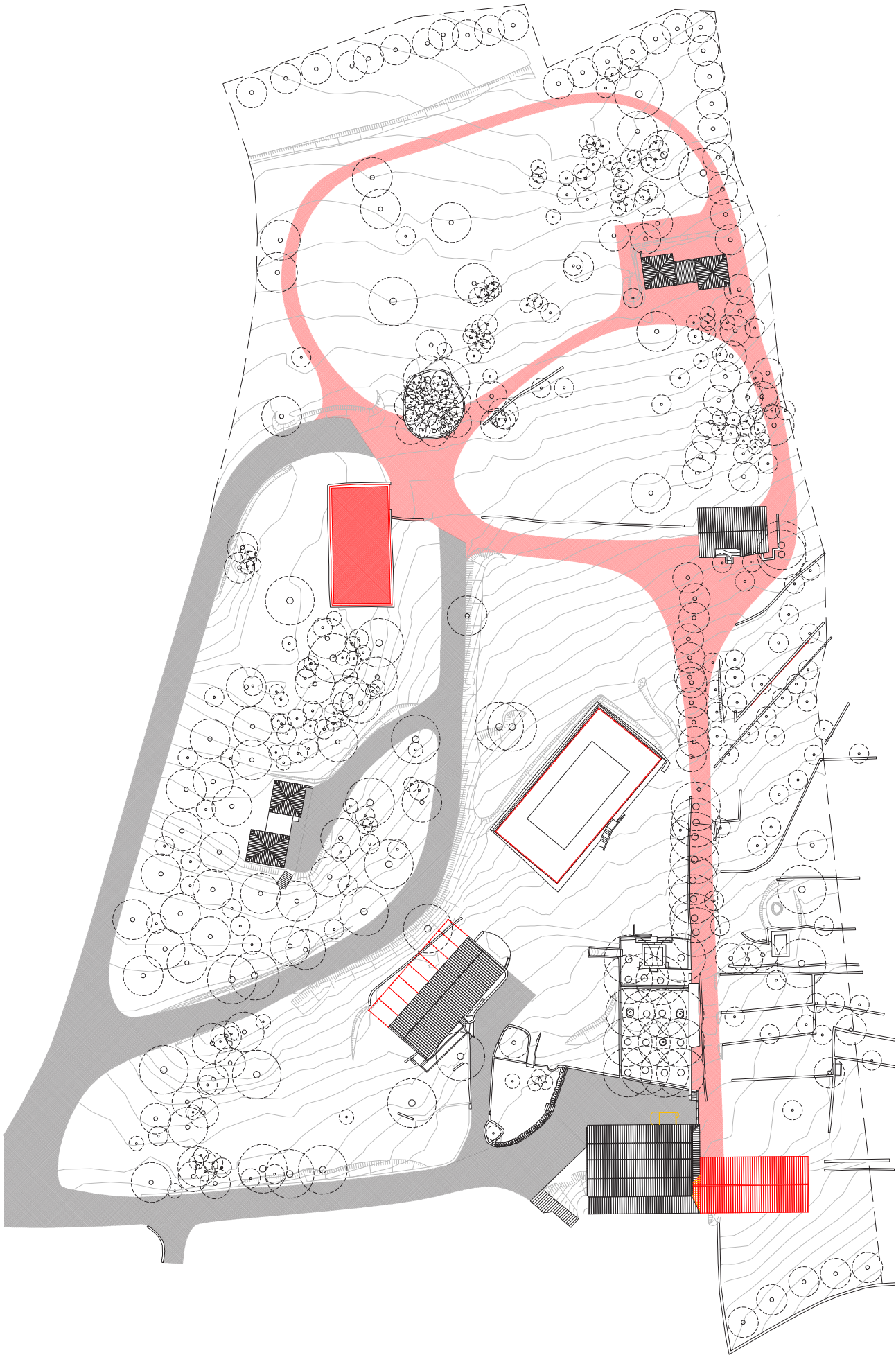
68. Intervenção dos arquitectos Diener & Diener para a extensão da Embaixada Suíça. Berlim. 2000.

2. TÁVORA, Fernando; “Convento de Santa Marinha”. In Luiz Trigueiros (ed.), *Fernando Távora*. Lisboa: Blau, 1993, p.116

3. Caruso St. John, “Roma Centre for Contemporary Arts”. In *a + t: memoria*, nº16, p.48-50

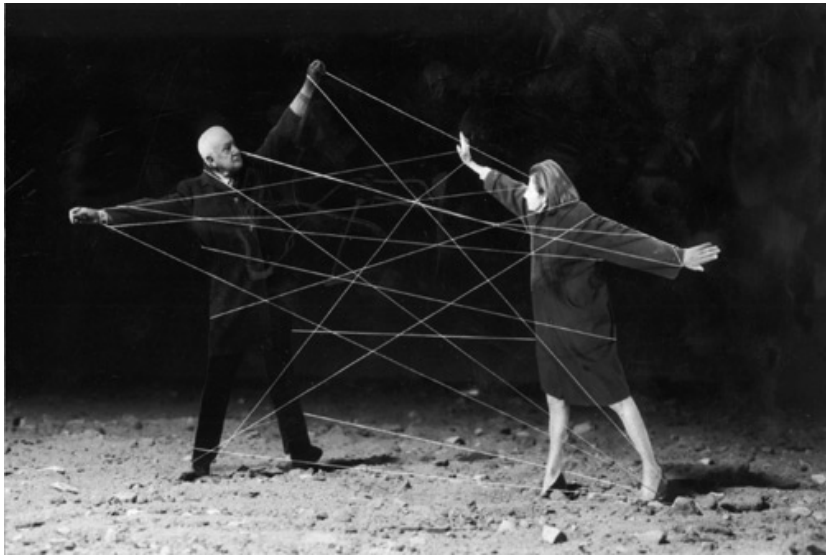
4. TÁVORA, Fernando. Op. cit., loc. cit.





pessoa recentemente chegada, se quer juntar. Tem, então, que entender o ritmo do jogo e do salto de cada um para que possa perceber qual o lugar em que se posicionará, qual a sua velocidade/ritmo de salto e qual o melhor momento para se juntar ao jogo sem quebrar a cadência do mesmo e sem o atrapalhar.

Caruso St. John adensam esta discussão: “*Neste projecto [Galeria de Arte Contemporânea de Roma], novos edifícios são construídos ao lado e em torno dos existentes, alcançando uma diversidade de experiências que é inimaginável de obter com uma só estrutura. Para além de sermos inspirados pelo potencial estético desta realidade concreta, acreditamos na existência de um poderoso imperativo no local para reutilizar as construções existentes quando estas são espacialmente generosas e estruturalmente fortes.*”<sup>5</sup>. É este o tipo de abordagem que ambicionamos: a que permite uma espécie de jogo compositivo, quer formal, quer funcionalmente, que obrigue a um profundo entendimento das relações interestelares e que não desarmonize as forças mas que, na verdade, reforce esse equilíbrio.





1. diálogos,  
*diferentes conversadores, diferentes conversas*

*“Teremos que aprender a fazer enxertos, inovações, a colocar próteses, a movimentar partes e elementos, teremos que aprender a misturar, a amputar, a planificar as demolições como planificamos as construções. (...) Teremos que reconhecer a metamorfose contínua e que encontrar, de todas as vezes, um equilíbrio estável, instável, possível. (...) É através da prática de uma espécie de metamorfose para continuar a cidade que iremos descobrir o estilo, a tecnologia, os programas, a construção, a nossa própria expressão pessoal – em última análise, uma nova naturalidade.”<sup>6</sup>*

70. GARCIN, Gilbert. *The bonds of marriage*.

6. COLLOVÀ, Roberto. “Santa Maria do Bouro, uma história contínua”. In *Santa Maria do Bouro. Construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro*. Lisboa: White and Blue, 2001, p. 64



Em relação ao tratamento dos indivíduos que habitam esta constelação, a intervenção desmembra-se em duas atitudes distintas que se consideram essenciais na clareza da resposta. Não querendo arriscar classificações, recorrer-se-ão a referências que as ilustrem, e para facilitar a leitura, distinguir-se-ão e enumerar-se-ão as referências e os gestos delas resultantes.

Em relação aos corpos já existentes, a atitude é semelhante à dos arquitectos Caruso St. John nos Armazéns Clerkenwell e à dos arquitectos Diener & Diener no Museu de História Natural de Berlim, que constituem a **referência 1**. Em ambas as intervenções, o edifício é valorizado pela sua forte identidade espacial que os arquitectos pretendem assinalar e evidenciar *“através de uma avaliação crítica da sua condição actual, demolindo selectivamente e fazendo o mínimo absoluto de novas intervenções formais. Queríamos renovar o edifício revelando o que já lá existia em vez de sobrepor uma camada nova e mais elegante.”*<sup>71</sup>. É nestas convicções que esta primeira atitude assenta, numa espécie de normalização formal daquilo que *“se considera essencial na matriz do edifício e que foi corrompido ou interrompido no processo temporal”*<sup>72</sup>. Assim, certas intervenções construídas ao longo do tempo - que não integravam inicialmente os edifícios - e que podem ser identificadas através de fotografias antigas ou por romperem com a lógica espacial, deverão ser eliminadas. Pretende-se abolir as ambiguidades para recuperar as espacialidades outrora diáfanas. Esta atitude passa então, numa primeira instância, por clarificar o estado original dos edifícios. *“(...) decidiu-se sublinhar elegantemente a existência de tudo o que já existia, para celebrar o status quo”*<sup>73</sup>.

É desta ordem de ideias que resulta o **gesto 1**. No edifício onde outra existiu o restaurante - que se pode consultar nas páginas seguintes - julgou-se pertinente, em primeiro lugar, a demolição do volume da entrada e a recuperação da arcada original no alçado nascente como dispositivo principal de entrada. Optou-se também pela extensão do alpendre no alçado sul, possibilitando uma entrada secundária, já que era também um elemento integrante da espacialidade original. Continuando com as intervenções que afectam o alçado, a recuperação do terraço (actualmente interior) é um gesto incontornável, bem como a abertura dos vãos do piso inferior dessa mesma fachada, para garantir a iluminação do mesmo, actualmente pouco luminoso - sendo esta alteração essencialmente material (opaco/transparente), respeitando os ritmos já presentes no alçado actual. Neste mesmo alçado, constatou-se que as geometrias salientes que adornam os vãos são também uma intervenção póstuma, e que inclusivamente ocultam geometrias no alçado que se pretendem recuperar. Em relação à organização espacial interna, as intervenções são, como já referido, o menos invasivas possível. Visam sempre clarificar o antigo e evitar redundâncias e zonas confusas, sendo mais evidentes no piso inferior exactamente por ser o menos claro e por se destinar

71. O Restaurante. Quinta da Saúde, Portalegre, 2019.

72. Renovação e expansão da Ala Este do Museu de História Natural pelos arquitectos Diener & Diener. Berlim, 2010.

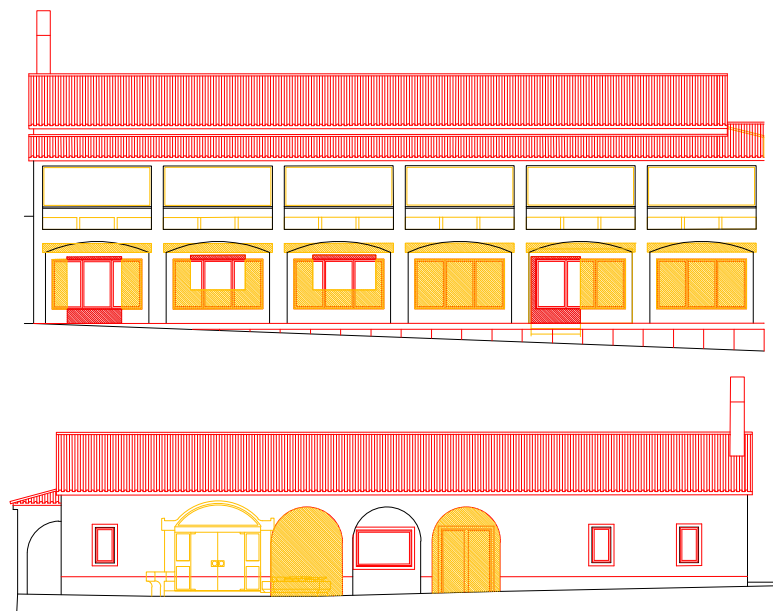
73. Intervenção dos arquitectos Caruso St. John nos Armazéns Clerkenwell. Londres, 1997.

7. Caruso St. John. “Warehouse Refurbishment”. In *a + t: layers*, nº11, p.112

8. FIGUEIRA, Jorge. “Do Românico ao Minimalismo: os caminhos da intervenção patrimonial em Portugal”. In *Revista Património*, nº1 Lisboa: DGPC, novembro 2013, p. 18

9. OFFICE Kersten Geers, David Van Severen. *City Villa*. In <http://officekgdvs.com/projects/#office-62>





74. O Edifício-mãe. Esquema de conciliação:  
plantas e alçados poente e nascente - 1:250.





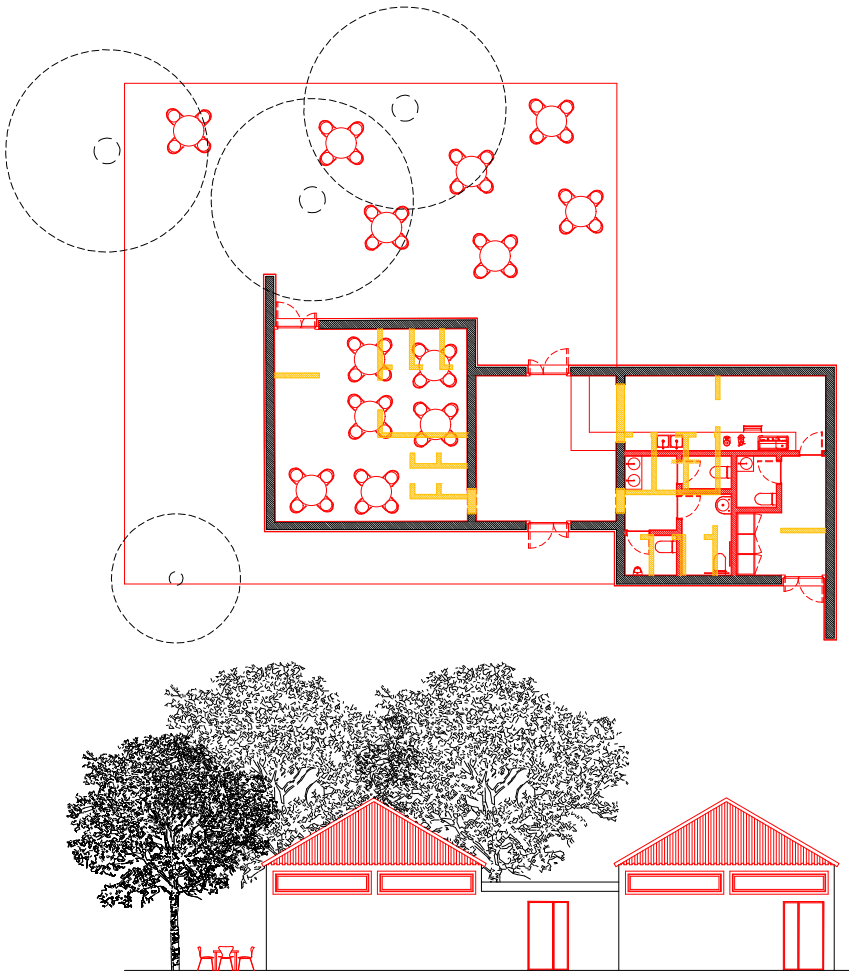
Acompanhar a leitura com os desenhos:  
 QS\_CCH e QS\_BAL

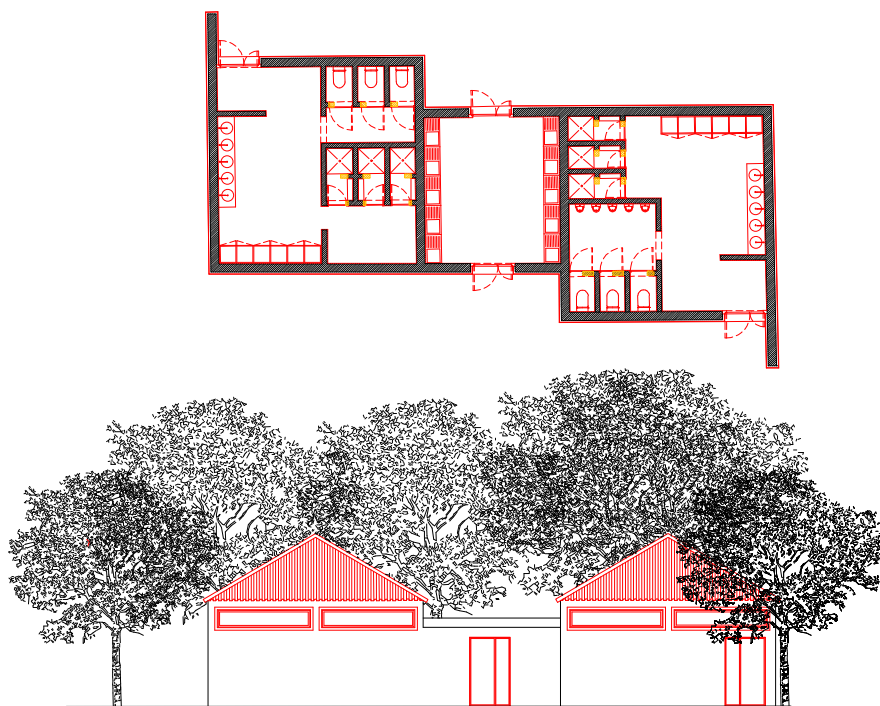
agora a um programa que vive da sua própria clareza. Fala-se dos consultórios de apoio médico, enfermagem, psicologia e fisioterapia, bem como da sala de fisioterapia (associada a este último) e dos espaços destinados aos médicos e aos enfermeiros (casas-de-banho, balneário e sala de reuniões). No piso superior, prendem-se com a simplificação da entrada e da zona das casas de banho, espaços de natureza anteriormente caótica e certamente posterior à construção inicial, uma vez que se estendem para a zona onde existia o alpendre (no alçado poente). Neste piso, o programa não sofre alterações significativas, uma vez que se pretende manter a cozinha, a recepção, as casas-de-banho, a sala de inverno e a sala do restaurante, sendo as alterações mais formais que programáticas. Ainda sobre o **gesto 1**, a intervenção nos restantes edifícios da Quinta consiste num conjunto de operações focadas no tratamento das patologias [sejam estas de grande (substituição de coberturas e caixilhos) ou pequena envergadura (regularização de erosões ou fendas nas paredes)] e na recuperação dos acabamentos, devolvendo aos edifícios a sua condição de receptáculo. No caso dos edifícios que outrora foram os balneários da Quinta, enquanto que um deles mantém a sua organização interna por manter o programa, no outro a situação é bem distinta, uma vez que se pretende alterar o programa para uma casa de chá. Assim, como o desenho dos espaços é demasiado rígido, tira-se partido da leveza estrutural das paredes interiores, optando-se por eliminá-las por completo sem, no entanto, desvirtuar o espaço que vive da sua geometria quadrangular e da cobertura piramidal.

Para garantir a clareza ambicionada, sempre que as exigências espaciais/programáticas assim o exigirem, o programa que não possa ser integrado nos edifícios existentes será materializado recorrendo a gestos de adição cujas relações espaciais e volumétricas com os corpos existentes serão ditadas por eles mesmos. Fala-se, portanto, da segunda atitude, que se trata quase de uma colagem, na medida em que a uma entidade individual se agrega outra de tal forma que ambas convivam e atinjam o estatuto de organismo único. Não se trata de uma simbiose, no sentido em que se a segunda entidade for retirada, a primeira sobrevive na sua condição de indivíduo. No entanto, desta convivência, surge uma realidade distinta da primeira, que se irá abordar corpo a corpo, conversador a conversador.

75. *Um dos balneários - a nova casa de chá.* Quinta da Saúde, Portalegre, 2019.

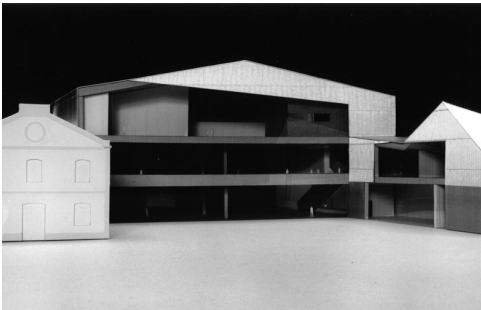
76. *Os outros balneários - que mantêm o programa.* Quinta da Saúde, Portalegre, 2019.





77. A Casa de chá. Esquema de conciliação:  
planta e alçado - 1:250.

78. Os Banheiros. Esquema de conciliação:  
planta e alçado - 1:250.





Acompanhar a leitura com os desenhos:  
 QS\_EM01, QS\_EM02 e QS\_TOCUP

■ *edifício-mãe e terapia ocupacional* ■

No que toca ao edifício-mãe e ao da terapia ocupacional, a **referência 2** é o norte conceptual: as respostas dos arquitectos Diener & Diener e Caruso St. John ao concurso para a extensão da Galeria Nacional de Arte Contemporânea de Roma. Os novos volumes dão continuidade espacial aos edifícios pré-existentes através de processos de justaposição e de articulação espacial, introduzindo um sentido de diversidade, mas nunca quebrando o de unidade. Os corpos celestiais estão em evolução estelar, em processos orgânicos de crescimento e mudança. A própria constelação da Quinta da Saúde já foi bem mais populada, mas certas estrelas foram sendo retiradas à equação (falo das casas de férias construídas pelos veraneantes, da capela, etc.). Crê-se, portanto, que a dinâmica deste lugar suporta e até motiva este tipo de gestos, nos quais o existente e o novo transcendem a relação contrastante, convivendo de um modo estranhamente natural. “*Caruso St. John operam contra esta tendência de absorver o passado e o futuro no reino de um eterno presente recorrendo ao anacronismo. Não só lhes interessa a incoerência espacial, como também a incongruência temporal em confrontos de diferentes fases históricas. Interrompem a coerência da especialidade suave, resistem à corrente geral de amnésia.*”<sup>10</sup>. Esta convivência torna-se muito interessante por ser uma espécie de marca da passagem do tempo, de pessoas, de intervenções com diferentes ideologias e propósitos. Como se fossem as marcas na parede do crescimento de uma criança, em que cada evolução fica distintamente marcada. Estas marcas não se prendem com uma relação formal apenas reconhecível no exterior. “*Também no interior a nova organização espacial se distingue da antiga, mas adoptando os seus pontos mais importantes.*”<sup>11</sup>.

O **gesto 2** é, portanto, um gesto de extensão. No caso do edifício da terapia ocupacional, esta extensão funciona como a definição de um espaço no edifício que, à semelhança do alpendre já existente, é o espaço de ligação e de encontro entre as três diferentes habitações que outrora beneficiavam de uma condição de privacidade, mas que actualmente beneficiarão da promoção da convivência, uma vez que a alteração programática é significativa: de residências temporárias a salas de terapia ocupacional. Esta extensão materializa-se numa estrutura em aço que, para além da reinterpretação do alpendre existente (com a condição inerente de promoção de convívio) é ainda um mecanismo para relacionar formalmente o edifício com a topografia agressiva que o envolve, numa transição mais suave, criando um espaço mais acolhedor. Em relação ao edifício-mãe, a extensão é um gesto muito simples que se traduz no prolongamento da sala do restaurante. Relativamente ao critério dimensional, este foi igualmente muito empírico e corresponde a uma reprodução volumétrica da zona do restaurante inicial. Considerou-se óbvio recorrer às janelas em arco como dispositivo de transição, rasgando-as até ao chão. Estas, juntamente

79. A sala do restaurante no Edifício-mãe para a qual se propõe uma extensão. Quinta da Saúde, Portalegre, 2019

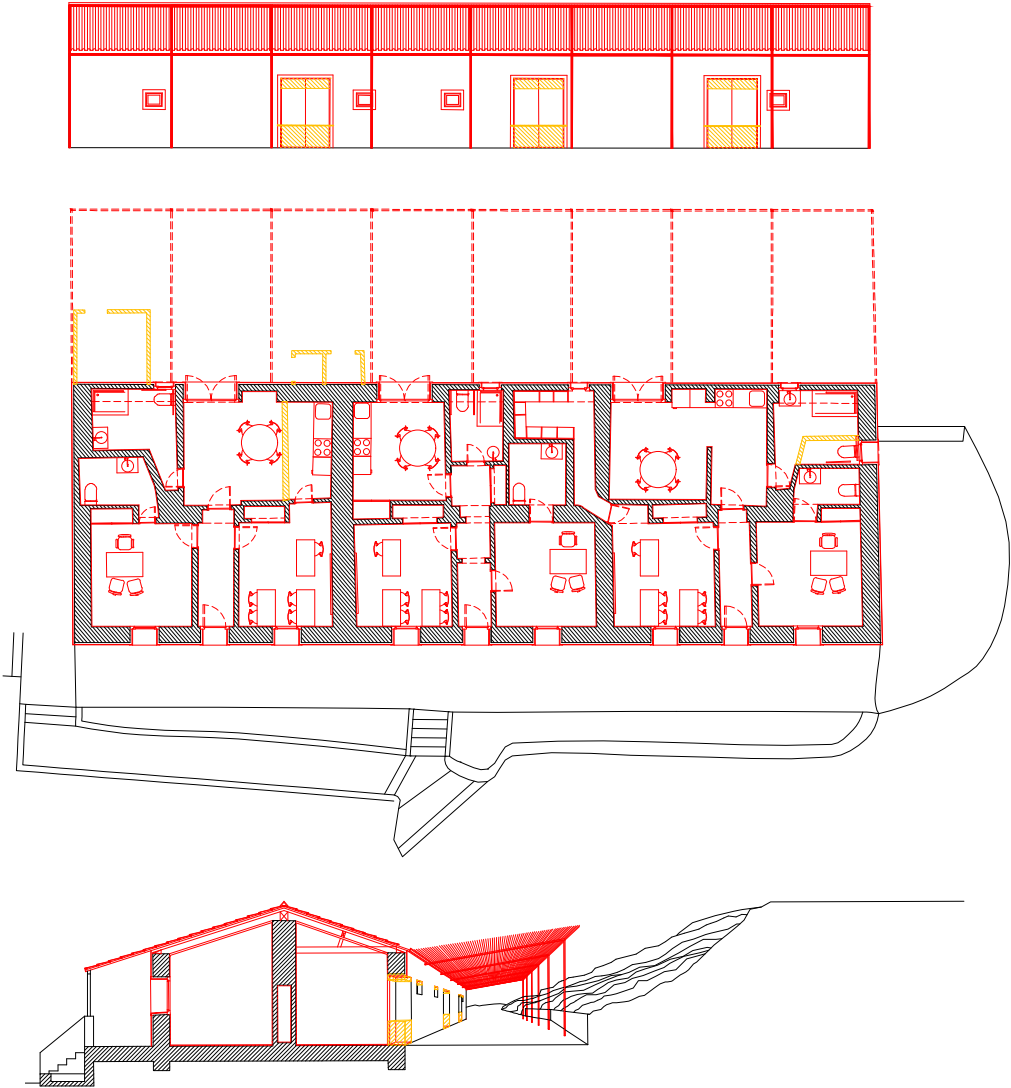
80. O espaço no edifício de Terapia Ocupacional onde se pretende erguer a extensão em aço. Quinta da Saúde, Portalegre, 2019.

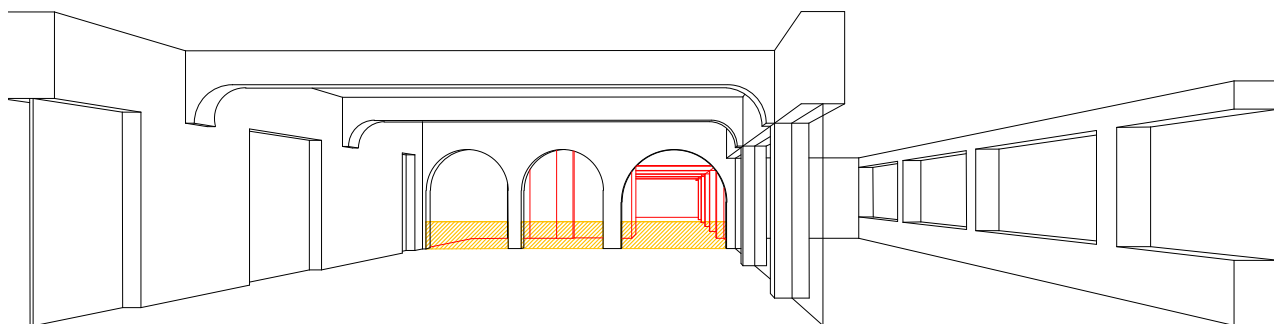
81. Proposta de intervenção dos arquitectos Diener & Diener na Galeria Nacional de Arte Contemporânea de Roma. Roma, 1999

82. Proposta de intervenção dos arquitectos Caruso St. John na Galeria Nacional de Arte Contemporânea de Roma. Roma, 1999

10. URSPRUNG, Philip. “Anacronismo e Entropía”. In *Caruso St. John*. Barcelona: Ediciones Polígrafa, 2008.

11. Diener & Diener, “Extension of National Gallery of Modern Art in Rome”. In *a + t memoria (I)*, nº16. Vitoria-Gasteiz: a+t ediciones, 2000.





83. Edifício de Terapia Ocupacional. Esquema de conciliação: alçado este, planta e corte transversal com perspectiva - 1:250

84. O Edifício-mãe. Esquema de conciliação: perspectiva da transição da sala existente para a nova extensão.



com o elevador e as escadas, geram um espaço de distribuição importante no edifício que tanto faz a ligação da sala da cantina à nova sala de *workshops*, como do piso superior ao inferior. No piso inferior, surge a mesma zona de distribuição, desta vez prolongada numa sala de espera para os pacientes que vão às consultas, bem como um ginásio, uma piscina e os respectivos balneários. Esta extensão não tem uma ambição disruptiva. Pelo contrário, a organização interna segue a lógica de desenvolvimento do edifício de forma pacífica e integrada. Também no alçado, com um gesto semelhante, a continuidade visual assente em correspondências métricas, geométricas e de proporção procura estabilizar-se numa coexistência equilibrada com o alçado existente sem, no entanto, recorrer a mimetismos, ou seja, sem renunciar à sua condição contemporânea. É, como já foi referido, absolutamente importante manter um discurso coerente, garantindo que os momentos históricos são reconhecíveis, assumindo a continuidade e uma linguagem que é decorrente de um passado inegável.

Acompanhar a leitura com os desenhos:  
QS\_BIBL e QS\_CCH

#### ■ biblioteca e casa de chá ■

A **referência 3** é uma abordagem nitidamente distinta das iniciais e é a dos arquitectos OFFICE Kersten Geers e David Van Severen na Biblioteca de Arquitectura em Ghent. Nesta intervenção, os arquitectos, recorrendo a um dispositivo contemporâneo, desenham um lugar dentro de um lugar já desenhado. Mais que isso, assiste-se à metamorfose programática do lugar como consequência da alteração cenográfica do mesmo. No caso da Biblioteca em Ghent, esta ganhou presença num salão do departamento de Física da Universidade de Ghent, no edifício Jozef Plateau (século XIX). Remetendo para a Quinta da Saúde, pretende-se transformar um edifício onde actualmente estão os balneários numa casa de chá e uma antiga casa de verão numa biblioteca. Aqui, tal como no piso inferior do edifício-mãe, a força da forma supera a da função. Tal como Carlo Martí Arís escreve: *“A experiência parece demonstrar com evidência que a forma é mais forte que qualquer uso que dela possa fazer-se. São inúmeros os edifícios que experimentaram, ao longo do tempo, grandes modificações na sua utilização sem que a sua estrutura formal tenha sido alterada. Pensemos, por exemplo, nas grandes instalações hospitalares do Renascimento e nos destinos divergentes que seguiram, como o Hospital Maior de Filarete, em Milão, hoje convertido na sede principal da Universidade e o Hospital dos Reis Católicos de Santiago e Compostela, agora um hotel. Nesses edifícios (...) a forma resultante adquire um carácter mais permanente que a actividade específica que a gerou.”*<sup>12</sup>.

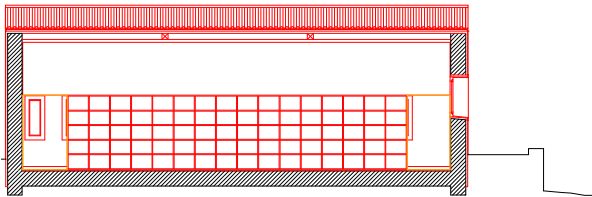
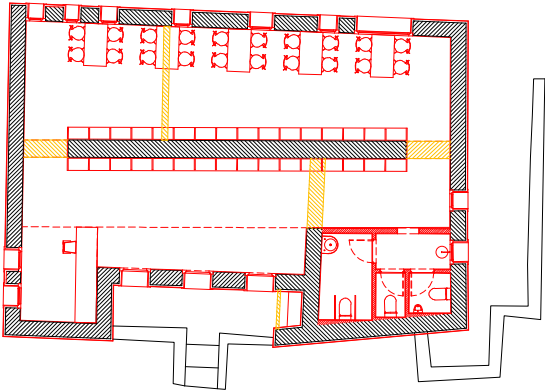
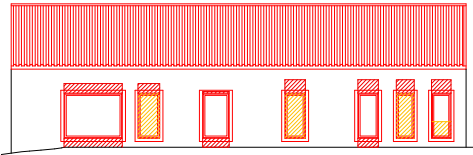
No caso da casa de chá, são duas as operações de adição. Em primeiro lugar, os elementos cenográficos que evocam imediatamente o novo programa que o edifício abraça: os balcões, as mesas e as cadeiras. Para além disso, o desenho de

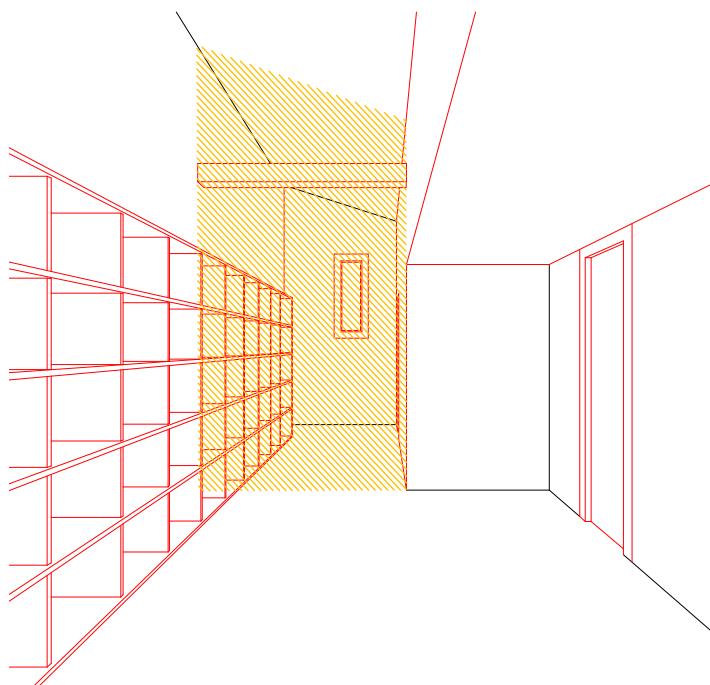
85. O Edifício da Biblioteca. Quinta da Saúde, Portalegre, 2019.

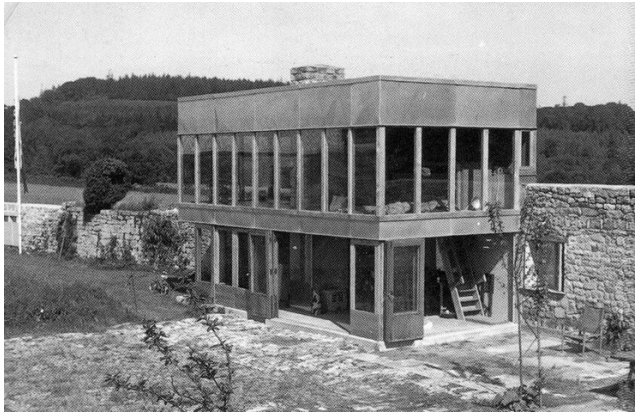
86. Intervenção dos arquitectos OFFICE no antigo edifício de Física da Universidade de Ghent, para o desenho da biblioteca de Arquitectura. Ghent, 2014.

12. ARÍS, Carlo Martí. *Las Variaciones de la Identidad*. Barcelona: Ediciones Serbal, 1993, pp. 81-82









um limite físico no chão ao recorrer a um simples nivelamento e alteração de material permite delimitar um recinto que é um nítido prolongar da casa de chá para o exterior, numa operação que remete para o **gesto 2**.

Em relação à biblioteca, a operação passa por, mais uma vez, insistir na espacialidade forte do edifício, especialmente na presença da parede central que parece ser o elemento mais preponderante. Neste sentido, abrindo dois vãos nessa mesma parede, e utilizando-a em toda a sua extensão como suporte para as estantes de livros, esta torna-se na personagem principal do espaço por ser o elo de ligação que conecta dois espaços sequenciais (o de entrada e o de estudo, mais recolhido) e o palco principal da actividade a que o edifício se destina. Assim, tal como no caso da casa de chá, para além desta insistência espacial, a própria cenografia é uma referência imediata à alteração profunda da actividade do edifício.

Acompanhar a leitura com o desenho: **QS\_AUD**

#### ■ **auditório** ■

Para o auditório, ainda que continue na dialéctica da colagem, a abordagem é ligeiramente diferente, pelo que se sentiu necessidade de recorrer à **referência 4**: o Pavilhão Upper Lawn dos arquitectos Alison e Peter Smithson. Esta opção deriva da natureza de ambos os casos: a pré-existência não é um edifício, mas sim um recinto, ou seja, um espaço demarcado mas não habitável. Apesar dessa sua condição distinta, este corpo – cuja anterior função é desconhecida – tem o seu lugar na constelação da Quinta da Saúde, é já um participante na harmonia compositiva e por isso julga-se que, tendo a necessidade de construir um auditório, não faria sentido encontrar uma nova implantação quando uma já está demarcada e entrosada na noção de conjunto.

Pareceu, assim, que também faria sentido, mais do que utilizar a localização deste recinto, incorporar a própria estrutura existente. O Upper Lawn representa, nestes moldes, o manifesto do **gesto 4** que escolhemos adoptar no confronto com esta situação.

*“Um pavilhão para aproveitar as estações, um pavilhão a energia solar cuja pele forma um novo espaço contra as paredes densas de alvenaria da quinta original do século XVIII”<sup>13</sup>*

*“Uma «tolice» implantada dentro dos limites dos «relvados» originais de Beckford’s Folly em Fonthill.”<sup>14</sup>*

No recinto da Quinta da Saúde, pretendemos criar um lugar dentro dos limites de um lugar já existente. No entanto, a pré-existência não dá quaisquer pistas em relação à volumetria ou à linguagem da intervenção.

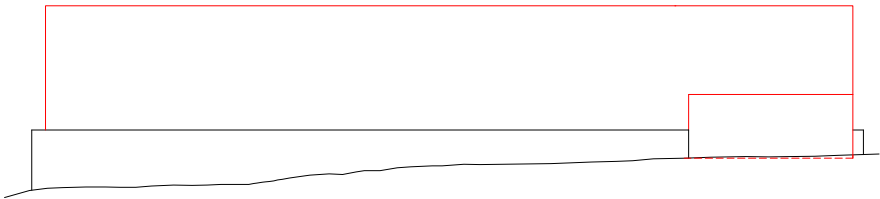
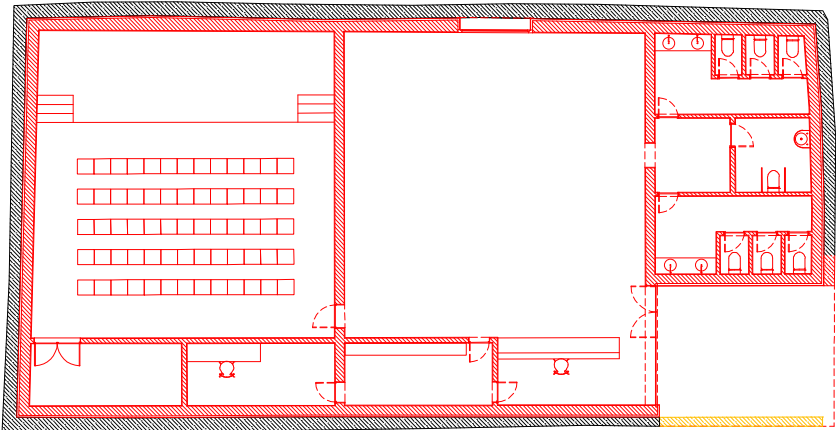
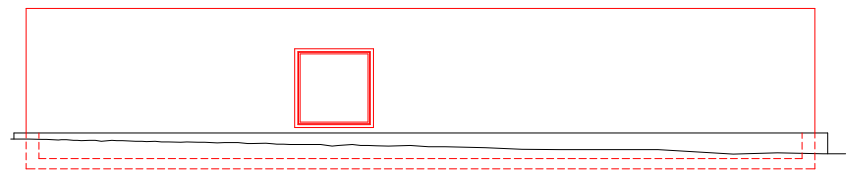
88. O recinto que dá lugar ao Auditório. Quinta da Saúde, Portalegre, 2019.

89. Alison e Peter Smithson, *Upper Lawn*. Wiltshire, 1962.

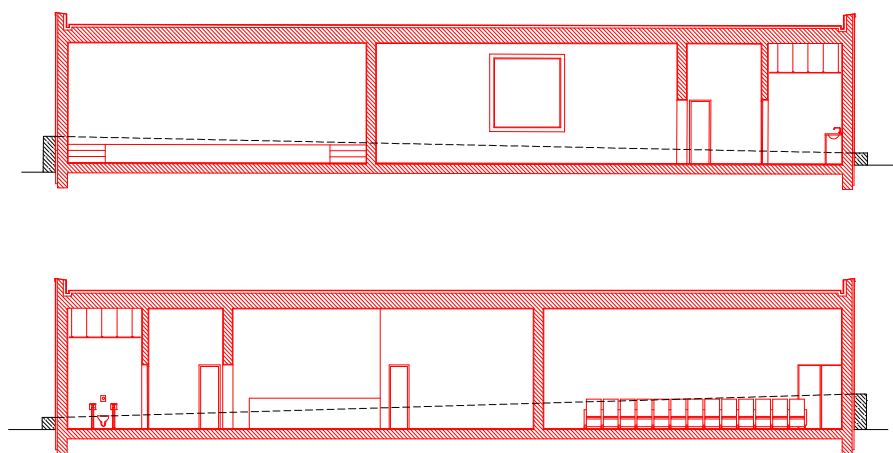
90. *Intervenção do arquitecto João Luís Carrilho da Graça na Praça Nova do Castelo de São Jorge*. Lisboa, 2010.

13. VIDOTTO, Marco. *Alison + Peter Smithson*. Barcelona: Gustavo Gili, 1997, p. 98

14. SMITHSON, Alison. *The Charged Void: Architecture*. Nova Iorque: The Monacelli Press, 2001, p.238









Enquanto que nas situações anteriores as pré-existências eram condicionantes da intervenção e esta quase que decorria naturalmente das mesmas, este recinto é demasiado abstracto para adoptar essa estratégia. Os próprios volumes circundantes vivem da sua condição vernacular e da consequente dificuldade em interpretá-la. Adam Caruso explica que *“Ao contrário da arquitectura, os edifícios vernaculares não são um acto consciente. Não existem através de abstracções formais independentes da construção. O vernacular não é sobre aparência, mas sobre presença. É um artefacto físico que contém em si mesmo a situação social e tecnológica em que foi construído e que está em evolução contínua, as construções vernaculares são cada vez mais difíceis de definir.”*<sup>15</sup>. Assim, de modo a que a intervenção esteja de acordo com a natureza do recinto que dita a sua génese, fará sentido que o próprio volume seja abstracto, quase que intemporal ou até anacrónico, como que numa atitude de respeito para com o recinto cuja história desconhecemos. Complementa-se então a **referência 4** com uma segunda obra: a intervenção do arquitecto Carrilho da Graça na Praça Nova do Castelo de São Jorge. Aqui, o arquitecto reproduz uma interpretação conjectural da experiência espacial das ruínas de duas habitações da Idade do Ferro descobertas no local. Para tal, ergue, nos mesmos eixos estruturais das ruínas, paredes brancas abstractas, mais debruçadas sobre os temas da presença e da experiência espacial do que sobre qualquer alusão estética.

O **gesto 4** brota, então, destas duas abordagens, sendo que o recinto não irá desempenhar um papel estrutural, mas sim de *anunciador espacial*. Assim, constrói-se uma *caixa* nele encaixada que pretende ensaiar/propor a experiência espacial que possivelmente se perdeu. Aqui, o recinto terá o papel de elemento compositivo da fachada e permanência de uma existência já passada mas que perpetua no tempo. O miolo preenchido vive de dois espaços generosos correspondentes ao auditório e a uma sala de exposições informal que é também o *foyer*.

92. *O Campo de Ténis*. Quinta da Saúde, Portalegre, 2019

93. *O Campo de Ténis*. Quinta da Saúde, Portalegre, 2019

94. *A Biblioteca*. Quinta da Saúde, Portalegre, 2019

15. CARUSO, Adam; “In Good Faith”. In *The Feeling of Things*. Barcelona: Ediciones Polígrafa, 2008, p. 53



## 2. desígnios, *da responsabilidade*

*“Podemos ser, se quisermos [arquitectos], elementos activos, podemos ajudar poderosamente a construir o futuro, a dar a essa nova civilização uma marca bem humana.”<sup>91</sup>*

95. OS ESPACIALISTAS. *Fazer uma casa na pedra*.

1. PEREIRA, Nuno Teotónio. *Escritos: 1947-1996*. Porto: FAUP Publicações, 1996, p. 38





O arquitecto tem um papel social a desempenhar. Tem que conhecer para quem está a desenhar, apelar ao lado humanista e sensível que é (ou devia ser) tão próprio desta profissão e que por vezes se dilui em superficialidades. Alvar Aalto insurge-se contra esta insensibilidade: *“Os modernos estragaram esse mundo original das formas, em cuja germinação influíram as análises precisas dos novos materiais, os métodos inéditos, as novas circunstâncias sociais, etc., e transformaram-no numa desordem agradável de tubos cromados, lâminas de vidro, formas cubistas e cores surpreendentes. Parece que se fez tudo quanto era possível para chegar a uma arquitectura mais alegre e, suponho, mais humana; no entanto, sobressai nela a sensação insípida de que lhe falta uma verdadeira contribuição humanista.”*<sup>2</sup>.

O Sanatório de Paimio desenhado pelo arquitecto é uma espécie de ex-líbris desta premissa. Alvar Aalto procedeu a um estudo intensivo das pessoas para quem desenhava de modo a que os espaços pudessem ter consequências operativas. O papel terapêutico da arquitectura foi explorado atentamente, apostando-se nesta enquanto agente activo no processo de regeneração do ser humano: *“Sendo a envolvente fundamental para o bem-estar dos doentes, os benefícios de um espaço intrinsecamente terapêutico são extensíveis a toda a estrutura organizacional. São vários os estudos que atestam a importância do meio ambiente humanizado, ergonómico e acolhedor na redução dos períodos de internamento e recobro, das dosagens de medicamentos administradas, promovendo igualmente a atenuação dos factores de «stress», uma maior eficiência das equipas médicas e, finalmente, um decréscimo dos custos de exploração.”*<sup>3</sup>

Um dos estudos realizados parte da observação de uma pessoa acamada em condições muito débeis e do ensaio de habitações experimentais. Este permitiu uma importante mudança no paradigma do desenho do quarto. Alvar Aalto entendeu que o desenho teria que ser distinto do dito normal, no sentido em que teria que ser pensado para uma pessoa na posição horizontal, e não na posição vertical. Desta forma, as cores, a iluminação, o aquecimento, a disposição, etc. têm que ser pensados tendo isso em conta. Assim, o tecto foi pintado de uma cor mais escura e a luz artificial foi retirada do ângulo de visão do paciente, de modo a não lhe ferir a vista, já que a direcção do seu olhar está condicionada pela sua posição. *“Estas são só algumas ilustrações de uma habitação experimental do sanatório. (...) O funcionalismo técnico é correcto somente se se ampliar até alcançar inclusivamente o campo psicológico. Esta é a única forma de humanizar a arquitectura.”*<sup>4</sup>

Também Sergison Bates, a propósito do desenho do lar de idosos em Wingene, mostram sentir esta responsabilidade ao colocar a questão: *“Mas como é que se acomoda sensivelmente um programa institucional com a necessidade de desenvolver um ambiente que nutra dignidade e que crie uma sensação de lar?”*<sup>5</sup>

2. AALTO, Alvar. “El Racionalismo y el hombre”. In *De palabra y por escrito*. Madrid: El Croquis Editorial, 2000, pp. 126-127

3. ARAÚJO, Francisco de. “Da Architectura Terapêutica”. In *AI Arquitectura Ibérica: Saúde*. Lisboa: Edições Caleidoscópio, 2008, p. 18

4. AALTO, Alvar. “La Humanización de la Arquitectura”. In *De palabra y por escrito*. Madrid: El Croquis Editorial, 2000, p. 145

5 BATES, Sergison, Sergison Bates architects: Buildings. Lucerne: Quart Publishers, 2012, p. 59



É assumindo esta responsabilidade e partilhando este peso na consciência que se pretende dar corpo ao projecto do Centro Social da Quinta da Saúde. É tendo em consideração que há uma continuidade entre a mente e o espaço. A mente como extensão do espaço. O espaço como extensão da mente. Uma osmose infinita e inevitável. “(...) *podemos sentir que há um processo de continuidade entre a actividade num lugar e a construção do lugar em si, que estar num lugar cria o significado do lugar de certa forma. Isto sugere que a actividade num lugar e o lugar em si são por vezes isomórficos.*”<sup>6</sup>. Nestes moldes, torna-se compreensível que um espaço esquelético e depressivo afecte negativamente a mente de quem o habita. Graças à capacidade mental de construir lugar, entende-se que não há fronteiras capazes de alhear o ser humano do ambiente que o circunda. Ao mover-se por entre objectos, recebe estímulos em relação aos quais desenvolve uma resposta inevitável. Cada observador tem a sua própria construção de lugar que tem origem na percepção das emissões energéticas codificadas pelas características físicas do mesmo e que “(...) *são processadas na central nervosa por resíduos estruturais de experiências passadas, por estados de espírito presentes e por predisposições geneticamente determinadas. A percepção resultante é única.*”<sup>7</sup>

Tendo em conta esta influência tão directa e inevitável, o sentido de responsabilidade adensa-se. É urgente “harmonizar o mundo material e a vida humana”<sup>8</sup>.

Proceder-se-á, então, ao estudo das particularidades e necessidades dos ocupantes do projecto que se está a desenhar, de modo a entender de que forma o desenho arquitectónico, que já se sabe influenciador de flutuações emocionais, pode ser utilizado de forma inteligente e operativa no processo de regeneração psicológica.

*“Muito pouco se sabe sobre a forma como as pessoas idosas estão a mudar e consequentemente pouco se sabe aquilo que fazem nas suas vidas quotidianas. Não vamos entender estas coisas ao tratar as pessoas idosas como uma espécie diferente a ser observada e documentada: temos que reconhecer que as pessoas idosas seremos nós dentro de uns anos. Enquanto designers, estamos a desenhar o nosso próprio futuro.”*<sup>9</sup>

97. LANZAVECCHIA + WAI, *No country for old men*. 2012 “Italian-Singaporean designers Lanzavecchia + Wai have designed a collection of aids for the elderly with styling that’s more domestic than medical.”

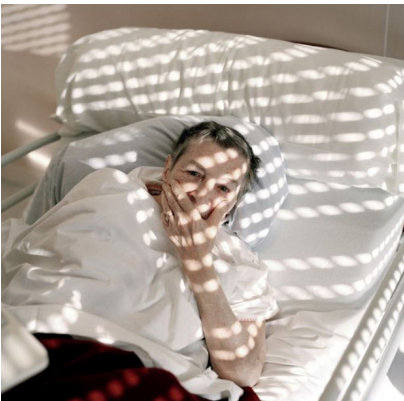
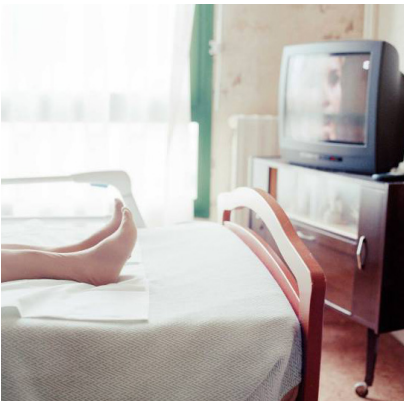
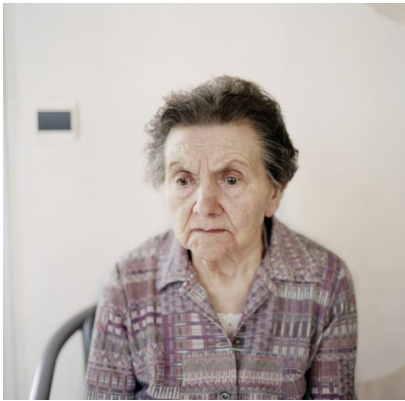
6. MENIN, Sarah. *Constructing place: mind and matter*. Londres: Routledge, 2003, p. 9

7. LEE, Terence. *Psychology and the Environment*. Londres: Methuen, 1976, pp. 49-50

8. AALTO, Alvar. Op. cit., p.143

9. COLEMAN, Roger. “Preface” in *The Challenge of Age*. Glasgow: Foulis Press, 1996, p.9



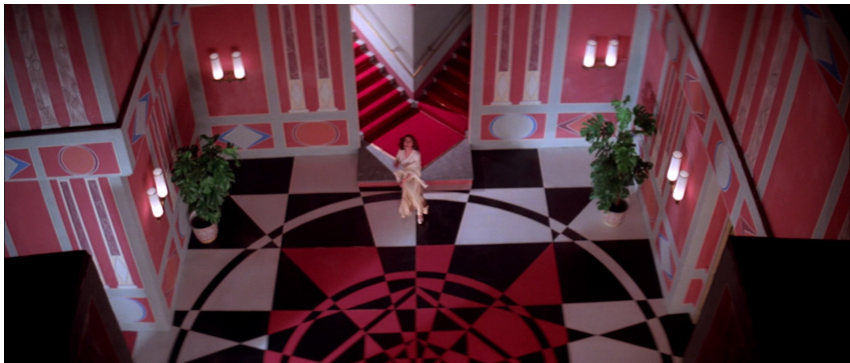




2. desígnios,  
*imaginar as experiências dos outros*

*“(...)não é fácil amar da mesma maneira uma pessoa que está e não está ao mesmo tempo.”<sup>10</sup>*

10. DA SILVA, Paula Martinho, “A Expressão Antecipada de Vontade nas Pessoas com Risco de Demência – Perspectiva Bioética e Jurídica” in *A Demência: O Outro Lado do Espelho*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Apud *Dementia: ethical issues*, Nuffield Council on Bioethics, 2009, p. 80



A demência consiste na degradação das conexões sinápticas no cérebro. Esta condição corrói a habilidade de planear e de lembrar. Torna-se gradualmente mais difícil para o demente situar-se e navegar pelo mundo, tendo uma constante sensação de deriva. Consequentemente, a sua experiência arquitectónica é assumidamente mais complexa.<sup>11</sup>

A paralisia cerebral *“é uma situação originada por uma lesão no cérebro que se manifesta principalmente por perturbações motoras – paralisia, incoordenação motora, existência de movimentos involuntários – às quais se associam muitas vezes perturbações da linguagem, deficiências sensoriais e de percepção, problemas de comportamento e, numa certa percentagem de casos, deficiência mental.”*<sup>12</sup>

O arquitecto Roger Ulrich, com a sua *Supportive Design Theory*, revelou-se importante no processo de concepção da Quinta da Saúde, na medida em que tornou muito claro o mal-comum a eliminar: o **stress**. Para Ulrich, a recuperação depende da redução dos factores de stress, em certa medida por ser uma variável cientificamente mensurável e creditada como não o são certos aspectos psicológicos como atitudes, preferências ou satisfações.

Procederemos então ao exercício de relacionar gestos arquitectónicos com manifestações de *stress*, de modo a podermos entender como devemos intervir nos edifícios construídos para os adaptar ao seu novo uso - o que implica não só a alteração do programa, mas também uma reordenação de prioridades, sendo a eliminação de situações de *stress* uma delas.<sup>13</sup>

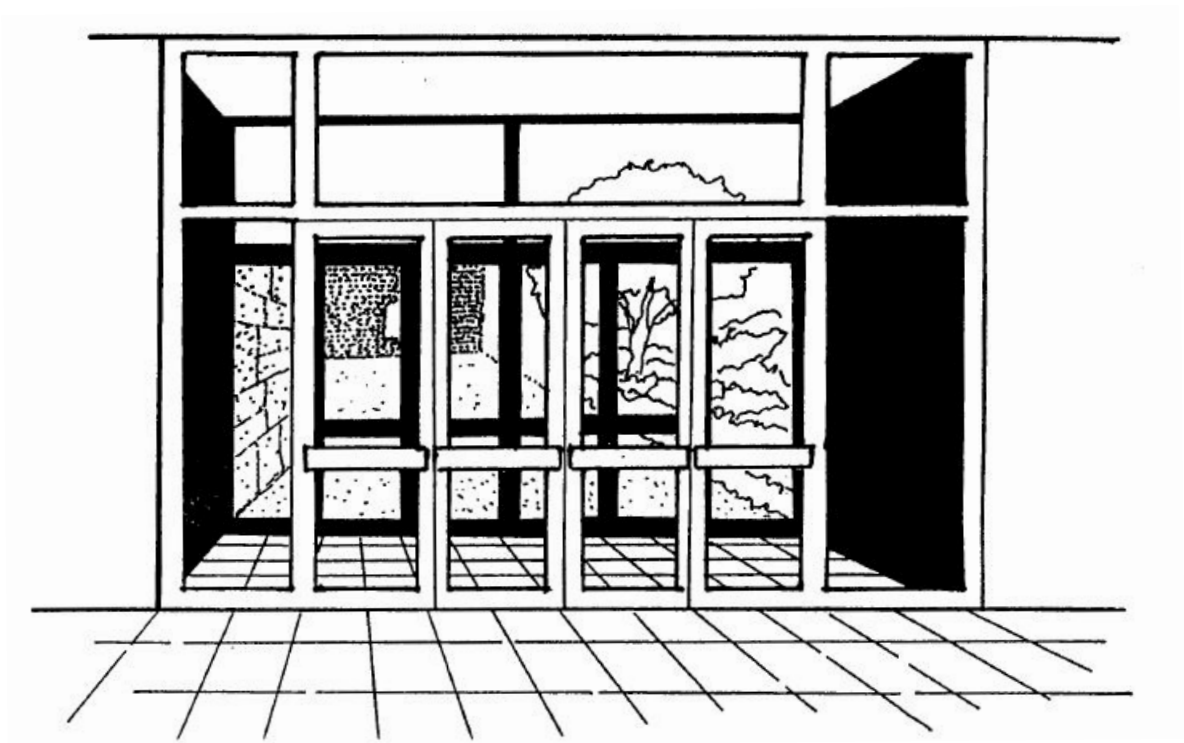
O **estímulo** que o desenho de um espaço impinge ao observador é um factor importante. Espaços pouco estimulantes, ou seja, sem qualquer tipo de intensidade, variedade, complexidade ou novidade, tornam-se aborrecidos. No entanto, espaços demasiado estimulantes dificultam a concentração e são indutores de stress. Demasiado ruído, luzes intensas, cheiros fortes, cores garridas, distâncias impessoais ou multidões são exemplos de condições demasiado estimulantes. As pessoas lidam bem com pequenas doses de mudança, pelo que uma certa familiaridade com os lugares é importante. Sendo que a Quinta da Saúde faz parte de uma memória colectiva, tal é já uma vantagem na busca deste equilíbrio. Para além disso, opta-se por uma intervenção que pretende recuperar as suas características imagéticas, não querendo romper com a sua continuidade ou identidade, em grande parte por esta surgir de um vocabulário vernacular que torna a sua assimilação mais natural, menos estranha.

Um outro aspecto a considerar é a **coerência espacial**. Os elementos construídos devem ser suficientemente claros para que deles se deduza natural e imediatamente a sua identidade, significado e localização. Uma organização espacial ou funcional ambígua pode tornar o edifício imprevisível, o que pode causar situações de stress desnecessárias. O desenho dos espaços tem que ser consequente e permitir que o ocupante seja capaz de desenhar um

11. MANOLOPOULOU, Yeroryia, MCLAUGHLIN, Niall. *Losing Myself: About* (2016). Acedido em: 10 de maio de 2019 em: <http://www.losingmyself.ie/about/>

12. Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral. Centro de Reabilitação Calouste Gulbenkian. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, p. 4

13. A análise que se segue tem por base o artigo científico: EVANS, Gary, MCCOY, Janetta Mitchell, “When buildings don’t work: the role of architecture in human health”. In *Journal of Environmental Psychology*, n.º18. Ithaca: Academic Press, 1998, pp.85-94



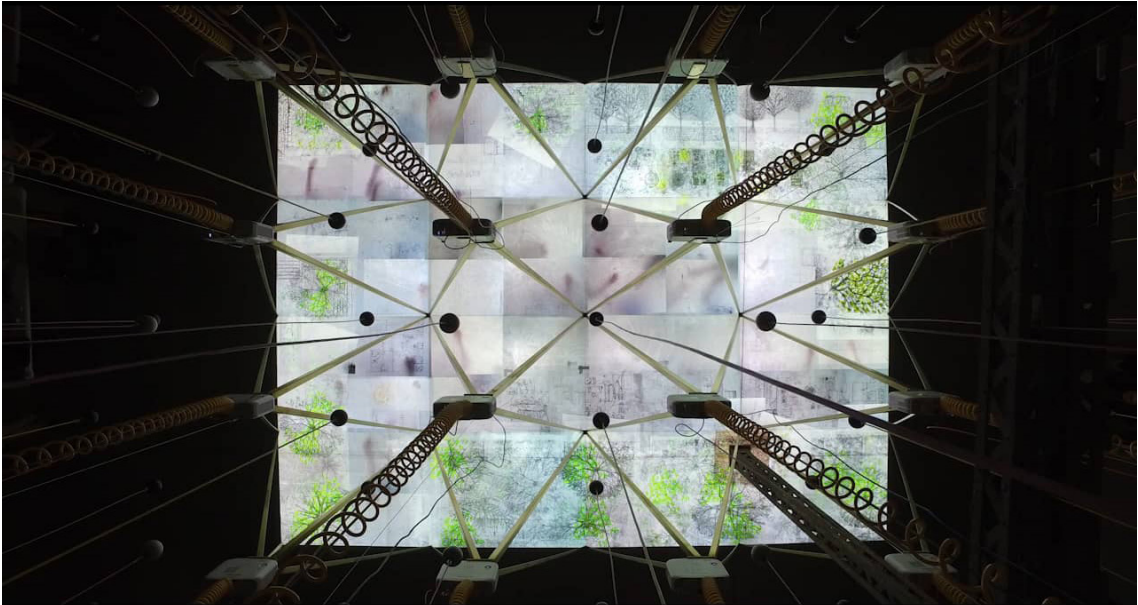
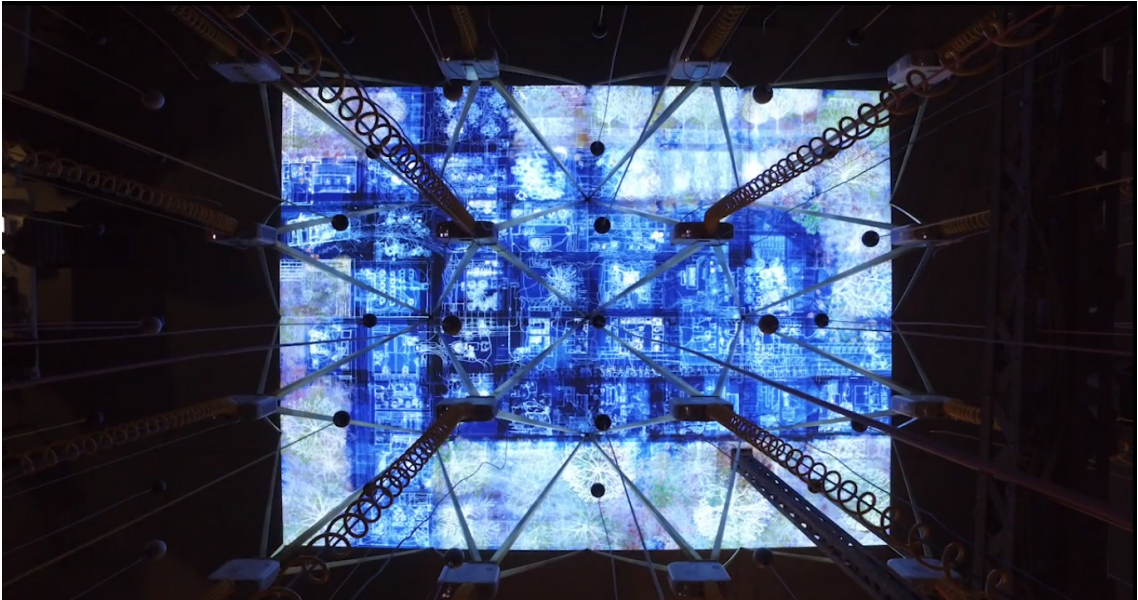
Acompanhar a leitura do parágrafo com os desenhos: QS\_EM01, QS\_EM02 e QS\_TOCUP

mapa mental do edifício em que circula. Assim, no Centro Social da Quinta da Saúde opta-se por geometrias regulares, pontos marcantes no interior que sejam referências de orientação (por exemplo, os arcos na sala do restaurante que indicam a mudança de sala) e contacto visual contínuo com o exterior que permita uma constante noção de posição relativa. A própria coreografia sequencial de progressão espacial que desde o início se ambicionou evita ao máximo zonas de distribuição e circulação complicadas, garantindo a legibilidade dos mesmos. Os edifícios são todos redesenhados com o intuito de eliminar estas ambiguidades, sendo que o edifício de Terapia Ocupacional é aquele que aparentemente tem uma organização menos clara. Tal é fruto de uma compartimentação excessiva e do exagero de zonas de circulação que tornam o desenho menos claro e difícil de simplificar tendo em conta que não se pretende uma demolição total das paredes do interior do edifício. No entanto, tendo em conta a sua natureza pedagógica, estes aparentes estorvos podem ser encarados como uma preparação para eventuais situações de stress. Ainda assim, todas as portas no corredor de distribuição devolvem uma resposta positiva a quem as abre: um gabinete, uma sala de aula, uma sala de terapia ocupacional, bem como a relação com o exterior que permite, mais uma vez, uma noção de localização. Para além disso, a extensão do edifício sob a forma de uma pérgula é um importante elemento de orientação, pois permite uma rápida identificação da posição no edifício por criar uma ambiência distinta da do alpendre da entrada principal.

Outra característica espacial importante é o **controlo**, ou seja, a oportunidade que o espaço dá para que cada um o possa alterar ou possa regular a sua exposição em relação ao mesmo. Certas características como flexibilidade, resposta e síntese espacial são conceitos de desenho que facilitam largamente o controlo. Sentir que um espaço é aberto e manipulável é sentir que está sob controlo. É simples entender que uma sensação de controlo em relação ao espaço em que se está contribua para um alívio do stress, que receber um *feedback* espacial de um ambiente responsivo é muito importante para um sensação de segurança preventiva de desamparo. O controlo desempenha ainda um papel importante no que toca à promoção da interacção social. Temas de desenho como a organização do mobiliário podem ter um papel estimulante, uma vez que uma organização do espaço que permita uma distância pessoal, conforto e facilidade de contacto visual cria um ambiente mais pessoal que encoraja a aproximação. Nestes moldes, o desenho de espaços mais íntimos – como é o caso dos alpendres de menores dimensões ou da própria Quinta na sua dimensão paisagística – é também importante para atingir equilíbrio social, que se situa no ponto médio entre o individualismo absoluto e a colectividade absoluta. Assim, as actividades podem ser levadas a cabo em grupos mais pequenos que surjam de afinidades, sendo mais saudável do que impingir pessoas a pessoas.

100. EVANS, Gary, MCCOY, Janetta Mitchell, *When buildings don't work: the role of architecture in human health*. "These doors illustrate a misaffordance because it is not clear how to utilize the doors. On which side and in what direction should one operate the doors?"





“Os gregos ensinaram que o Homem é uma criatura gregária. Freud acrescentou: gregária e, simultaneamente, individualista. Heidegger: «um ser de lonjuras».”<sup>14</sup>

Acompanhar a leitura do parágrafo com os desenhos: QS\_IMPL01 e QS\_IMPL02

Por fim, deve ser tida em conta a **capacidade reconstituente**. Esta prende-se com o potencial terapêutico dos elementos espaciais desenhados de reduzirem a fadiga cognitiva e as fontes de stress. Podem ajudar as pessoas a encontrar um equilíbrio entre as exigências do quotidiano e as lutas pessoais ao promover o descanso, a contemplação, a meditação e um certo grau de reflexão. O esforço de concentração e atenção voluntária causa fadiga mental, pelo que para restaurar a mente, a atenção involuntária ou a fascinação – uma espécie de estado meditativo – têm um papel importante. Tal foi procurado através do desenho de grandes janelas com vistas, da recuperação do terraço, da reabilitação da zona da lareira e da fonte no exterior (a água em movimento tem um efeito extremamente relaxante) e da insistência no tratamento paisagístico do local.

Tendo em consideração as implicações da demência na percepção espacial da pessoa e na capacidade de orientação no espaço, esta condição tornou-se um alvo de estudos mais intensivos, havendo respostas mais pragmáticas e directas a nível do desenho espacial. Neste sentido, ao serem mais específicas, estas premissas são também mais que válidas para as pessoas com paralisia cerebral.

A maneira como se experiencia o espaço é já muito complexa. Quando as pessoas que o experienciam têm uma forma profundamente distinta de o fazer, torna-se ainda mais complexo entendê-lo. Afinal, como se desenha de forma a dar um sentido de orientação e de navegação segura a pessoas que estão a perder a sua capacidade de lembrar, planear e localizar-se a si próprias no mundo? Foi muito útil no processo desta dissertação a análise do pavilhão irlandês para a 15ª Bienal de Veneza em 2016, cuja temática era exactamente a experiência espacial de pessoas com demência. Os arquitectos Yeoryia Manolopoulou e Niall McLaughlin, responsáveis pelo pavilhão, desenvolveram um estudo denso, inclusivamente contactando com especialistas na área da demência, como construção de uma base sólida de conhecimento responsável.

Numa das conversas dos arquitectos com especialistas da área, houve uma que despertou especial curiosidade por se abordar o conceito de *espaço*. O professor Tim Ingold, antropólogo, critica o uso constante da ideia de *espaço* pelos arquitectos por a considerar demasiado abstracta. Considera que o movimento ao longo de um edifício é “(...) *sequencial, temporal e narrativo*” e não espacial, e que o efeito da demência é exactamente na interrupção ou na confusão desta narrativa. “*Pelo contrário, ele [Tim Ingold] acredita que «saber onde se está» não é sobre saber localizar numa posição espacial, mas sim sobre «ser capaz de contar a história do lugar onde se está».*”<sup>15</sup> O mundo torna-se fragmentado, confuso, desconfortável. As tarefas mais básicas tornam-se cada vez mais difíceis, o que vem acompanhado de uma boa dose de frustração, pelo menos nos estados mais

101. MANOLOPOULOU, Yeoryia; MCLAUGHIN, Niall. *Losing Myself: Irish Pavilion at la Biennale di Venezia 2016*.

14. “O Habitar colectivo e a lógica do outro”. In *arq./a* nº 57. Lisboa: Soc. Editora Lda., Maio 2008, p. 84

15. MANOLOPOULOU, Yeoryia, MCLAUGHLIN, Niall. *Losing Myself: The Story of the Place You Are In* (2016). Acedido em: 10 de maio de 2019 em: <http://www.losingmyself.ie/pages/story-place/>



iniciais em que ainda se procura a tona lúcida da água. Compreensivelmente, o medo de falhar promove o isolamento social, o que deve ser combatido dada a natureza social do ser humano.

*“Vivemos com a percepção: é percebendo o que está à nossa volta com os nossos sentidos que entendemos o ambiente em que nos encontramos. Não só formamos uma imagem, como também formamos memórias com ela, sentimos as dimensões com o eco, sentimos a humidade com o cheiro, vemos luz/sombra... Por outras palavras, nós aprendemos com as memórias, nós recordamo-las e comportamo-nos de acordo com elas.”<sup>16</sup>*

*“Ela considera que o isolamento é um dos maiores inimigos da idade avançada. É um estado (...) no qual as pessoas idosas constroem barreiras e não querem ser um fardo para as suas famílias e amigos. (...) Para permanecerem saudáveis, têm que querer levantar-se de manhã. Só conseguem fazê-lo se se encontrarem com outras pessoas regularmente e se estiverem envolvidas em actividades físicas e culturais. (...) As pessoas podem viver durante muito tempo com demência, e garantir-lhes habitação e espaços externos que vão ao encontro das suas necessidades melhora consideravelmente a sua qualidade de vida.”<sup>17</sup>*

A primeira nota a fazer prende-se exactamente com um desenho humanista e cómodo, que se afaste tanto quanto possível do desenho institucional e asséptico, altamente estigmatizado e guetizado. É importante, antes de mais, que o gesto arquitectónico se traduza numa imagem desejável e aprazível, convidativa na sua essência. A somar a esta atitude, com o programa que propõe espaços como o auditório, a biblioteca e a casa de chá, prevê-se a afluência de pessoas (aparentemente) externas ao Centro, criando dinâmicas refrescantes.

A questão da iluminação desempenha também um papel muito importante. A luz natural é de uma importância incontornável e desenhar um edifício que a veja como uma prioridade pode fazer mais diferença do que a própria medição. As insónias são um problema muito comum em pessoas com demência, uma vez que o seu ciclo circadiano (ou seja, o ciclo de alerta/repouso do cérebro quando estamos acordados ou a dormir) está muito desregulado. Sendo que este é muito influenciado pela luz solar, é importante expor o demente ao máximo de luz solar possível durante o dia, para exagerar os sinais de alerta, e a luzes mais amareladas ao fim da tarde/noite para que o cérebro entenda que tem que descansar. Esta luz solar deve no entanto ser controlada para evitar brilhos ou sombras confusos. No edifício-mãe e no da terapia ocupacional, foram abertos grandes vãos de modo a fomentar a entrada de luz solar, mas de forma controlada, aproveitando os terraços e alpendres existentes como filtros de luz, desenhando novos filtros de luz – como é o caso da pérgula que protege a entrada desenfreada

Acompanhar a leitura do parágrafo com os desenhos: [QS\\_EM01](#), [QS\\_EM02](#) e [QS\\_TOCUP](#)

102. MERRION, Harriet Lee. *Aíga. Eye on Design*, esta ilustração acompanhou um artigo escrito pela directora de desing da Microsoft, “O que estamos a pôr de parte na discussão sobre design inclusivo”.

16. KAYAN, Cagil. *Neuro-architecture: Enriching healthcare environments for children*. Tese de mestrado. Suécia, 2011, p.11

17. CASTLE, Helen. *Remember who you are designing for*. Londres, House of Lords, 11 de setembro de 2013. Entrevista a Baroness Greengross







de luz pelos grandes vãos do edifício de terapia ocupacional - bem como dispositivos de controlo como cortinas que permitem dosear manualmente a entrada de luz. Para além disso, a abertura dos edifícios ao exterior encoraja o contacto com a natureza, permitindo a absorção de vitamina D, muito importante quer na prevenção da osteoporose, quer na diminuição do risco de depressão. Em relação à iluminação artificial, é importante que siga a lógica circadiana. Luzes com comprimento de onda curto como LED's e luzes fluorescentes durante o dia, e luzes com comprimento de onda maior durante a noite (mais amareladas). Não é, no entanto, tão taxativo assim, já que tudo depende do contexto. As luzes mais amareladas e baixas podem ser também preponderantes durante o dia em espaços onde se pretende promover a intimidade, a abertura e o relaxamento. Serão uma mais-valia, por exemplo, junto à lareira ou no consultório de psicologia.

A materialidade é outro aspecto a ter em conta no desenho do edifício. A familiaridade e a memória espacial são fundamentais para o bem-estar do demente, pelo que manter a materialidade dos edifícios, o vocabulário vernacular anteriormente referido, parece a decisão mais sensata. Há, no entanto, intervenções necessárias para que os edifícios retomem a sua condição de receptáculos: reconstrução das coberturas, recuperação de pavimentos, substituição de portas e janelas, etc. Nestes casos, o material que se considerou mais apropriado foi a madeira que, nas palavras de Alvar Aalto: *“Com as alterações que se procuram com certos processos químicos, perdem-se algumas das qualidades mais importantes do material original - sobretudo no que se refere ao humano e ao psicológico - pelo que a madeira permanecerá como um material enriquecedor, profundamente humano.”*<sup>18</sup> Para além disso, não sendo um material comum em edifícios de cariz hospitalar, e pretendendo-se um afastamento deliberado de tais atmosferas, é o ideal.

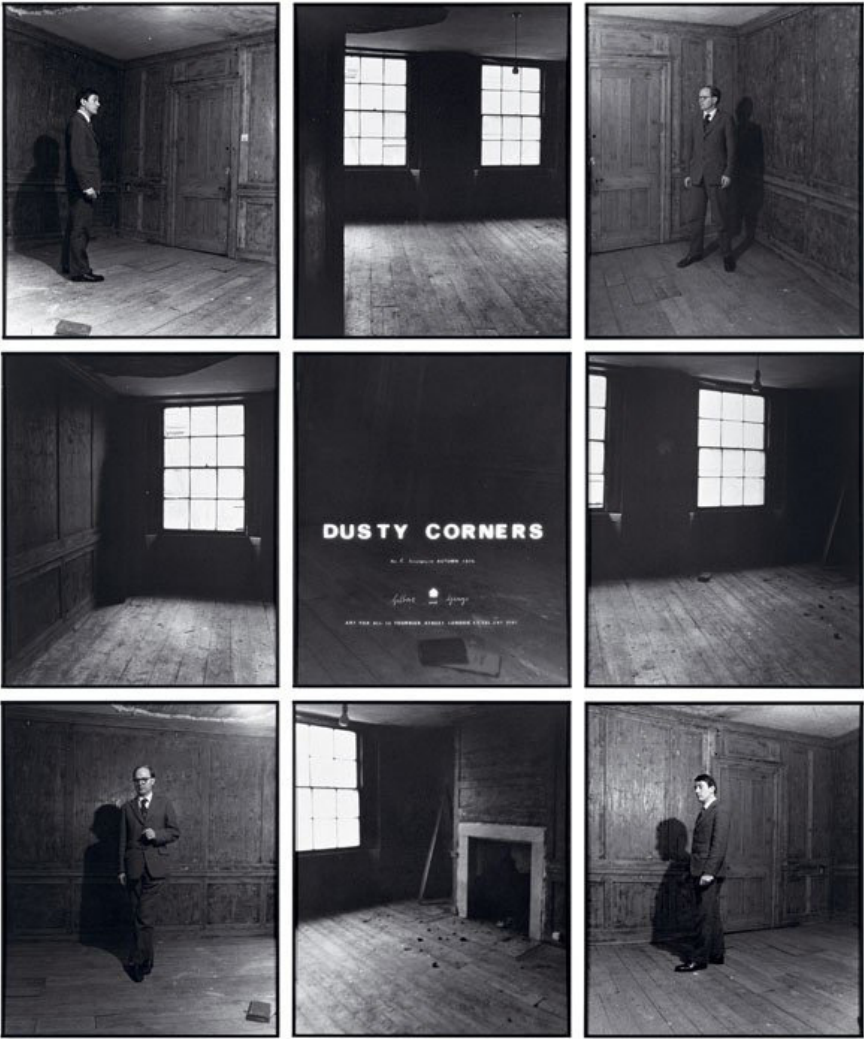
Deambular é um comportamento característico das pessoas com demência. Por isso, em vez de dirigir os esforços na prevenção do deambular, estes devem ser orientados para o desenho de um ambiente em que deambular é seguro e, na melhor das hipóteses, permita que as pessoas cheguem aos sítios que procuram. Para tal, são muito importantes conexões visuais claras bem como a remoção de barreiras físicas para reduzir o potencial de frustração. Para além disso, as sequências espaciais devem ser lógicas e decorrer naturalmente, da mesma forma como os passos deambulatórios decorrem uns dos outros. Assim, cada edifício foi pensado tendo estas premissas em conta, tanto quanto possível, uma vez que há que ter em consideração que estes resultam da adaptação de edifícios pré-existent.

Em relação ao edifício-mãe, no piso superior os espaços são sequenciais e fluem uns dos outros, sem espaços intermédios de distribuição. Apenas existem corredores no piso inferior, sendo que o dos balneários é inevitável e será si-

Acompanhar a leitura do parágrafo com os desenhos: [QS\\_EM01](#) a [QS\\_EM02](#)

103. MILACH, Rafal. *O quarto de Marti no centro de demencia Humanitas*.

18. AALTO, Alvar. “La madera como material de construcción”. In *Alvar Aalto: de palabra y por escrito*. Madrid: El Croquis Editorial, 2000, p.141



nalizado, e no dos consultórios as pessoas já serão conduzidas por alguém. Para além da sinalética orientadora indispensável, os próprios espaços terão identidades distintas que facilitam a sua identificação. A sala de estar da lareira é uma sala de menores dimensões, com sofás e mais acolhedora que dá acesso ao alpendre da entrada e que permite ver a zona arborizada do café exterior. A sala de refeições está associada ao terraço principal com grandes janelas com vista para a serra. É uma sala com mesas, barulho de talheres e loiças, cheiro a café e a torradas que se servem no balcão. A sala polivalente decorre formalmente desta última, tendo os arcos como elemento formal de transição. É uma sala com cortinas e cujo mobiliário se altera de acordo com as actividades a realizar. Não tem terraço. Para chegar à sala de espera dos consultórios é preciso descer as escadas ou o elevador. Das janelas também se vê a serra, mas desta vez com outra linha de horizonte, o que altera a percepção do exterior. Em relação à zona dos balneários, existirá uma alteração deliberada da materialidade para azulejos que reportem para a ideia de higiene, de água. De qualquer forma, a ida aos balneários será também acompanhada – caso seja necessário. A sala da piscina surge na continuidade desta materialidade, uma vez que se pretende manter a atmosfera da água como refúgio terapêutico.

Acompanhar a leitura do parágrafo com o desenho: **QS\_BIBL**

A biblioteca, por sua vez, permite um movimento contínuo e, se quisermos, infinito. A estante com livros condiciona/orienta a circulação e é também um importante indicador que permite inferir imediatamente a actividade que ocorre no edifício.

Acompanhar a leitura do parágrafo com o desenho: **QS\_CCH**

Na casa de chá, ambas as salas têm saída para o exterior e a actividade é também clara: numa o balcão funciona bem como objecto desmistificador do objectivo programático do edifício e na outra as mesas com pessoas, talheres e pratos tornam esta dedução simples. Pela segunda vez referem-se objectos como estratégia de identificação das actividades que funcionam em cada espaço. Esta surgiu de uma conversa com a Dra. Ana Costa, psicóloga clínica, que participou numa sessão do Café Memória a que assisti por ser uma oportunidade de contacto com idosos com demência. A Dra. Ana desenvolveu este mecanismo para responder a uma dificuldade que sentiu durante algum tempo. Sempre que preparava alguma actividade com os idosos – como, por exemplo, desenhar – tinha que os conduzir um a um para uma sala e ajudá-los a sentar-se. Ora, quando deixava algumas pessoas na sala para ir buscar outras, muitas delas abandonavam o lugar pois não entendiam ou esqueciam o propósito que as prendia ali. Assim, a Dra. Ana começou a deixar em cima das mesas alguns objectos que dessem alguma pista sobre o que os levava a estar ali, como por exemplo canetas e papéis no caso de alguma actividade relacionada com desenho ou escrita. Para além disso, começou também a deixar nas mesas água de rosas e um ramo de alecrim do seu quintal, cujos aromas lhes começaram a ser associados. Desta forma, em vez de uma sala com mesas e cadeiras, encontra-se uma mesa com canetas e papéis, algumas cadeiras em volta e um cheiro familiar, sendo todos estes ele-



Acompanhar a leitura do parágrafo com os desenhos: **QS\_TOCUP**

Acompanhar a leitura do parágrafo com o desenho: **QS\_AUD**

Acompanhar a leitura do parágrafo com os desenhos: **QS\_IMPL01** e **QS\_IMPL02**

mentos possíveis gatilhos que activam processos sinápticos.

Em relação ao edifício da Terapia Ocupacional, este já foi abordado, reiterando-se que é um edifício cuja pré-existência tem um desenho com alguma contorção, mas que pode ser encarado como um ensaio para situações semelhantes com corredores sem pistas e entradas pouco directas ou claras. A relação com o exterior é uma ajuda importante e a utilização deste edifício está sempre dependente de um professor ou de um auxiliar, não sendo de utilização autónoma.

O auditório vive também de uma grande simplicidade. É uma sequência de dois espaços, sendo o primeiro um espaço mais complexo em termos programáticos, por ser simultaneamente o *foyer* e um espaço de exposição informal, e o segundo, o auditório em si, de função inquestionável.

Por fim, os jardins. Foram desenhados caminhos que guiam inconscientemente o deambular por haver uma demarcação material entre um material duro – gravilha: mais confortável – e um material mole – relvado: desconfortável. Estes caminhos são elípticos e engancham uns nos outros, permitindo um movimento contínuo não-frustrante. Irrigam a Quinta em toda a sua extensão e permitem o acesso a todos os edifícios que, ao mesmo tempo, funcionam como pontos de referência. Em relação à horta terapêutica, acessível pelo exterior ou pelo piso inferior do edifício principal, é importante que esta constitua uma oportunidade para desenvolver a independência. Assim, tem áreas definidas e identificadas, e um percurso demarcado e encerrado para que os utentes não se percam. A acessibilidade é também uma questão fundamental na busca da autonomia, pelo que esta horta se dispõe em tabuleiros acessíveis para uma cadeira de rodas ou um banco, evitando posições desconfortáveis e encorajando a sua utilização por ser altamente benéfica – como já foi referido anteriormente.





*“Achámos muito importante criar um certo «vaguear livre», não conduzir mas seduzir. Por exemplo, um corredor de hospital: condução. Mas também existe a sedução, o deixar andar, o vaguear, e isto nós arquitectos conseguimos fazer. Por vezes, este saber assemelha-se um pouco a uma encenação. Nesta piscina tentámos levar as unidades espaciais a um ponto em que funcionam por si só. Tentámos, não sei se conseguimos, mas não me parece que esteja mal. Espaços – aqui estou, eles começam a reter-me espacialmente, não estou de passagem. Estou bem aqui, mas neste momento ao virar da esquina, ou noutra ponto qualquer, há algo que desperta a minha atenção, a luz que entra duma certa maneira, e eu passo descontraidamente. Tenho de dizer que isto é um dos meus maiores prazeres: não ser conduzido, mas sim poder deambular – drifting, sim? E assim me encontro numa viagem de descoberta. Como arquitecto tenho de ter cuidado para que não se torne um labirinto, pelo menos, se eu assim não o quiser. E depois volto a introduzir orientação, faço excepções, como vocês todos sabem. Conduzir. Seduzir. Largar, dar liberdade. Para certo tipo de utilização é melhor e faz mais sentido criar calma, serenidade, um lugar onde não terão de correr e procurar a porta. Onde nada nos prende e podemos simplesmente existir.”<sup>19</sup>*



## último apontamento

*“Todo o investigador investiga porque está perdido e será sensato não ter a ilusão de que deixará de o estar. Deve, sim, no final da sua investigação, estar mais forte. Continua perdido, mas está perdido com mais armas, com mais argumentos. Como alguém que continua náufrago, mas que tem agora, contra as intempéries e os perigos, um refúgio mais eficaz.”<sup>1</sup>*

É importante frisar a noção que temos da natureza académica desta dissertação. No entanto, a proposta - ainda que algo *condenada* pela sua ingenuidade - foi um momento importante na minha formação por reflectir muitas das minhas vontades e inquietações. Esperamos agitar algumas mentes mais desatentas (e por isso mais sossegadas) ao folhear estas páginas que procuram dissecar questões complexas como a identidade, a responsabilidade e a reabilitação. Desta complexidade brota um sentimento de receio latente de fragilidade, muito motivado pela noção de uma visão ainda naturalmente imatura, que esperamos não revogar a pertinência desta reflexão.

Foi absolutamente necessário um ganho de maturidade ao longo da construção do discurso, no sentido em que houve que suprimir uma vontade inicial de abordar tudo quanto cabia no universo desta dissertação. Priorizaram-se vontades e seleccionaram-se os caminhos que as servem e que, acima de tudo, são realmente consequentes. Foi um esforço para construir um raciocínio em função do que queríamos dizer e não dizer apenas *coisas* em função de um discurso que à partida podia parecer mais completo ou informado, mas que na verdade funcionaria como um estrangulador da mensagem.

*“Saber ou conhecer é matar com arpão, é destruir a selvajaria do desconhecido e torná-la objecto de museu. Moby Dick é cheio de metáforas e não me parece que a sua leitura possa ser fruída sem que o leitor saia do livro a coxear um pouco da alma como Ahab coxeava a andar com a sua perna de pau. Dantes, tinha o hábito de dobrar as pontas das páginas dos livros onde encontrava frases que valia a pena serem arpoadas. Moby Dick é o livro que tenho com mais pontas de páginas dobradas, algo que não passa de mais uma forma de caçar baleias.”<sup>2</sup>*

1. TAVARES, Gonçalo M. *Atlas do Corpo e da Imaginação. Teorias, fragmentos e imagens*. Alfragide: Editorial Caminho, 2013, p. 38

2. Ernest Hemingway sobre *Moby Dick* apud. CRUZ, Afonso. *Mar*. Lisboa: Penguin Random House, 2014





## *bibliografia*

### livros

- AALTO, Alvar.** *De palabra y por escrito*. Madrid: El Croquis Editorial, 2000
- ALARCÃO, Pedro.** *Construir a ruína: a propósito da cidade romanizada de Conimbriga*. Porto: FAUP, 2009
- ARÍS, Carlo Martí.** *Las Variaciones de la Identidad*. Barcelona: Ediciones Serbal, 1993
- Associação Portuguesa da Paralisia Cerebral.** *Centro de Reabilitação Calouste Gulbenkian*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970
- BATES, Sergison.** *Sergison Bates architects: Buildings*. Lucerne: Quart Publishers, 2012
- BEAMISH, Huldine V.** *The Hills of Alentejo*. Londres: Geoffrey Bles Ltd, 1958
- CARUSO, Adam.** *The Feeling of Things*. Barcelona: Ediciones Polígrafa, 2008
- CASTLE, Helen.** *Remember who you are designing for*. Londres, House of Lords, 11 de setembro de 2013
- COLLOVÀ, Roberto, FONTES, Luís, LEÓN, Juan Hernández.** *Santa Maria do Bouro. Construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro*. Lisboa: White and Blue, 2001
- CRUZ, Afonso.** *Mar*. Lisboa: Penguin Random House, 2014
- DOMINGUES, Álvaro.** *Vida no Campo*. Porto: Dafne Editora, 2011
- FERRO, António.** *Turismo: Fonte de riqueza e poesia*. Lisboa: Edições S.N.I., 1948
- GOLVANO, Fernando.** *Paisagens Periféricas*. Porto: Fundação de Serralves, 1998
- LEE, Terence.** *Psychology and the Environment*. Londres: Methuen, 1976
- MENIN, Sarah.** *Constructing place: mind and matter*. Londres: Routledge, 2003
- PEREIRA, Nuno Teotónio.** *Escritos: 1947-1996*. Porto: FAUP Publicações, 1996
- PORTAS, Nuno.** *A Arquitectura para hoje*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008
- PORTAS, Nuno.** *A Arquitectura para hoje: finalidades, métodos, didáticas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1964
- PORTAS, Nuno.** *Arquitectura(s): Teoria e Desenho, Investigação e Projecto*. Porto: FAUP Publicações, 2005
- RUSKIN, John.** *A Lâmpada da Memória*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008
- SMITHSON, Alison.** *The Charged Void: Architecture*. Nova Iorque: The Monacelli Press, 2001
- Sociedade de Propaganda de Portugal, No Alto Alentejo/Portalegre, Elvas, Castelo de Vide/Indicações gerais para uso dos viajantes**, 1918
- TAVARES, Gonçalo M.** *Atlas do Corpo e da Imaginação. Teorias, fragmentos e imagens*. Alfragide: Editorial Caminho, 2013
- TOMÉ, Miguel.** *Património e restauro em Portugal*. Porto: FAUP Publicações, 2002
- TRIGUEIROS, Luiz (ed.).** *Fernando Távora*. Lisboa, 1993
- URSPRUNG, Philip.** *Caruso St. John*. Barcelona: Ediciones Polígrafa, 2008.

**VENTURA, António.** *Cem Anos de Turismo em Portalegre*. Publicações da Fundação Robinson, N°14, 2009

**VIDOTTO, Marco.** *Alison + Peter Smithson*. Barcelona: Gustavo Gili, 1997

**ZUMTHOR, Peter.** *Atmosferas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gil, 2006

## trabalhos académicos

**BERGET, B.; BRAASTAD, B.; BURLS, A.; ELINGS, M.; HADDEN, Y.; HAIGH, R.; HASSINK, J.; HEGARTY, J.; HINE, R.; NEUBERGER, K.; RAPPE, E.; SEMPIK, J.; GONZALEZ, M.; WILCOX, D.** *Green Care: A Conceptual Framework*. Hine, R., Sempik, J., Wilcox, D. (eds.), 2010

**KAYAN, Cagil.** *Neuro-architecture: Enriching healthcare environments for children*. Tese de mestrado. Suécia, 2011

**PAQUETE, Patrícia.** *O Bem-estar de indivíduos com demência e a relação com o desempenho de ocupações significativas. Um estudo a partir da aplicação do Dementia Care Mapping (DCM) a uma população institucionalizada*. Lisboa: Nova Medical School, Faculdade de Ciências Médicas, 2015. Tese de Doutoramento

## periódicos

*a + t: layers*, n°11, 1998

*a + t: memoria (I)*, n°16, 2000

*AD: Architectural Design. Designing for the third age*, volume 84, n° 3, abril de 2014

*AI Arquitectura Ibérica: Saúde*. Lisboa: Edições Caleidoscópio, 2008

*Album Alentejano*. Lisboa: Impressões Beleza, 1931

*arq./a: habitar colectivo*, n° 57. Lisboa: Sociedade Editora Lda., maio 2008

*arq./a: persistências rurais*, n°101. Lisboa: Sociedade Editora Lda., março/abril 2012

*Cadernos de Arquitectura N°1*. Lisboa: Editorial Organizações Lda., 1947

*Correio de Portalegre*, n°6, 19 de Novembro de 1941

*Correio de Portalegre*, n°7, 26 de Novembro de 1941

*Correio de Portalegre*, n°9, 10 de Dezembro de 1941

*Jornal dos Arquitectos – As Praias de Portugal 1*, n°196. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, maio/junho 2000

*Jornal dos Arquitectos – As Praias de Portugal 2*, n°197. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, setembro/outubro de 2000

*Jornal dos Arquitectos*, n° 213. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, novembro/dezembro de 2003

*Journal of Environmental Psychology*, n°18. Ithaca: Academic Press, 1998

*Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, n° 15 e 16. Lisboa: Edição do Secretariado da Propaganda Nacional, 1943

*Propaganda de Portugal, Terras de Portugal*. Portalegre, n°3, 10 de junho de 1914

*Revista Património*, nº1. Lisboa: DGPC, novembro 2013  
*Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, ESPECIAL 1, abril de 2014  
*Revista Punkto: Destruição*, nº2  
*Scientific American*, abril/maio 2009  
*Sociedade e Território*, nº28. Porto: Edições Afrontamento, 1998  
*Therapeutic Communities: The Internacional Journal of Therapeutic Communi-*  
*ties*, vol.34, nº1. Nottingham, 2013  
*Vida Alentejana*, nº27, 19 de março de 1935

## websites

**Alzheimer Portugal.** *Portugal é o quarto país com mais demência, mas a resposta é fraca.* Disponível em: [<http://alzheimerportugal.org/pt/news>]  
**BRIGGS, Evan.** *Mixing across generations.* Disponível em: [<https://www.youtube.com/watch?v=5Walt8nPINM>]  
**FULCHER, Merlin; OLCAYTO, Rory.** *Rem Koolhaas turns back on cities.* Disponível em: [<https://www.architectsjournal.co.uk/home/rem-koolhaas-turns-back-on-cities/8621130.article>]  
**Instituto Nacional de Estatística.** *Onde e como se vive em Portugal*, 2011. Disponível em: [[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=157042720&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=157042720&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt) ]  
**KOBAYASHI, Minako; MORITA, Kumito.** *Interactive programs with pre-school children bring smiles and conversation to other adults: time-sampling study.* Disponível em: [<https://bmccgeriatr.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2318-13-111>]  
**MANOLOPOULOU, Yeroryia, MCLAUGHLIN, Niall.** *Losing Myself* (2016). Disponível em: [<http://www.losingmyself.ie/>]  
**OFFICE Kersten Geers, David Van Severen.** *City Villa.* Disponível em: [<http://officekgdvs.com/projects/#office-62>]  
**OMA, CRONOCAOS,** Venice Biennale 2010. Disponível em: [<https://oma.eu/projects/venice-biennale-2010-cronocaos>]  
**Serviço Nacional de Saúde.** *O que é a RNCCI?* Disponível em: [<http://www2.acss.min-saude.pt/DepartamentoseUnidades/DepartamentoGest%C3%A3oRe-deServi%C3%A7RecursosSa%C3%BAde/CuidadosContinuadosIntegrados/RNCCI/tabid/1149/language/pt-PT/Default.aspx>]  
**TEATER, Barbra.** *Intergenerational Programs to Promote Active Aging: The Experiences and Perspectives of Older Adults.* Disponível em: [<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01924788.2016.1127041>]  
World Health Organization, What is healthy ageing? Disponível em: [<http://www.who.int/ageing/healthy-ageing/en/>]



## iconografia

- [1] *Atlas do Corpo e da Imaginação: teorias, fragmentos e imagens*. Lisboa, Caminho, 2013;
- [2] *Atlas do Corpo e da Imaginação: teorias, fragmentos e imagens*. Lisboa, Caminho, 2013;
- [3] <http://pro.magnumphotos.com/>
- [4] *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, nº 15 e 16. Lisboa: Edição do Secretariado da Propaganda Nacional, 1943
- [5] *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, nº 15 e 16. Lisboa: Edição do Secretariado da Propaganda Nacional, 1943
- [6] *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, nº 15 e 16. Lisboa: Edição do Secretariado da Propaganda Nacional, 1943
- [7] *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, nº 15 e 16. Lisboa: Edição do Secretariado da Propaganda Nacional, 1943
- [8] <http://postais-antigos-do-alentejo.blogspot.com>
- [9] <http://postais-antigos-do-alentejo.blogspot.com>
- [10] <http://arturpastor.tumblr.com>
- [11] <http://arturpastor.tumblr.com>
- [12] *Portalegre 1888. As fotografias de Paino Perez*. Portalegre: Fundação Robinson, 2007
- [13] <https://www.facebook.com/PortalegreAntiga/>
- [14] *Portalegre 1888. As fotografias de Paino Perez*. Portalegre: Fundação Robinson, 2007
- [15] *Album Alentejano*. Lisboa: Impressões Beleza, 1931
- [16] *Cem anos de turismo em Portalegre*. Portalegre: Fundação Robinson, 2009
- [17] *Cem anos de turismo em Portalegre*. Portalegre: Fundação Robinson, 2009
- [18] <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/festa-dos-aventais-em-portalegre/>
- [19] *Cem anos de turismo em Portalegre*. Portalegre: Fundação Robinson, 2009
- [20] Fotografia cedida pela Sra. Inês Serra.
- [21] <https://www.facebook.com/groups/254893064544553>
- [22] <http://www.luispalma.com/>
- [23] <https://www.pinterest.pt/>
- [24] *Jornal dos Arquitectos: As Praias de Portugal* 2, n.º197. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2000
- [25] <http://pro.magnumphotos.com/>
- [26] <http://pro.magnumphotos.com/>
- [27] <http://pro.magnumphotos.com/>
- [28] <http://pro.magnumphotos.com/>
- [29] <https://www.archdaily.com/>
- [30] <http://www.luispalma.com/>
- [31] <http://socks-studio.com/2016/11/03/embracing-landscapes-mimesis-1972-1973-by-barbara-and-michael-leisgen/>



- [32] <https://www.facebook.com/Naomemexamnosjpegs/>
- [33] <http://www.ilobo.pt/>
- [34] Fotografia da autora
- [35] Fotografia da autora
- [36] Fotografia da autora
- [37] Fotografia da autora
- [38] Fotografia da autora
- [39] Fotografia da autora
- [40] <https://www.archdaily.com/>
- [41] <http://pro.magnumphotos.com/>
- [42] <http://pro.magnumphotos.com/>
- [43] <http://pro.magnumphotos.com/>
- [44] <http://pro.magnumphotos.com/>
- [45] <http://pro.magnumphotos.com/>
- [46] <http://pro.magnumphotos.com/>
- [47] <http://pro.magnumphotos.com/>
- [48] <http://pro.magnumphotos.com/>
- [49] <https://vimeo.com/95053801>
- [50] <http://pro.magnumphotos.com/>
- [51] *Bloco das Águas Livres: a perfect building*. Lisboa: A+A Books, 2014
- [52] *Bloco das Águas Livres: a perfect building*. Lisboa: A+A Books, 2014
- [53] *Bloco das Águas Livres: a perfect building*. Lisboa: A+A Books, 2014
- [54] *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera, 2004
- [55] *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera, 2004
- [56] *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera, 2004
- [57] <https://www.finnishdesignshop.com/architecture/alvar-aalto-and-the-colors-of-the-paimio-sanatorium>
- [58] <https://www.finnishdesignshop.com/architecture/alvar-aalto-and-the-colors-of-the-paimio-sanatorium>
- [59] <https://www.finnishdesignshop.com/architecture/alvar-aalto-and-the-colors-of-the-paimio-sanatorium>
- [60] <http://pro.magnumphotos.com/>
- [61] <https://www.pinterest.pt/>
- [62] <https://www.pinterest.pt/>
- [63] [https://www.instagram.com/os\\_espacialistas/](https://www.instagram.com/os_espacialistas/)
- [64] <https://www.pinterest.pt/>
- [65] <https://www.carusostjohn.com/projects/centre-contemporary-arts/>
- [66] [https://davidchipperfield.com/project/neues\\_museum](https://davidchipperfield.com/project/neues_museum)
- [67] [https://davidchipperfield.com/project/neues\\_museum](https://davidchipperfield.com/project/neues_museum)
- [68] <http://www.dienerdiener.ch/en/project/extension-swiss-embassy>
- [69] Desenho da autora
- [70] <https://www.pinterest.pt/>

- [71] Fotografia da autora
- [72] <http://www.dienerdiener.ch/en/project/renovation-and-expansion-of-the-east-wing-of-the-museum-of-natural-history>
- [73] <https://www.carusostjohn.com/projects/clerkenwell-warehouse/>
- [74] Desenho da autora
- [75] Fotografia da autora
- [76] Fotografia da autora
- [77] Desenho da autora
- [78] Desenho da autora
- [79] Fotografia da autora
- [80] Fotografia da autora
- [81] <http://www.dienerdiener.ch/en/project/extension-to-national-gallery-of-modern-art>
- [82] <https://www.carusostjohn.com/projects/centre-contemporary-arts/>
- [83] Desenho da autora
- [84] Desenho da autora
- [85] Desenho da autora
- [86] <http://officekgdvs.com/projects/#office-117>
- [87] Desenho da autora
- [88] Fotografia da autora
- [89] <https://www.pinterest.pt/>
- [90] <https://www.revarqa.com/content/1/622/musealizacao-area-arqueologica-praca-nova-castelo-jorge-lisboa/>
- [91] Desenho da autora
- [92] Fotografia da autora
- [93] Fotografia da autora
- [94] Fotografia da autora
- [95] *Atlas do Corpo e da Imaginação: teorias, fragmentos e imagens*. Lisboa, Caminho, 2013;
- [96] <https://www.pinterest.pt/>
- [97] <https://www.lanzavecchia-wai.com/work/elderly-furniture/>
- [98] <http://majadaniels.com/projects/into-oblivion/>
- [99] <https://filmandfurniture.com/2018/10/suspiria-a-chromatic-journey-through-dario-argentos-horror-classic/>
- [100] “When buildings don’t work: the role of architecture in human health”. In *Journal of Environmental Psychology*, nº18. Ithaca: Academic Press, 1998
- [101] <https://vimeo.com/169133065>
- [102] <https://harrietelemerion.com/aiga>
- [103] <http://pro.magnumphotos.com/>
- [104] <https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-modern/exhibition/gilbert-george/gilbert-george-major-exhibition-room-guide/gilbert-2>
- [105] <https://www.harrietelemerion.com/the-guardian-g2W>
- [106] *Peter Zumthor: Therme Vals*. Zurique: Scheidegger & Spiess, 2007.



# ***IMAGINAR AS EXPERIÊNCIAS DOS OUTROS***

O CENTRO SOCIAL DA QUINTA DA SAÚDE

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA**

APRESENTADA POR MARIA PATHÉ  
E ORIENTADA PELO PROFESSOR DOUTOR NUNO BRANDÃO COSTA

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO 2019

## ***sumário de desenhos:***

QS\_IMPL01

*implantação 1:1000*

QS\_IMPL02

*implantação - relação com o piso térreo 1:1000*

QS\_EM01

*edifício-mãe*

*plantas dos pisos superior e inferior 1:200*

QS\_EM02

*edifício-mãe*

*alçados nascente, sul, poente e norte e cortes AA' e BB' 1:200*

QS\_TOCUP

*edifício de terapia ocupacional*

*planta, alçados nascente, poente e sul e corte AA', BB' e CC' 1:200*

QS\_BIBL

*biblioteca*

*alçados norte, sul, nascente e poente, planta e cortes AA' e BB' 1:200*

QS\_AUD

*auditório*

*alçados poente, norte, nascente e sul, cortes AA', BB' e CC' e planta 1:200*

QS\_CCH

*casa de chá*

*alçados norte e poente, corte AA' e planta 1:200*

QS\_BAL

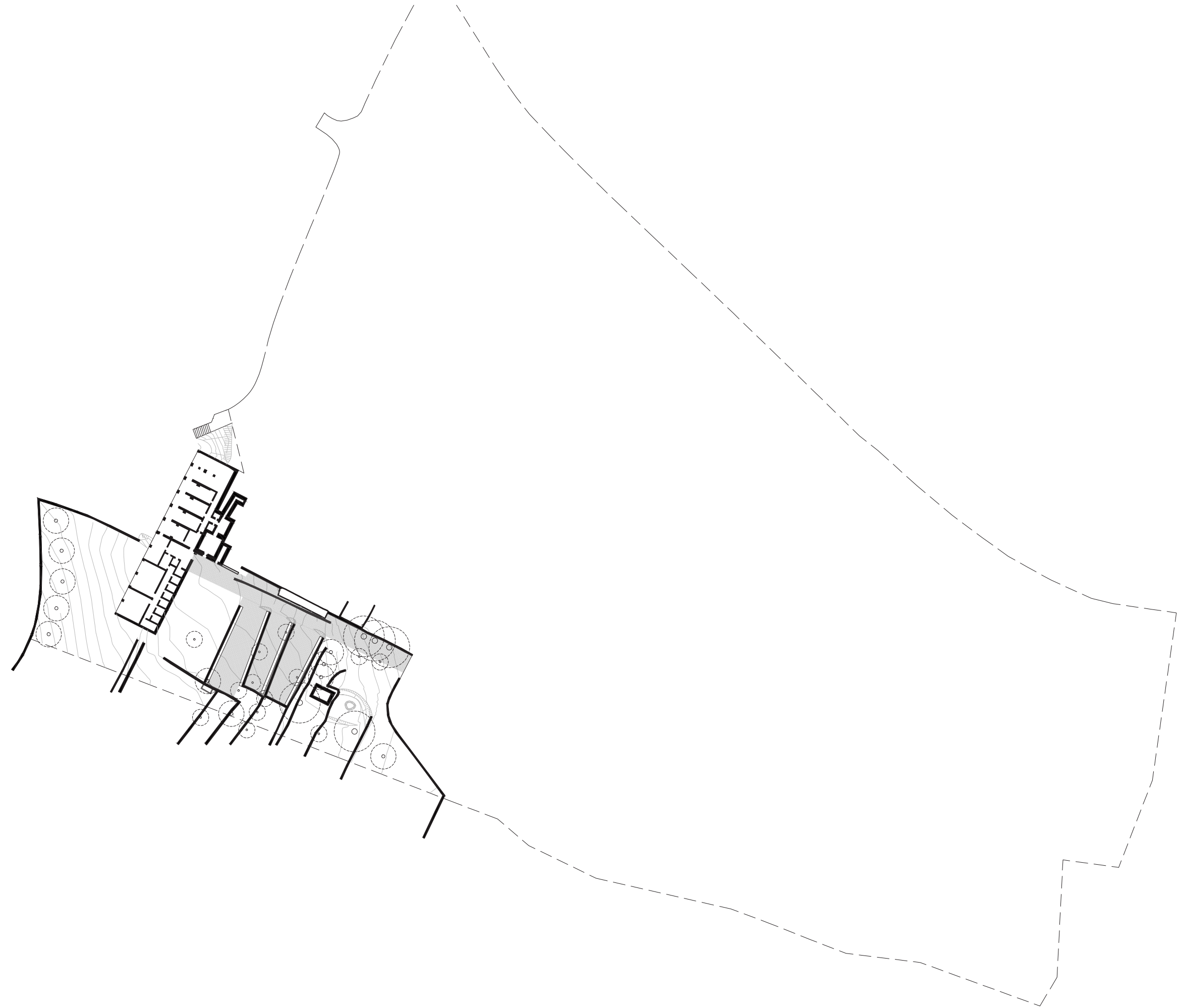
*balneários*

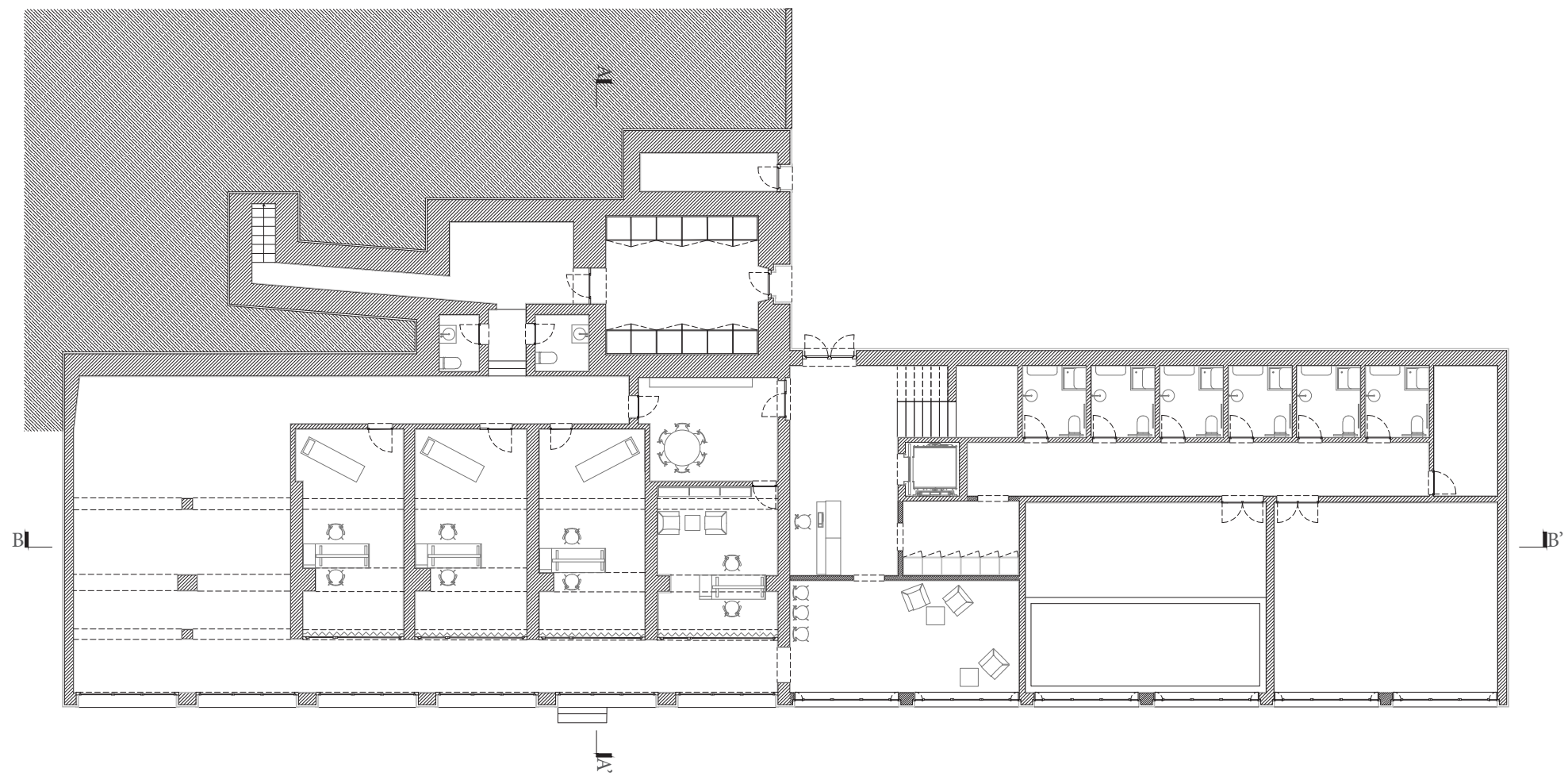
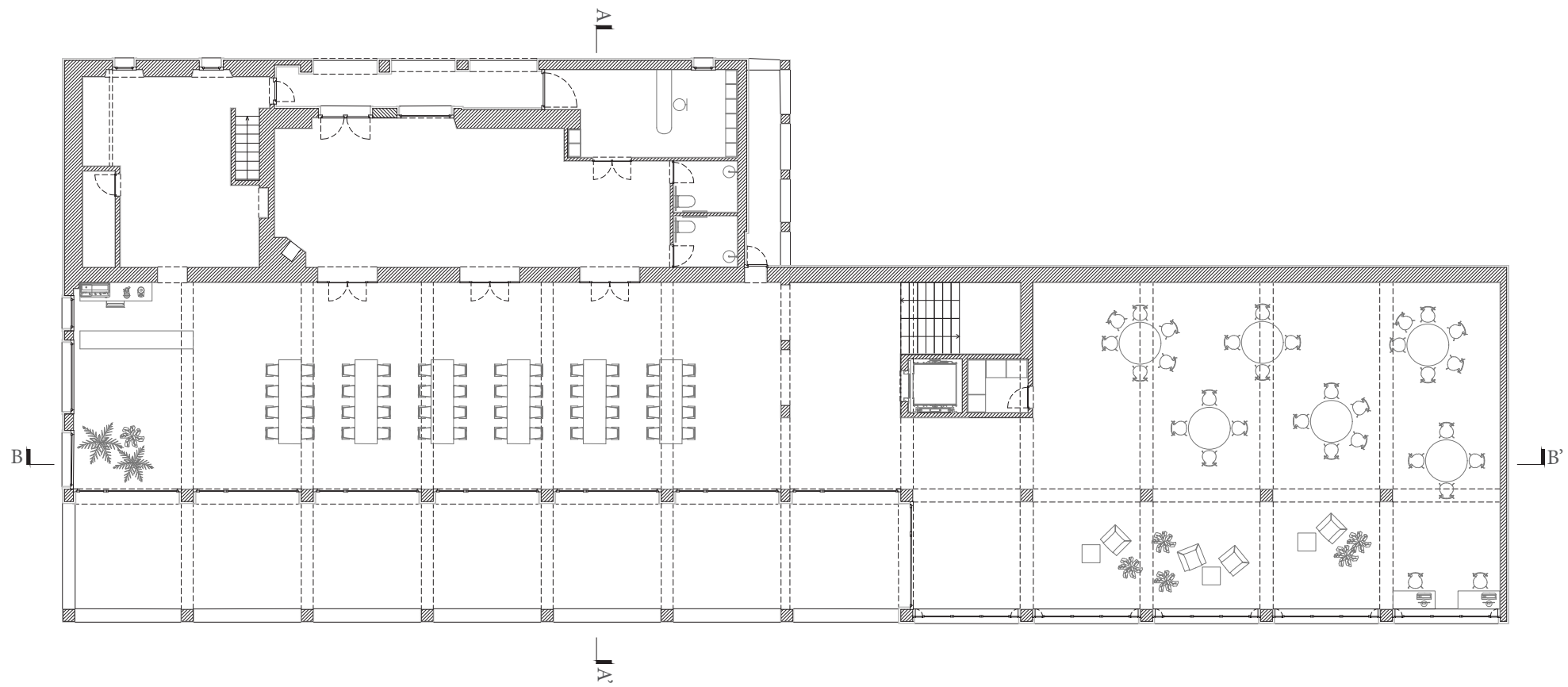
*alçados poente e sul, corte AA' e planta 1:200*



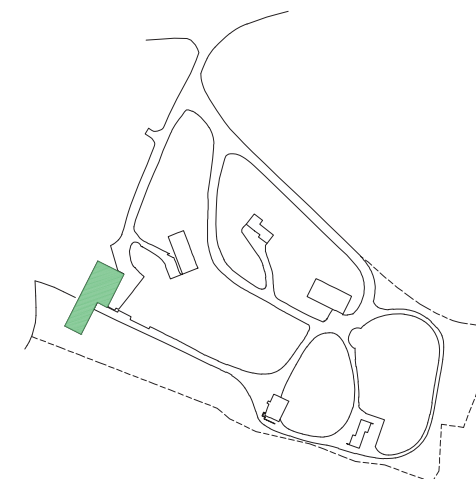


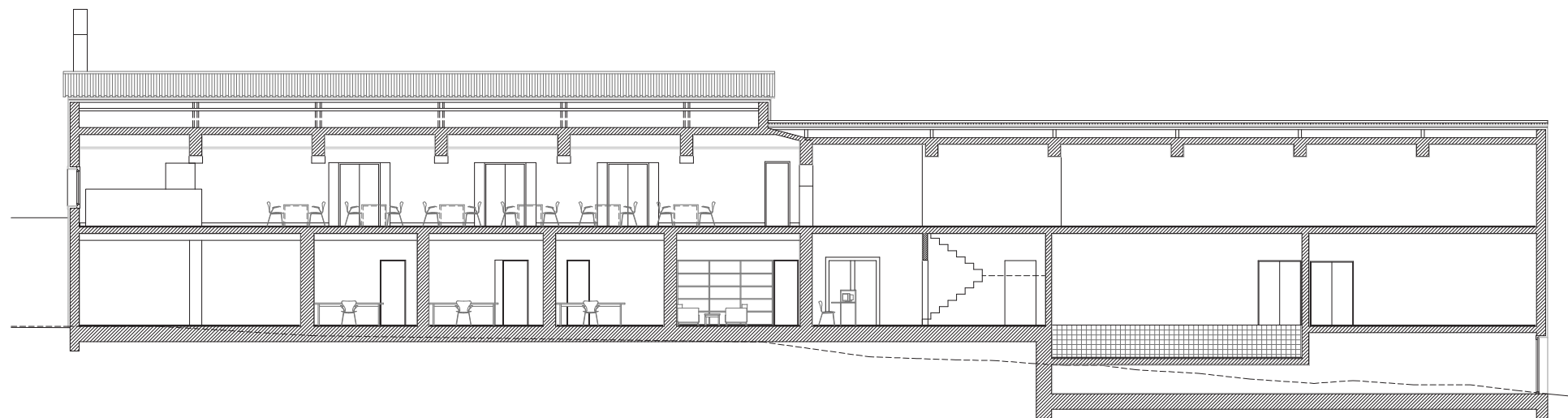
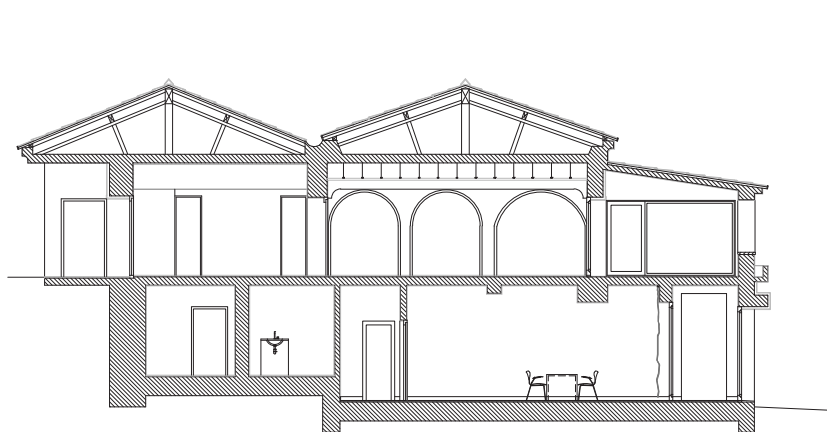
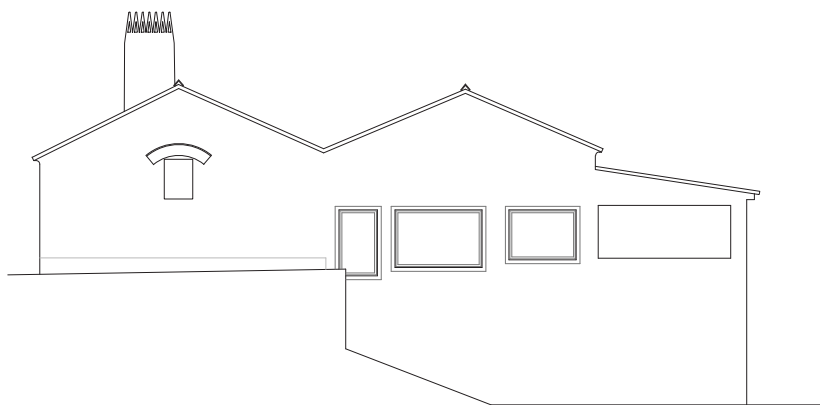
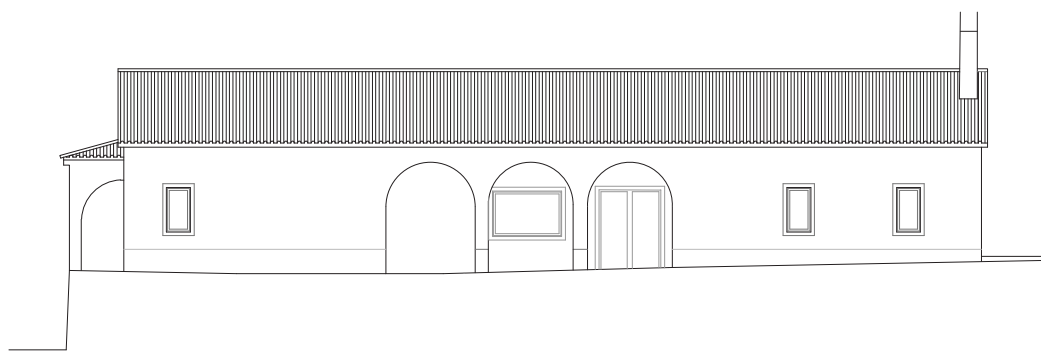
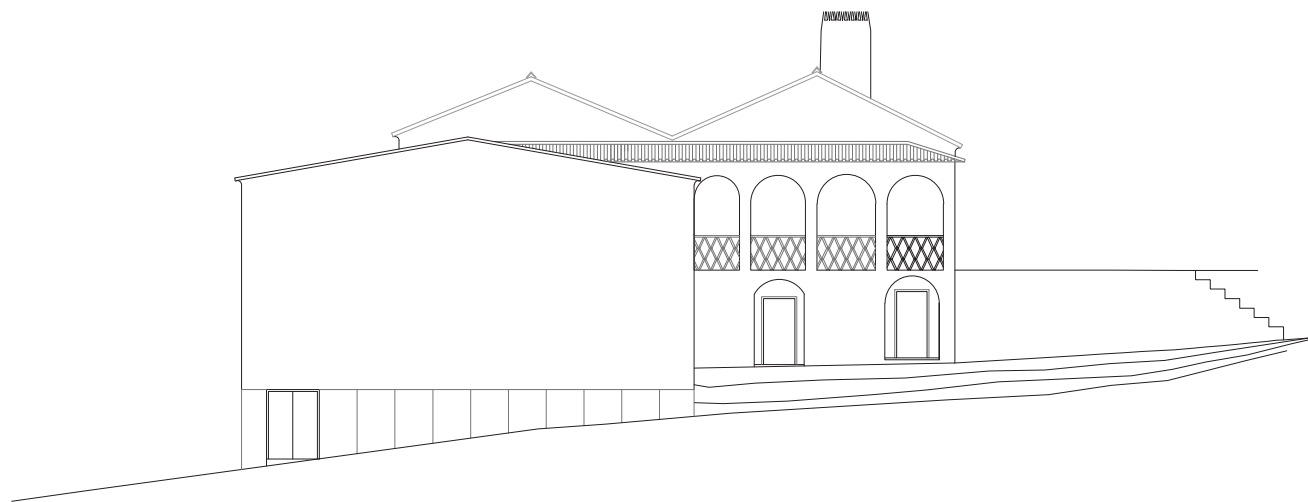




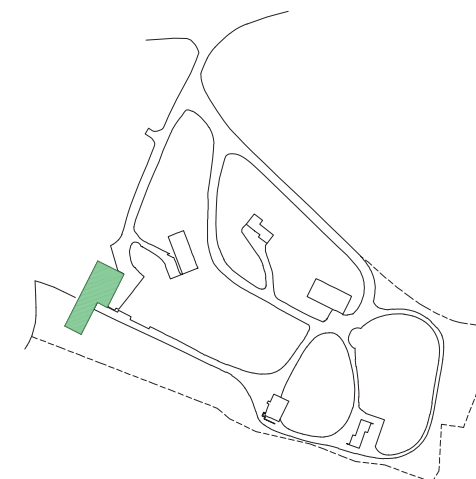


edifício-mãe  
plantas dos pisos superior e inferior  
1:200  
QS\_EM01

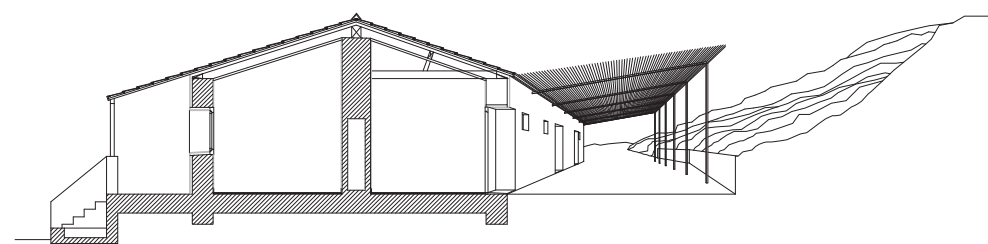
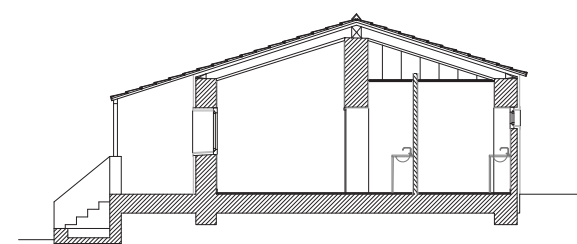
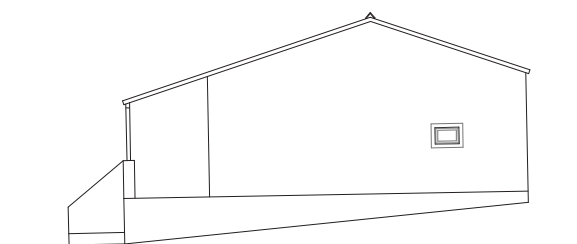
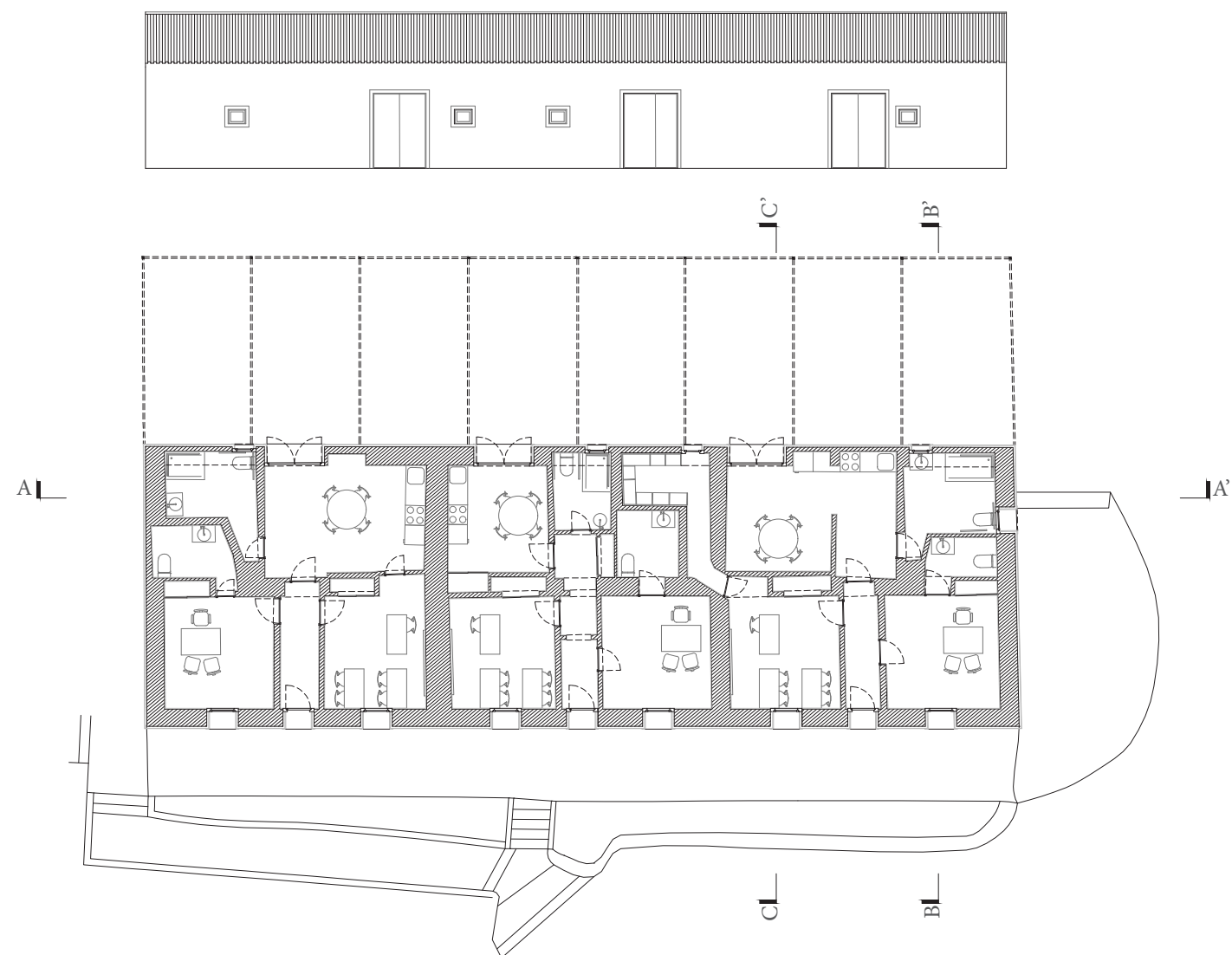




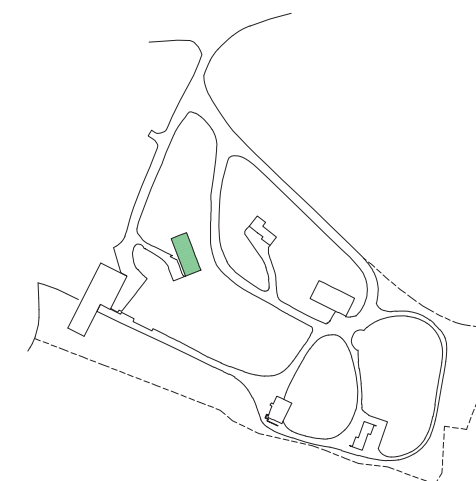
edifício-mãe  
alçados nascente, sul, poente e norte e cortes AA' e BB'  
1:200  
QS\_EM02



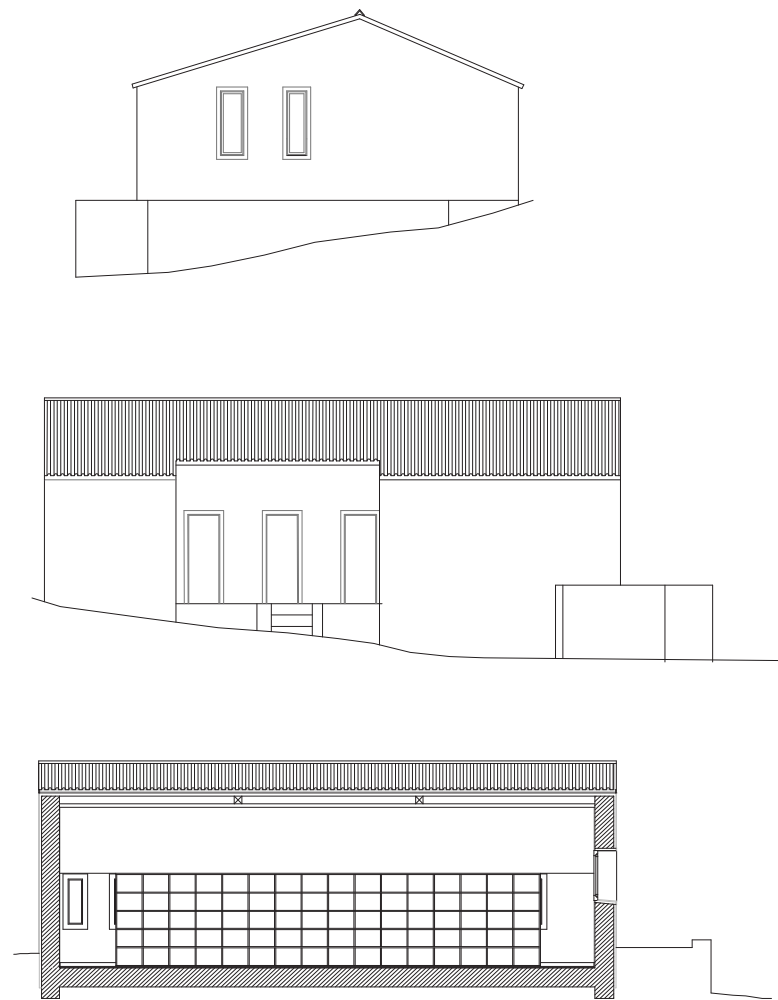
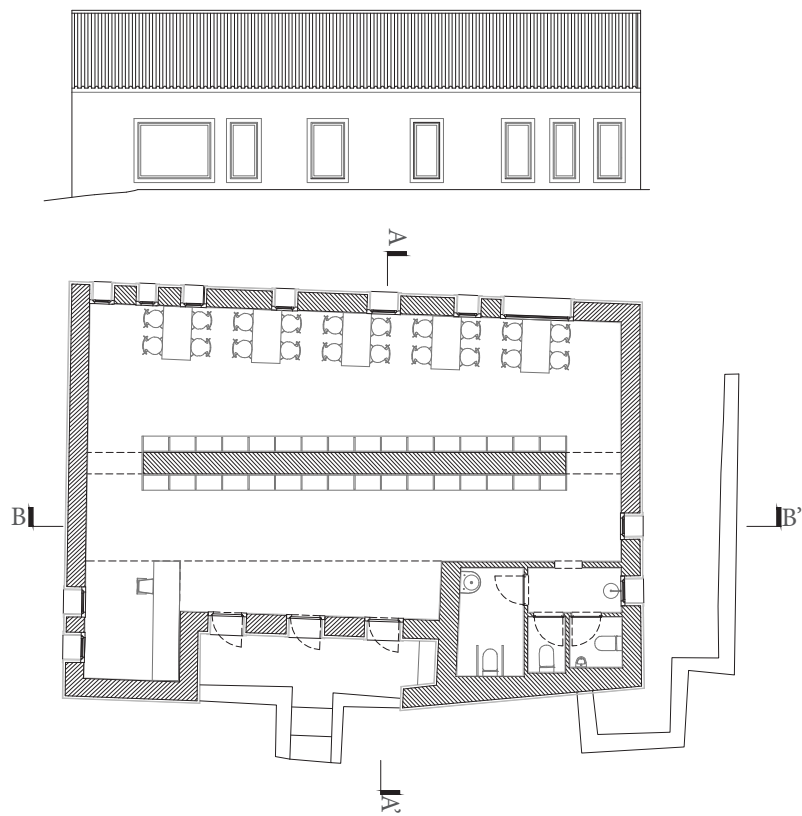
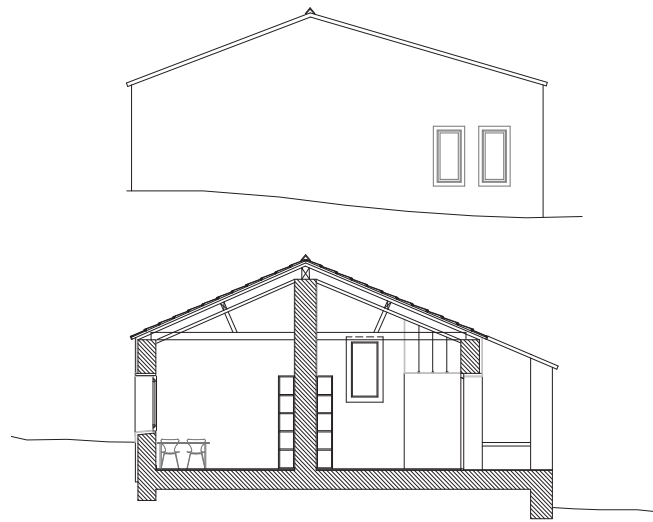




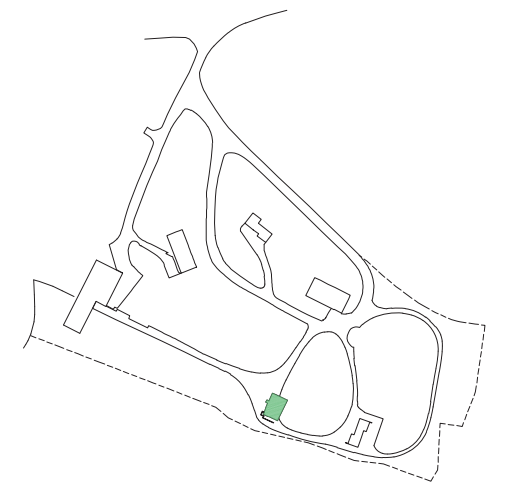
edifício de terapia ocupacional  
planta, alçados nascente, poente e sul e cortes AA', BB' e CC'  
1:200  
QS\_TOCUP





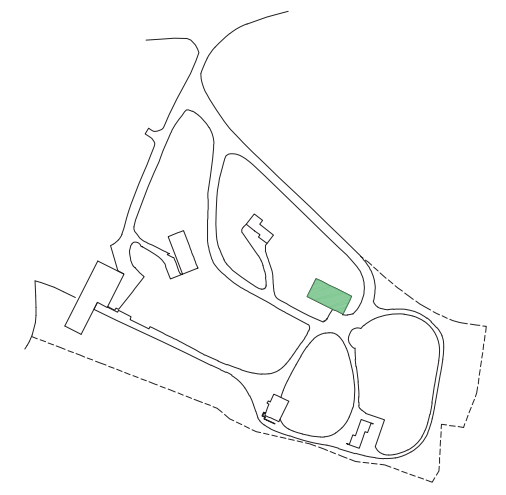


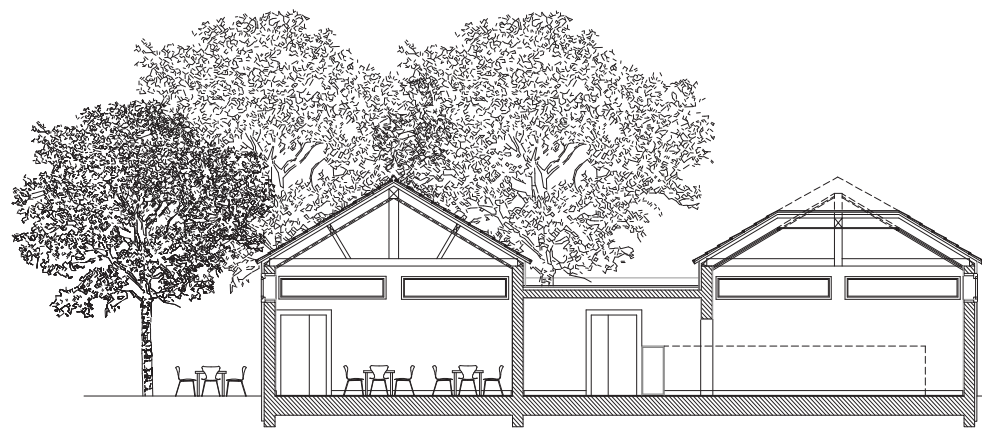
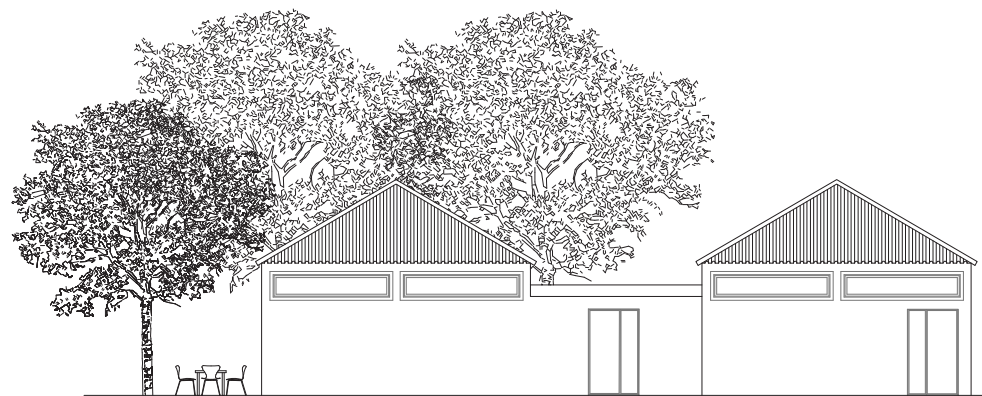
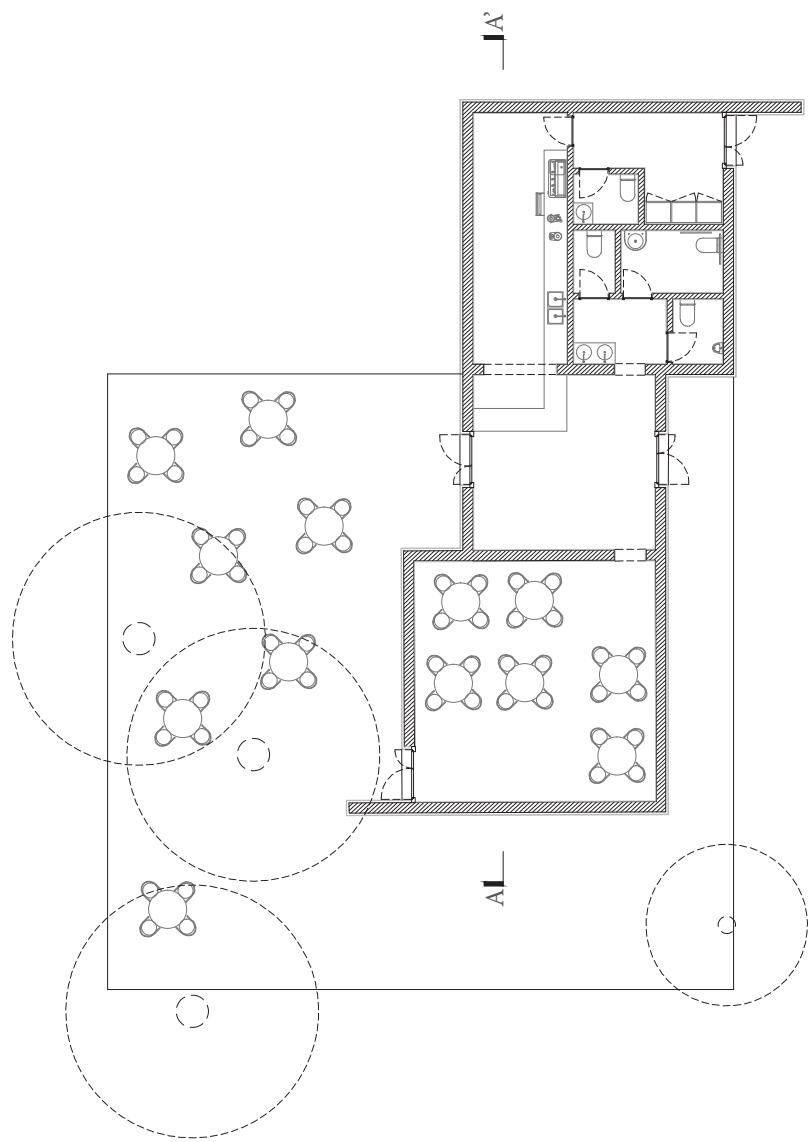
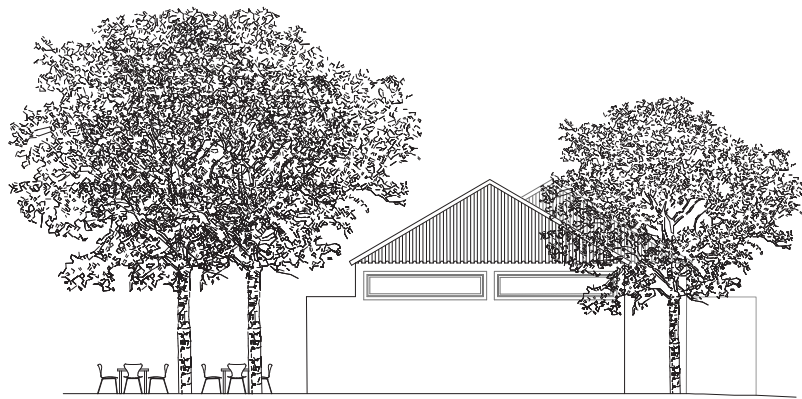
biblioteca  
alçados norte, sul, nascente e poente, cortes AA' e BB' e planta  
1:200  
QS\_BIBL



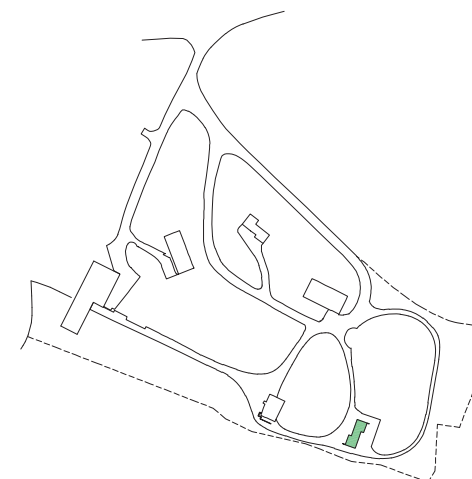


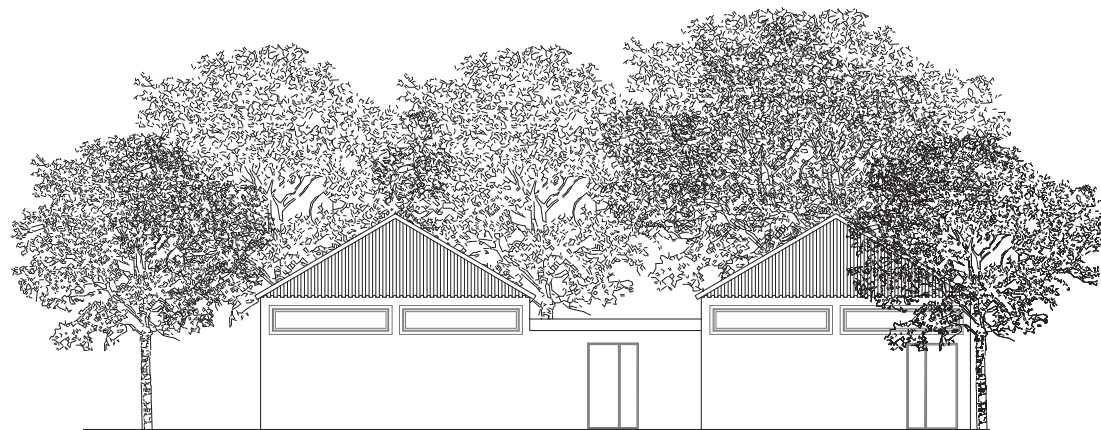
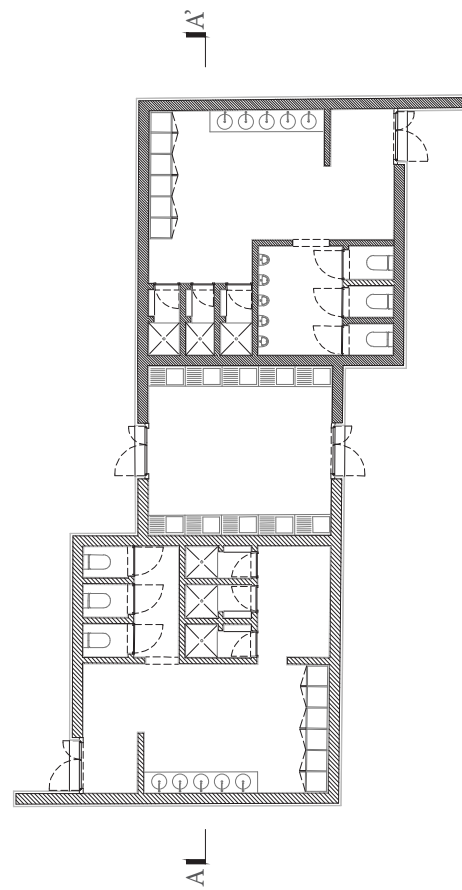
auditério  
alçados poente, norte, nascente e sul, cortes AA', BB' e CC' e planta  
1:200  
QS\_AUD





casa de chá  
alçados norte e poente, corte AA' e planta  
1:200  
QS\_CCH





balneários  
alçados poente e sul, planta e corte AA'  
1:200  
QS\_BAL

